



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA - PPGPSI

RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA

**FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE UMA PSICÓLOGA BASEADA NA
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA EQUOTERAPIA**

São Luís

2025

RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA

**FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE UMA PSICÓLOGA BASEADA NA
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA EQUOTERAPIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

São Luís

2025

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Souza, Rayana Lorena Vieira de.

A fenomenologia da experiência de uma psicóloga baseada na interação humano-animal na equoterapia / Rayana Lorena Vieira de Souza. - 2025.

116 p.

Orientador(a): Jean Marlos Pinheiro Borba. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2025.

1. Eequoterapia. 2. Fenomenologia. 3. Interação Humano-animal. 4. Psicologia. I. Borba, Jean Marlos Pinheiro. II. Título.

RAYANA LORENA VIEIRA DE SOUZA

**FENOMENOLOGIA DA EXPERIÊNCIA DE UMA PSICÓLOGA BASEADA NA
INTERAÇÃO HUMANO-ANIMAL NA EQUOTERAPIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Maranhão para a Linha de Pesquisa 1: Avaliação e Clínica Psicológica, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovado em: 05 de junho de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Carlos Santos Leal
Universidade Federal do Maranhão (UFMA)

Prof. Dr. Cristiano Roque Antunes Barreira
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Rafael Bastos Ferreira
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Profª. Dra. Valéria Marques de Oliveira
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Dedico este trabalho com todo o meu amor às minhas queridas avós: Adélia Ayres de Souza e Rosa Pereira da Costa Vieira (*in memoriam*). E também aos animais que já não estão mais comigo, mas que marcaram profundamente a minha existência: Capitu, Azeitona, Belo, Kobe, Pêpê, Sonhador e Malhado. Saudades.

As emoções são cavalos selvagens e em nenhum momento a razão conseguirá dominá-las por completo.

Paulo Coelho

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por Seu amor, graça e misericórdia, que me permitiram a aprovação no mestrado e me deram forças para não desistir diante de todos os percalços surgidos no caminho. Por colocar pessoas maravilhosas ao meu lado, dedico esta dissertação a cada uma delas:

À minha mãe, Rosângela, e ao meu pai, Chagas, por todo o apoio de sempre, traduzido em investimentos na minha educação desde a infância. Pelo incentivo para ingressar no mestrado, por cuidarem tão bem de mim e pela constante preocupação com a minha felicidade.

Ao meu irmão, Bruno Alex, por me ajudar com sua experiência e formação nos trabalhos acadêmicos, por estar presente em todos os momentos de dúvida e por sempre buscar me orientar. Ao meu sobrinho e afilhado, Luís Miguel, e à minha sobrinha, Ingrid, por serem a alegria da minha vida, o sorriso e o descanso nos dias difíceis. À minha cunhada e comadre querida, Cristiane, que deu à luz esses presentes de Deus para nossa família.

Ao meu avô tão amado e carinhoso, Cazuza — um verdadeiro afago na rotina cansativa. Vê-lo e sentir seu carinho é um conforto. Às minhas eternas saudades que já não habitam este plano: minhas avós, Adélia Ayres de Souza e Rosa Pereira da Costa Vieira (*in memoriam*), cuja presença continua viva em mim como fonte de fé e inspiração diária para ser uma pessoa melhor.

Ao meu cachorrinho Belo, que hoje não está mais neste plano, mas que deixou marcas profundas e eternas de amor em meu coração. À Kobe e a Pepê, meus gatinhos, por me ensinarem que o amor está nos gestos. E a todos os demais animais que fizeram parte da minha história ao desvelarem sentimentos lindos: os cavalos da Equoterapia, Sonhador e Malhado; a gatinha Capitu e seu filhote Azeitona, que foram meus primeiros animais de estimação, ainda na infância.

Às amigas e aos amigos que fizeram deste sonho uma realidade. Não poderia deixar de destacar Thaisa Viegas, a pessoa que mais me incentivou — sobretudo com atitudes — a enfrentar essa jornada. Sem ela, não sei se teria conseguido realizar este sonho. Sou grata por absolutamente tudo.

Aos colegas e amigos que o mestrado me proporcionou: Brenda, Jamille, Felipe, Carlos André e Márcio, pelas trocas de experiências que compartilhamos. Esta caminhada foi mais leve com vocês. À Lidianne Colares, amiga e inspiração de profissional desde a graduação em Psicologia, com quem tive muitas trocas significativas neste percurso acadêmico.

Ao meu orientador, professor Dr. Jean Marlos, meu muito obrigada pela confiança, pelos ensinamentos, pelas trocas e pela orientação paciente ao longo desta caminhada. Obrigada por acreditar no meu trabalho.

Agradeço a todos os membros do Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão, em nome do Comandante da Cavalaria que autorizou a realização desta pesquisa, o Major QOPM Alexsandro Ferreira Ramalho, pelo investimento nessa terapia, pelo zelo com os cavalos e pelo acolhimento e apoio aos estudantes pesquisadores. Muito obrigada por apoiarem minha pesquisa de mestrado.

RESUMO

A interação entre humano e cavalo é um fenômeno que perpassa a história, dos povos antigos à contemporaneidade. A equoterapia, um dos modos de interação entre esses seres, é um método terapêutico e educacional, inaugurado pela Associação Nacional de Equoterapia – ANDE BRASIL em 1989. Essa prática busca incorporar o cavalo de modo interdisciplinar, com o objetivo de desenvolver biopsicossocialmente pessoas com deficiências e/ou necessidades especiais. Apesar do crescente número de estudos sobre seus benefícios, ainda há escassez de pesquisas voltadas à vivência dos envolvidos nesse processo, especialmente sob a orientação da fenomenologia. Diante disso, esta dissertação teve como objetivo, realizar uma fenomenologia da experiência de uma psicóloga baseada nas interações entre humano e animal no contexto da equoterapia. Requerendo para o alcance deste, descrever os fenômenos que emergiam dessas experiências, identificar as evidências apodíticas e realizar uma análise transcendental dessas vivências. A pesquisa seguiu uma abordagem qualitativa, empírica, não experimental, e fenomenológica husserliana, com uso de diário de campo como instrumento de registro da experiência de 14 atendimentos, tendo como cenário o Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão – CEPMMA. Os resultados evidenciaram três essências centrais: medo, bem-estar e reflexão, todas marcadas por um processo dinâmico e intersubjetivo. A pesquisa demonstrou ainda, a importância do corpo como veículo primordial de percepção e sentido na prática terapêutica, destacando a empatia como meio de comunicação essencial na relação interespecies, o que passa pelas limitações da mesma no acesso à experiência alheia. Esta investigação aponta a relevância de considerar a experiência vivida como base para intervenções terapêuticas e reforça a potência do método fenomenológico como via de acesso ao mundo da vida dos sujeitos, contribuindo com a ciência psicológica de modo não normativo, mas vivencial.

Palavras-chave: Equoterapia. Fenomenologia. Interação Humano-Animal. Psicologia.

ABSTRACT

The interaction between humans and horses is a phenomenon that extends through history, from ancient times to the present day. Equine therapy, one of the possibilities of interaction between these beings, is a therapeutic and educational method initiated in 1989 by the National Equine Therapy Association (ANDE BRASIL). Its purpose is to use an interdisciplinary approach involving horses to develop individuals with disabilities and/or special needs biopsychosocially. Despite the growing number of studies about its benefits, there is still a research gap focused on individuals' experiences of this process, particularly from a phenomenological perspective. Therefore, this dissertation aimed to conduct a phenomenological study of the experience of a psychologist in human-animal interaction in the equine therapy context. To achieve this, it is necessary to describe the phenomena that arose from this experience, identify apodictic evidence, and produce a transcendental analysis of these experiences. The research adopted a qualitative, empirical, non-experimental, Husserlian phenomenological approach, using a field diary as a tool to record the experience of 14 sessions at the Equine Therapy Center of the Military Police of Maranhão (CEPMMA). The results revealed three central essences: fear, well-being, and reflection, all of them characterized by a dynamic and intersubjective process. The research also demonstrated the importance of the body as a primordial vehicle of perception and meaning in therapeutic practices, highlighting empathy as an essential form of communication in interspecies relationships, which involves the limitations of empathy in accessing the experiences of others. This investigation points to the relevance of considering lived experiences as a basis for therapeutic interventions and reinforces the value of the phenomenological method as a way of accessing individuals' lifeworlds, contributing to psychological science in a non-normative but experiential way.

Keywords: Equine Therapy. Phenomenology. Human-Animal Interaction. Psychology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Demonstrativo da divisão em cadeia das funções atribuídas ao cavalo.....	26
Figura 2	- Cavalo Caramelo ilhado sobre o telhado durante as enchentes	32
Figura 3	- Sargento Eduardo acariciando o cavalo Bizantino	33
Figura 4	- Lançamento de dados sobre cavalo.....	66
Figura 5	- Praticante realizando atividade de montaria	69
Figura 6	- Paticante escovando cavalo.....	73
Figura 7	- Praticante montado a cavalo durante sessão realizada na trilha	78
Figura 8	- Registros do Diário de Campo – Atendimento	79

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Atendimento e essências evidenciadas	60
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ANDE	-	Associação Nacional de Equoterapia
BE	-	Bem-Estar
BEA	-	Bem-Estar Animal
CEPMMA		Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão
CEP	-	Comitê de Ética em Pesquisa
CFP	-	Conselho Federal de Psicologia
CONEP	-	Comissão Nacional de Ética em pesquisa
CRP	-	Conselho Regional de Psicologia
GEPSIAA's		Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais
IAA's	-	Intervenções Assistidas com Animais
IAHAIO	-	Associação Internacional das Organizações Homem-Animal
IHA	-	Interação Humano Animal
IHC	-	Interação Humano Cavalo
PMMA	-	Polícia Militar do Maranhão
PPGPSI	-	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
TAA's	-	Terapias Assistidas com Animais
TCC	-	Trabalho de Conclusão de Curso
UFMA	-	Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	DA INTERAÇÃO ENTRE HUMANO E CAVALO À EQUOTERAPIA.....	21
2.1	Um olhar sobre as diferentes perspectivas da relação entre o humano e o cavalo ao longo da história	21
2.1.1	Objetificação e utilidade.....	24
2.1.2	Relação afetiva e de cuidado com o cavalo.....	30
2.2	As Terapias Assistidas com Animais – TAA’S	33
2.2.1	Equoterapia como uma TAA’s.....	36
3	A ATITUDE FENOMENOLÓGICA NA INTERAÇÃO HUMANO-CAVALO – IHC	47
3.1	O caminho da pesquisa	53
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	59
4.1	O desvelamento das essências.....	59
4.2	A redução transcendental	62
4.2.1	Percepções sobre a experiência do medo	63
4.2.2	Percepções sobre a experiência da reflexão	66
4.2.2.1	<i>Reflexões sobre o bem-estar humano e do animal</i>	<i>70</i>
4.2.2.2	<i>Reflexões sobre a técnica</i>	<i>72</i>
4.2.2.3	<i>Reflexões sobre a equipe interdisciplinar</i>	<i>74</i>
4.2.3	Percepções sobre a experiência de bem-estar.....	75
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
	REFERÊNCIAS	86

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação surgiu a partir da minha experiência como servidora pública militar, durante aproximadamente um ano de atuação no Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão - CEPMMA. Neste período, eu era estudante de psicologia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, e acompanhava a psicóloga do referido Centro, na função de membro da equipe equoterápica¹, ou seja, da equipe profissional responsável pelos atendimentos em equoterapia. Essa experiência despertou o meu interesse pelas Intervenções Assistidas com Animais² – IAA's, especificamente a equoterapia. Impulsionada pelas vivências, integrei ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais – GEPSIAA's em 2016, coordenado pelo Prof. Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba e em diálogo com profissionais e pesquisadores de outras instituições, o que proporcionou o arcabouço teórico necessário para o início desta investigação.

Em 2017, a pesquisa foi tema de comunicação oral no “I Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia” que ocorreu em Brasília. E em 2018, de forma mais aprofundada, gerou o tema da minha monografia, cujo título “A equoterapia enquanto possibilidade de vivência empática” encerrou a minha jornada na graduação. Sendo assim, esta dissertação consiste em uma expansão da investigação que já realizo desde a graduação do curso de Psicologia e participação no GEPSIAA's, com um novo olhar, na busca de preencher as lacunas que a monografia não conseguiu abarcar.

Além disso, há a compreensão de que este trabalho fortalecerá a linha de pesquisa sobre IAA's do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – PPGPSI da UFMA, com um primeiro estudo sobre a equoterapia via análise intencional fenomenológica aos moldes husserlianos, visto que nos últimos quatro anos, tivemos excelentes pesquisas voltadas para o tema das Intervenções Assistidas com Animais, a saber: *A psicologia e as intervenções assistidas por animais como relação de cuidado: um estudo fenomenológico da literatura* (Bastos, 2021); *Uma fenomenologia das intervenções clínicas com arte e interação humano animal* (Silva, 2020); *Intervenções Assistidas por Animais: diálogos sobre animais coterapeutas, bem-estar*

¹ Não foi encontrado uma conceituação deste termo no material bibliográfico levantado, apesar de utilizado em várias pesquisas sobre o tema. Diante dos estudos realizados se entende como “aquilo que é próprio da equoterapia”.

² Neste trabalho, utilizaremos a nomenclatura "Intervenções Assistidas com Animais" em vez de "Intervenções Assistidas por Animais", e "Terapias Assistidas com Animais" em vez de "Terapias Assistidas por Animais". Essa é a terminologia adotada pela *International Association for Human-Animal Interaction Organizations* (IAHAIO), e a escolha resulta das discussões realizadas pelos membros do GEPSIAA durante reuniões de estudo. Concluiu-se que as intervenções não são assistidas por animais, mas com animais, uma vez que estes atuam como protagonistas — coterapeutas — responsáveis por possibilitar a abertura à experiência, cabendo ao humano o papel de assistir e mediar a intervenção.

animal e clínica de orientação fenomenológica (Rezzo, 2020) e *Diálogos entre as Intervenções Assistidas por Animais – IAA's e a Psicopatologia Fenomenológica: possibilidades clínicas de intervenção em Psicologia* (Silva, 2019); todos orientados pelo professor Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba.

Nesse sentido, ressalta-se que tais pesquisas são importantes discussões acerca dos estudos das Intervenções Assistidas por Animais, para o programa, como também para esta pesquisa. No entanto, suas temáticas não abordam especificamente o tema da equoterapia, muito menos a oferecida pelo Centro da Polícia Militar do Maranhão. O que me levou a compreensão que dentro do programa de pós graduação, esta temática será uma das primeiras a se debruçar sobre este objeto, fortalecendo ainda mais a necessidade de investigação. De acordo com essa perspectiva, saliento a importância deste estudo, que tem como objeto as minhas vivências, enquanto psicóloga, a partir da relação entre humano e animal na equoterapia, por um viés fenomenológico.

Outrossim, para a ANDE BRASIL³, a equoterapia é um método terapêutico e educacional que utiliza o cavalo dentro de uma abordagem interdisciplinar nas áreas da saúde, educação e equitação, buscando o desenvolvimento biopsicossocial da pessoa com deficiência física e/ou necessidades especiais. O presente método tem como objetivo trazer benefícios físicos, psicológicos e/ou emocionais educacionais e sociais para as pessoas que neste processo equoterápico, são chamadas de praticantes⁴. Aproximadamente 10% da população mundial apresenta algum tipo de deficiência e/ou limitação. Com base nesses percentuais, a estimativa é que existam milhões de pessoas que possuem algum tipo de deficiência no Brasil (Cunha *et al.*, 2016). Por isso, é de suma importância que se priorize a elaboração de programas assistenciais a essas pessoas com o intuito de desenvolver suas potencialidades e sua integração na sociedade.

Uma das grandes questões que tornam esta investigação necessária, tem a ver com a escassez de pesquisas que entrelaçam a fenomenologia e a relação entre homem e animal na equoterapia. No Brasil, estudos como o de Foresti (2014) intitulado: *A compreensão das técnicas de equoterapia no campo da saúde: uma perspectiva fenomenológica* é um dos poucos trabalhos

³ A ANDE BRASIL, Associação Nacional de Equoterapia, é uma organização fundada em 1989 que regulamenta o uso do cavalo para fins terapêuticos no Brasil. Ela registrou o termo “equoterapia” e fundamentou sua prática no país.

⁴ “O praticante” é o termo utilizado para designar a pessoa em atividades equoterápicas. De acordo com Cunha *et al.* (2016), o indivíduo submetido a tratamento aprende padrões de movimentos coordenados para manter seu centro de gravidade sobre sua base dinâmica de suporte, o que é requerido pelo movimento do cavalo. Assim, ele se transforma em um participante ativo do processo da terapia, isso promove a reflexão a respeito da substituição da palavra paciente, por praticante.

em nível nacional que discutem o tema. E se tratando do estado do Maranhão, a escassez é ainda mais evidente.

Corroborar-se a isso, o fato de que a prática da equoterapia seja bastante recente. Ao se fazer uma comparação com outras terapias tradicionais, percebe-se que sua eficácia ainda é pouco estudada. E também, no que se refere aos estudos que entrelacem a Psicologia e a Equoterapia, o conhecimento é ainda menor (Souza, 2022). Principalmente, esta pesquisa pode fomentar a discussão abrindo um campo muito vasto para outros estudos e investigações sobre o assunto. Como também, contribuir para os profissionais e estudantes que se interessam em atuar e estudar a área, mas acabam tendo uma visão limitada por conta da pouca variedade de abordagens teóricas sobre a questão.

A equoterapia é um método terapêutico reconhecido pelos Conselhos Federais de Medicina, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Contudo, a equoterapia ainda não é reconhecida pelo Conselho Federal de Psicologia. De acordo com a ANDE Brasil (2010), a composição mínima da equipe básica de profissionais deve ter a presença do psicólogo. Isto demonstra ainda mais a relevância de estudar e pesquisar sobre os entrelaçamentos da Psicologia com a Equoterapia. Dessa forma, esta pesquisa possibilitará a estudantes e profissionais, sobretudo da área da Psicologia, que pretendem conhecer, pesquisar ou trabalhar com equoterapia, um novo olhar sobre este tipo de intervenção com animais. Esta proposta pretende oferecer um olhar para além da técnica, através de uma perspectiva fenomenológica. Uma pesquisa que busca acessar a essência das vivências nos atendimentos por meio das interações entre homem e cavalo nas sessões equoterápicas.

Na equoterapia da PMMA, enquanto parte da equipe interdisciplinar, tive a oportunidade de me aproximar especificamente dos cavalos, como também das vivências entre os humanos e os cavalos inseridos nesse contexto. Na aproximação destes relacionamentos, foi possível perceber a experiência do outro mais de perto, observar que os praticantes da equoterapia consolidavam um forte vínculo emocional com o cavalo durante as suas atividades, respondiam aos comportamentos do animal com extremo carinho e cuidado, em uma troca de atos e percepções.

Dentre as atividades proporcionadas na terapia, posso citar como exemplo, o praticante que alimenta o cavalo, conversa com o mesmo, banha-o, beija e abraça este animal. Tudo isso com o acompanhamento da equipe de profissionais. Ou seja, há um contato muito mais próximo do que apenas montar o animal, existe toda uma relação de convívio que faz tornar essa vivência mais afetuosa com os que as vivem. Em via dupla, o cavalo, por sua vez, corresponde à sua maneira a esse afeto. Seja com gestos corporais como o balançar da cabeça ou da cauda, ao

inclinar o corpo para próximo do praticante, bem como através de sons e olhares.

Em algumas situações, já presenciei praticantes assustados diante do animal, profissionais tensos e/ou com expectativas de que o praticante montasse no cavalo o mais rápido possível. Em outro exemplo, observei em alguns atendimentos o cavalo se negar a prosseguir com o atendimento, simplesmente paralisado no caminho do picadeiro. Essas relações entre praticantes, profissionais e cavalos me fizeram experienciar inúmeras sensações, emoções e reflexões.

Nesse contexto, instigada a pesquisar durante o meu percurso de leitura e reflexão, pude observar que, de modo geral, as pesquisas em equoterapia e terapias com cavalos têm-se dedicado a verificar os resultados promovidos pela relação homem-cavalo em contextos terapêuticos, na maioria das vezes a partir de variáveis previamente estabelecidas pelos pesquisadores. Levando em consideração que a equoterapia é uma terapia que possui uma fundamentação teórica predominantemente naturalista e um arcabouço técnico preestabelecido, reflito sobre a seguinte questão norteadora: o que pode ser revelado por meio de uma fenomenologia da minha experiência, enquanto psicóloga, baseada nas interações entre humanos e cavalos na equoterapia?

Para atingi-la, os seguintes objetivos e metodologia foram elaborados. Como objetivo geral, esta pesquisa visa realizar uma fenomenologia da experiência de uma psicóloga baseada nas interações entre humanos e equinos na equoterapia. Como objetivos específicos, foram elencados: descrever os fenômenos que emergem da experiência de uma psicóloga tendo como base a interação entre humanos e cavalos na equoterapia; identificar as evidências apodíticas dos fenômenos que emergem da experiência de uma psicóloga, baseada na interação entre humanos e cavalos na equoterapia, e a partir disso, realizar uma análise transcendental dessas vivências.

Partindo de uma perspectiva estrutural, este estudo está organizado em seis capítulos, a contar pela introdução que contém uma apresentação dos principais fundamentos desta pesquisa, bem como as temáticas a serem debatidas e os seus respectivos eixos teóricos. O segundo capítulo, “Da interação entre humano e cavalo à Equoterapia” é um percurso da relação entre humano e cavalo, até chegar à relação terapêutica que corresponde a Equoterapia. Sendo assim, falarei primeiramente sobre a relação utilitária e afetiva do homem com o cavalo, para, por fim, adentrar na Equoterapia, como um método das Terapias Assistidas com Animais (TAA's). Para este momento, buscamos pesquisas que muito contribuíram para o debate sobre a relação humana e animal, como o trabalho de Germán Gutiérrez *et. al.* em *Interacciones humano-animal: características e implicaciones para el bienestar de los humanos* de (2007),

A Psicologia e as Intervenções Assistidas por Animais como relação de cuidado: um estudo fenomenológico da literatura, de Felipe Fook Bastos e Jean Marlos Pinheiro Borba (20), além da *Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo* (2016), produzido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). Finalmente, há também a literatura que trata especificamente da Equoterapia, como as produções da ANDE BRASIL, a exemplo da *Apostila do Curso Básico de Equoterapia* (2012) e livros clássicos como *A Psicomotricidade na Equoterapia* de Lermontov (2004).

O terceiro capítulo, “A Atitude Fenomenológica na Interação Humano-Cavalo – IHC” é uma apresentação teórico-metodológica que fundamenta esta pesquisa: a fenomenologia husserliana. São abordados, nesse contexto, importantes discussões de Edmund Husserl, como o estudo *A ideia da fenomenologia* (1907), *Crise das Ciências Europeias e a Fenomenologia Transcendental* (1936), entre outros. Além das demais contribuições, como as de Cristiano Roque Antunes Barreira, acerca das reflexões de *A bela Adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica* (2014), Jean Marlos Pinheiro Borba em *Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo* (2015) entre outras contribuições que permitem refletir sobre a fenomenologia enquanto postura epistemológica e método que se contrapõem ao naturalismo, possibilitando a investigação das relações entre humanos e animais sobretudo pela via da empatia.

Na segunda seção deste capítulo, intitulado “O caminho da pesquisa”, reflito minha escolha por uma abordagem qualitativa de orientação fenomenológica, compreendendo a fenomenologia como ciência das essências e como método que exige o despojamento dos pressupostos naturais por meio da epoché e das reduções fenomenológicas — psicológica, eidética e transcendental. Descrevo, então, como se deu minha imersão no campo, enquanto psicóloga voluntária inserida no Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão (CEPMMA), como realizei o registro das vivências e o instrumento utilizado. Por fim, explico como conduzi a análise fenomenológica desses registros.

O quarto capítulo “Análise e Discussão dos Resultados”, está dividido em duas importantes seções, a primeira trata da demonstração da redução eidética. Portanto, essa parte da pesquisa organiza e apresenta as essências identificadas em cada atendimento, destacando aquelas que se mostraram invariantes ao longo do processo. A discussão se desdobra a partir do entrelaçamento entre as doações de sentido que me atravessaram e os aportes teóricos da fenomenologia husserliana, especialmente no que diz respeito à vivência no mundo da vida (*Lebenswelt*), à intersubjetividade e à constituição das essências.

Por fim, na segunda seção do capítulo “Análise e Discussão dos Resultados”, é localizada a redução transcendental, sendo assim, concluo o caminho fenomenológico da análise, restaurando as vivências desveladas à esfera da consciência transcendental. Neste momento, volto-me às essências apodíticas – medo, bem-estar e reflexão – evidenciadas nos atendimentos, para compreendê-las em sua estrutura última de sentido, tal como se manifestam à consciência que doa significado. O foco passa a ser o retorno dessas vivências para mim, isto é, o modo como elas se constituem no fluxo da minha consciência intencional.

2 DA INTERAÇÃO ENTRE O HUMANO E O CAVALO À EQUOTERAPIA

Este capítulo consiste em uma discussão sobre a relação humana com o cavalo, adentrando o método das Terapias Assistidas com Animais (TAA's) que utilizam o cavalo, mais especificamente, a equoterapia. Sendo assim, em um primeiro momento, farei uma exposição da relação entre o humano e o cavalo ao longo da história, até chegar aos aspectos que dizem respeito à nossa contemporaneidade. Isso leva a discorrer sobre como divido esta relação em dois principais eixos: *relação utilitária* e a *relação de afeto e amizade*. Neste momento, considero importante trazer alguns dados de pesquisas já desenvolvidas, bem como exemplos onde a relação humana com o animal expressa afeto e amizade.

Isto exposto, darei prosseguimento ao debate trazendo à luz da discussão a equoterapia, uma das Terapias Assistidas com Animais (TAA's), cujo método é objeto de estudo desta dissertação. Para tal feito, falarei a respeito das Intervenções Assistidas com Animais (IAAS), bem como das Terapias Assistidas com Animais (TAA's) e da equoterapia como uma Terapia Assistida com Animais (TAA's). Discorrerei sobre o que consiste no método, quais profissionais são necessários para que seja possível a sua aplicação e de que maneira é conduzido este método terapêutico específico. Ademais, proponho com este capítulo a compreensão desta relação humana com o cavalo, e como esta é significativa para a equoterapia.

2. 1 Um olhar sobre as diferentes perspectivas da relação entre o humano e o cavalo ao longo da história

Segundo Leitão (2008), é possível que a relação entre homem e cavalo remonte à pré-história, no período paleolítico (de 3.5 milhões a.C. a 10.000 a.C.), sem exatidão. Mas, se paramos para observar os primeiros registros da humanidade, a exemplo as pinturas rupestres, é perceptível que muitas delas já retratavam o cavalo ao lado dos homens, o que confirma que essa relação entre os seres remonta as sociedades mais antigas (De Coulanges, 2006). É certo que em diferentes momentos da história, a figura dos equinos desempenha um papel fundamental no universo relacional cotidiano do homem, mesmo que este papel, por vezes, seja coadjuvante. Eles estiveram presentes nas grandes guerras e cruzadas, na caça, já foram o principal meio de transporte do homem, atuaram na agricultura e no desporto, ou seja, este animal fez parte do processo de desenvolvimento da humanidade em diferentes civilizações.

De acordo com Navas (2009), o processo de domesticação dos cavalos teve início em territórios da Ucrânia, Rússia e em regiões do Cazaquistão, por volta de 7.500 a.C. A princípio, eles foram utilizados apenas com a finalidade de montaria, já que nessa época ainda não havia a popularização dos bovinos e ovinos, como também, o homem não possuía o conhecimento

tecnológico da roda. Mas, ao longo do tempo, a domesticação estreitou os laços entre os seres, e foi esse processo que popularizou os equinos pela Europa e Ásia. Vale ressaltar que, até então, os únicos animais domesticados, eram os cavalos e os cães.

Segundo Dotti (2014), de modo geral, os animais sempre ocuparam posição ativa em diferentes âmbitos da vida humana, seja no vestuário, nos transportes, na religião, na alimentação, na ciência, nas conquistas territoriais, na vida social, e até mesmo na cultura. Em todas as nuances, eles foram fundamentais para a vida que se constituiu no passar dos séculos. Especialmente o cavalo, sua força, velocidade e imponência, tornou-se um símbolo de poder, reis e faraós o utilizavam a frente de batalhas, corroborando para a representação de imponência.

Segundo Ramos (2016) nos combates, andar a cavalo assegurava superioridade sobre aqueles que não montavam o próprio animal, era a honra do cavaleiro. Sendo assim, essa figura impetuosa foi integrada ao imaginário coletivo, dando origem às lendas, mitos e folclores por todas as civilizações a qual foi integrado. Entre os greco-romanos, o cavalo desempenhava um papel nos ritos fúnebres, era degolado e enterrado com seu dono, pois havia a crença de que assim, esta criatura prestaria no pós-morte, o mesmo serviço que prestara durante a vida ao seu proprietário (De Coulanges, 2006).

Ao ter como base essa conjuntura, consigo entender que a relação entre homem e cavalo também é um produto da cultura, da sociedade em que se refere e do tempo histórico do qual faz parte. É possível também que com o passar dos anos, esta relação tenha sofrido inúmeras mudanças, não podendo ser estática e comum a todos os espaços e sociedades. Com efeito, ressalto que a relação entre homem e cavalo é dinâmica e se apresenta de acordo com o contexto geográfico, histórico e cultural, segundo os estudos de Hering (2020).

Para Lermontov (2004), ao domesticar o cavalo, o homem fez dele uma extensão do seu próprio corpo. Com ele aprendeu a ser forte e valente, bem como se apropriou da sua velocidade, ampliando o contato com o mundo, sendo possível percorrer longas distâncias em menos tempo. Além disso, segundo a autora, o cavalo possibilita que o homem entre em contato com o seu lado instintivo, adquirindo maior domínio sobre si mesmo. Ou seja, a relação do homem com o cavalo afetou e continua a afetar no seu modo de ser.

Nas Américas, de acordo com Rafael Di Francesco Souza (2022), o cavalo foi extinto há mais de 10 mil anos atrás, isso só veio a acontecer por conta da caça predatória humana e as mudanças climáticas. Antes disso, é possível que raças evoluídas do *Prezewalski*, um dos mais antigos cavalos selvagens, tenham migrado para a Ásia, por meio do estreito de Bering. Foi devido a expansão marítima que eles retornaram às Américas transportados nas grandes

navegações para o seu continente de origem. A sua chegada trouxe um forte impacto para as comunidades indígenas, tanto na América do Norte, quanto na América do Sul. Em ambas, ele ganhou grandes significados e passou a fazer parte da sua vida e existência.

Ainda segundo Souza (2022), na América do Norte, a recepção dos indígenas aos cavalos foi devastadora a princípio, pois os equinos foram associados aos mitos antigos de animais destruidores que assolariam os seus povos. O que não deixa de fazer sentido, já que os cavalos foram uma das principais armas dos europeus na dizimação e massacre dos indígenas por toda a América do Norte. No entanto, esta relação muda a partir do contato direto com os animais, que se perdiam dos seus donos, “os homens brancos” e eram acolhidos pelos indígenas. Estes deixaram de temer, passando a domar e a montar os equinos, desenvolvendo técnicas distintas das dos colonizadores. Esta relação foi tão profunda que o cavalo foi incorporado na simbologia espiritual indígena norte-americana, a tal ponto que a etimologia da palavra inglesa *horsemanship*, de acordo com Souza (2022), refere-se ao relacionamento entre homem e cavalo.

Não diferente do que aconteceu na América do Norte, na América do Sul os cavalos foram facilmente integrados à realidade indígena, o que segundo Souza (2022), no sul do Brasil, indígenas das Pampas Gaúchas, os *Charrua* e *Minuano*, enternecidos com os animais, os integraram às suas práticas e crenças. Nos rituais fúnebres, quando um indígena falecia, ao lado do seu corpo era colocado o corpo do seu cavalo, pois estes acreditavam que o animal guiaria o seu tutor pelo mundo espiritual. Além disso, os cavalos também atribuíram poder aos *Charrua*, estes eram “Famosos comedores de carne, costumavam promover saques rápidos e violentos às fazendas e reduções por toda a região sul do Brasil, Uruguai e Argentina, sempre montados em seus cavalos” (Souza, 2022, p. 31).

Segundo De Coulanges (2006), o cavalo foi o recurso mais usado pelo homem para se deslocar em terra, sendo considerado o mais seguro e rápido até então. No entanto, com a chegada da Revolução Industrial no século XVIII, algumas mudanças ocorreram no meio de transporte humano, a invenção da máquina a vapor sana boa parte da necessidade de locomoção do homem. Ressalto que o cavalo não deixa de ser um meio de transporte, ele só passa a não ser mais o único. O que proporciona que sua finalidade no meio social passa a ganhar novas nuances, a sua finalidade utilitária, dá lugar a uma visão menos objetificada, e eles começam a serem percebidos como companheiros.

Nesse percurso, a maneira como nós humanos nos relacionamos com o cavalo foi construída por duas vias: a primeira diz respeito à forma utilitária na qual ele foi visto e tratado, onde, de acordo com De Coulanges (2006), o animal seria um “recurso”. Enquanto que a segunda, refere-se à via do vínculo emocional entre esses seres, que se evidencia pela amizade

e companheirismo entre ambos. O vínculo afetivo foi possível à medida que este animal, passou a pertencer ao cotidiano humano, ou seja, domesticado. A relação entre humano e cavalo pode ser compreendida através da discussão do vínculo naturalizado e não naturalizado entre o homem e animal.

A esse respeito, Bastos e Borba (2018, p. 253), afirmam que:

A relação naturalizada é aquela na qual o animal é objetificado por uma pretensa utilidade para o homem e é desprovido daquilo que o caracteriza e o identifica em essência: sua animalidade. [...] A outra possibilidade de relação consiste em uma relação não naturalizada, no qual o animal ainda é intencionado em sua essência, e não um mero fim para um meio ou um objeto, uma ferramenta qualquer. Ele encontra em si mesmo a sua razão, e não é precisamente dotado de sentido por qualquer atributo ou causa externa.

Dessa forma, percebo que há uma necessidade de traçar um delineamento entre estes dois modos do homem de se relacionar com o cavalo, principalmente no que diz respeito à contemporaneidade, com enfoque na realidade cultural brasileira. Sendo assim, os subcapítulos a seguir, estabelecem um paralelo entre o que chamarei de *objetificação e utilidade*, bem como de *relação afetiva e de cuidado*. Meu intuito não é abordar todas as formas em que o ser humano se relaciona com o cavalo, mas perpassar sobre alguns pontos que desmitificam uma concepção heróica desta relação. Sendo assim, falarei primeiramente sobre aquela em que o cavalo é um recurso para, consecutivamente, passar àquela em que ele é imbuído de muitos outros significados e representações.

2.1.1 Objetificação e utilidade

Não é de hoje que a relação de utilidade entre os humanos e os animais existe, segundo Gutiérrez *et al.* (2007) em *Interacciones humano-animal: características e implicaciones para el bienestar de los humanos*, ela sempre existiu, no entanto o processo de domesticação proporcionou uma outra forma desta relação. Apesar de algumas espécies terem sido domesticadas, isto não anula o fato de que, para algumas culturas, elas continuam sendo utilitárias. Ressalto que a maneira como concebemos a relação com determinada espécie, é, muitas vezes, determinada por nosso recorte cultural.

De acordo com Germán Gutiérrez *et al* (2007, p. 166, tradução nossa):

As interações entre humanos e animais são altamente complexas hoje em dia. Eles incluem elementos legais (Ramírez, 2001), econômicos (Kanis, De Greef, Hiemstra e van Arendonk, 2005), sociais (Fundação Purina, 1994), médicos (Fundação Purina, 1999) e psicológicos (Cusack, 1991). Essa complexidade e a importância que essas interações representam para nossas sociedades, nem sempre se refletem na forma como são abordadas do ponto de vista científico.

Dessa forma, na contemporaneidade as relações com os animais são muito mais

complexas, existem aqueles que são domesticados, os que são utilizados como força de trabalho, desporto, tração e os animais que servem de consumo alimentício, como também aqueles que transitam entre os polos domésticos e de consumo. O cavalo é um animal cuja relação com o humano abarca todas estas complexidades, seu uso para fins de locomoção não se encerrara após o surgimento de novas formas de transporte.

Goloubeff e Tavares (2022, p. 206) relatam que o uso dos equinos como animais de carga foi selecionado por um processo lento,

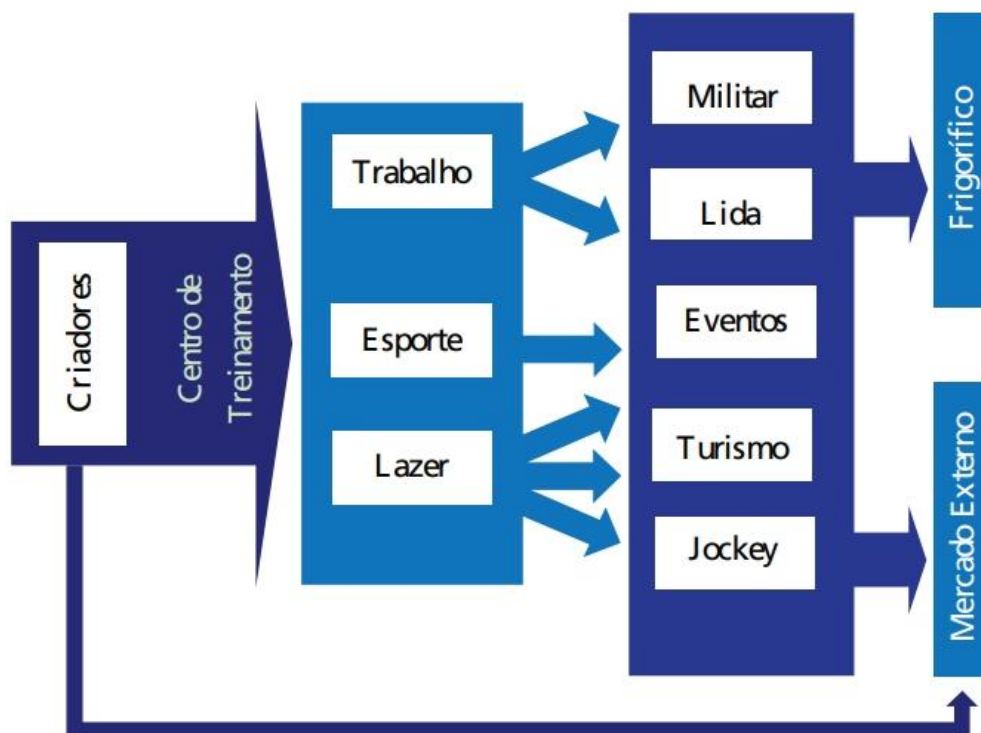
Desta forma, desde a sua domesticação, os cavalos foram lentamente sendo selecionados de acordo com sua aptidão, conforme o que o ser humano desejava que o animal produzisse, seja transporte montado ou transporte de cargas e serviço agrícola, o que gerou a classificação primária de cavalos em Sela e Tração.

A classificação entre montaria e tração fora determinada pela capacidade do animal de suportar peso, como também o seu tempo de trabalho, velocidade, força, temperamento, lombar e resistência. Por estes motivos, algumas raças são bem mais requisitadas para trabalhos de carga, enquanto que outras para montaria. De acordo com *a Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo* (2016) produzido pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), a tropa nacional da população de equinos no Brasil é superior a 5 milhões de cavalos. Dentre estes, estão contabilizados os cavalos de lida, os de raça, lazer e competição. Algo de interessante que percebo neste estudo, é que mesmo após as máquinas e o avanço da tecnologia, setores como o de pecuária e agrícola, ainda demandam da força de trabalho dos equinos como um ponto decisivo de suas atividades.

No Brasil, existe um vasto setor voltado para o agronegócio do cavalo, o que envolve um montante de criadores, centros de treinamentos e comercialização do animal. Este último, é determinado pelos aspectos funcionais apresentados pelo cavalo, ou seja, o que eles chamam de “produto final”, é definido pela conjuntura do animal.

Vejamos a imagem a seguir, para melhor compreender esta dinâmica:

Figura 1 - Demonstrativo da divisão em cadeia das funções atribuídas ao cavalo



Fonte: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA (2026).

É perceptível como a atividade do cavalo se divide, primordialmente, em três funções: trabalho, lazer e esporte. Cada um destes segmentos das atividades também possuem uma subdivisão, no trabalho, o cavalo é destinado ao militar e a lida, no esporte se enquadra o hipismo⁵, enquanto que nos eventos, estão presentes tantos os animais destinados ao esporte, como os do mercado externo, e o lazer, que inclui o turismo e o *jockey*⁶. Ainda em consonância com estes dados do Ministério da Agricultura, estas atividades, muitas vezes, podem se apresentar em um papel duplo, ou seja “[...] uma escola de equitação pode tanto ser o consumidor final do produto cavalo quanto ser um elo anterior ao frigorífico na cadeia da carne de equinos” (MAPA, 2016, p. 14). Da mesma forma, cavalos em trabalho militar, também participam de competições esportivas.

Sobre o uso do cavalo para fins de trabalho, estima-se que haja cerca de 3,9 milhões de

⁵ Apesar de não aparecer claramente o hipismo dentro da categoria de esporte da Figura 1, em um quadro mais complexo elaborado pela MAPA (2016, p.14) o hipismo corresponde à categoria esporte como uma prática mapeada pelo Ministério da Agricultura.

⁶ *Jockey* refere-se à prática de corridas de cavalos organizadas, tradicionalmente vinculada a instituições de turfe e realizadas em hipódromos. É uma atividade esportiva regulamentada, que envolve apostas, normas específicas de conduta, preparo técnico dos animais e acompanhamento por entidades especializadas (Machado, 2004). Para o público que assiste às corridas ou frequenta eventos em hipódromos, o ambiente pode ter uma dimensão de lazer, pois envolve entretenimento, apostas e eventos sociais.

equinos em atividades de lida, de acordo com o Censo Agropecuário de 2006 (MAPA, 2016, p. 29). Parte deste valor apresentado diz respeito às atividades pecuárias diversas, ou seja, cerca de 72% dos equinos são utilizados em atividades como a lavoura, criação de outros animais, plantações, entre outros. Enquanto que os outros 25% dizem respeito ao uso do equino em tração animal e mecânica. Devo destacar que estes valores decorrem de uma pesquisa feita em propriedades rurais, onde se concentra o maior número de equinos no Brasil.

Antes de adentrar no uso da tração urbana do animal, quero chamar a atenção para duas informações importantes deste estudo feito pelo Ministério da Agricultura, a primeira delas diz respeito a Minas Gerais como o estado com o maior número de criatórios de equinos. Segundo este “[...] 49,49% dos estabelecimentos criam o equino para a lida (especialmente com o gado bovino); 16,57% são criados para lazer e esporte; 6,81% com objetivo exclusivamente comercial; e, 27,13% apresentaram mais de um objetivo [...]” (MAPA, 2016, p. 29). Com isso, observo que quase a metade da criação de equinos é destinada à comercialização para a lida, o outro maior número deste percentual, diz respeito aos cavalos criados para outras finalidades.

Outra informação a qual não quero perder de vista, é que os cavalos de tração “São animais que tradicionalmente recebem poucos cuidados, em geral criados a pasto e os cuidados recebidos quase que se limitam às aplicações de vermífugos” (MAPA, 2016, p. 29). No geral, o custo da manutenção destes animais é muito baixo, cerca de R\$ 10 por mês, o que significaria um custo anual de R\$ 120 por cabeça.

Sem perder a cadeia dos animais de lida, não posso deixar de mencionar os equinos de tração urbana. De acordo com Chaves *et al.* (2014) é comum “[...] a utilização de equídeos de tração para acolhimento do lixo produzido. Logo, o animal de tração surge como uma ferramenta de trabalho, cuja saúde e bem-estar devem ser observados” (Chaves et al., 2014, p. 302). No Maranhão, o 11º estado com a maior população de equinos no país, em cidades mais desenvolvidas, como a capital São Luís, o cavalo ainda é muito utilizado na tração urbana, principalmente em áreas mais carentes da cidade. Por estes motivos, é comum observá-los sendo utilizados no transporte de material de construção, em coletas de entulhos e outros materiais diversos, ainda segundo Chaves *et al.* (2014).

É importante ressaltar que a atividade carroceira em São Luís, é uma prática culturalmente aceita que remonta ao século XIII, quando a cidade ainda possuía o seu aspecto provinciano e existia um forte movimento portuário no cais da Praia Grande. Segundo o estudo desenvolvido por Silva (2023) em sua dissertação de mestrado intitulada como “*Ser carroceiro é correria*”: vida carroceira a partir do bairro COHATRAC, em São Luís – MA, atualmente São Luís é uma das cidades brasileiras que possui suas próprias leis de regulação profissional

dos carroceiros.

Segundo Da Silva (2023, p. 33),

[...] através da Lei n.º 4201 de 19 de maio de 2003 e estabeleceu o Dia Municipal dos Condutores de Veículos de Tração Animal no ano subsequente (Lei n.º 4392/2004). Isso coloca a cidade em um contexto regulatório da atividade que contrasta com outras capitais brasileiras (como indicarei na continuidade), as quais têm implementado leis visando à proibição imediata ou à redução gradual das atividades com tração animal. Adicionalmente, a Lei n.º 215/2010 oferece direcionamentos sobre as normas a serem observadas nas ruas durante a realização dessa atividade.

Segundo esta Norma Municipal n.º 215, para dispor da circulação das carroças, é necessário que o atuante tenha uma habilitação específica licenciada pelo Código de Trânsito Brasileiro (CTB), segundo da Silva, é a “[...] Autorização para Conduzir Veículo de Tração Animal (ACVTA), além de adaptação nas carroças para usufruir de um Certificado de Registro de Veículo de Tração Animal (CRVTA)” (Da Silva, 2023, p. 33). Além disso, é necessário um acompanhamento anual da saúde do animal, que deve ser feita por um médico veterinário, a fim de identificar sinais de maus-tratos ou violência com o animal.

Outro aspecto do cavalo para a lida, é o serviço militar, em que segundo a MAPA (2016), o uso do animal é feito tanto pelo Exército Brasileiro, quanto pelas Polícias Militares. De acordo com o estudo de Fernando Jahn Bessa e Denise Pereira Leme em *Criação de cavalos de uso policial militar na polícia militar de Santa Catarina* (2020), existe uma diferença entre o emprego diário dos cavalos usados pela Polícia Militar em relação aos utilizados pelo Exército: “[...] enquanto os exércitos os utilizam para fins cerimoniais, os policiais os mantêm visando o serviço policial caracterizado por situações de estresse.” (Bessa; Leme, 2020, p.106). O que significa dizer que os cavalos da Polícia Militar estão bem mais envolvidos em missões de patrulhamento diário, urbano ou rural, e missões de restabelecimento da ordem pública, em relação aos do Exército.

Ainda segundo Bessa e Leme (2020), os equinos que são utilizados no serviço militar precisam apresentar características muito específicas, como boas condições de saúde, força, resistência, velocidade e, sobretudo, comportamento adequado, com atributos como “obediência e coragem”. Os que não cumprem todos estes requisitos, podem estar aptos a exercerem outras tarefas nos planteis militares, como o esporte ou mesmo a equoterapia, mas inaptos ao policiamento montado. Pois, para o policiamento, é necessário o desempenho superior no quesito comportamento, constituindo-se esta a característica mais importante a ser levada em consideração da cavalaria montada.

Já que mencionei os cavalos de esporte do segmento militar, outra cadeia que considero

importante é a do cavalo para esporte e lazer, em que, segundo a Revisão do Estudo do Complexo do Agronegócio do Cavalo do MAPA, os “animais utilizados para atividades de esporte e lazer totalizam 1.100.000 cabeças.” (MAPA, 2016, p. 31). No Brasil, este setor movimenta um comércio muito vasto, tanto que podemos encontrar os equinos de esporte e lazer em estabelecimentos com diferentes objetivos, como “comerciais (criação para vender produtos); profissionais (prestação de serviços para terceiros, como, por exemplo, escolas de equitação); e, particular (criação para uso próprio” (MAPA, 2016, p. 31).

Dentre esse valor de 1 milhão de cabeças, a estimativa que a cavalgada corresponda cerca de 6,4% do valor total dos equinos, enquanto que a vaquejada 12,9% e o hipismo 17,2%. Diferentemente dos cavalos de lida, que possuem um baixo custo de manutenção, os de lazer e esporte consomem muito mais ração, bem como medicamentos e demais produtos e serviços. Estima-se, segundo o MAPA, que este segmento movimenta cerca de R\$ 5,84 bilhões, o que corresponde o valor de R\$ 5.309 por cabeça anual.

Até aqui, mencionei as diferentes formas em que a relação homem e cavalo se estabelece de maneira utilitária, no entanto, em todas elas, falei sobre o uso físico do equino, da sua força, agilidade e velocidade. Como último ponto deste subcapítulo, não menos importante, mas complexo e sensível, deve-se apontar o consumo da carne de cavalo. O Brasil é um país que culturalmente não consome a carne de cavalo como alimento, porém, segundo uma matéria publicada por Carla Lettieri no *Animal Equality* (2024), está entre os países que mais exportam a carne equina da América. Ou seja, no ranking dos maiores exportadores de carne de cavalo, o Brasil ocupa a quarta posição.

É importante ressaltar que já existe no país um Projeto de Lei, a PL 2387/2022 que visa proibir o abate de animais equídeos e equinos para o comércio de consumo de carne. Ainda de acordo com a matéria de Carla Lettieri (2024), no Brasil existem apenas cinco matadouros de cavalo legalizados pela fiscalização federal, três estão localizados na Bahia, um no Rio Grande do Sul e o outro no estado de Minas Gerais. Já os abatedouros clandestinos, ela aponta, ultrapassam o número de cem. Ou seja, não consumimos carne de cavalo, mas somos um país que abate o animal e o exporta como produto frigorífico.

Por fim, devo reiterar que nem toda relação que aqui mencionei como sendo de utilidade, não possa também ser afetiva. Como já foi debatido, existem aquelas que transitam entre ambos os polos. Sendo assim, onde a relação com o animal é para fins de força de trabalho, 'pde haver também afeto e amizade. Assim como no esporte, no lazer e em tantas outras instâncias, o alcance desta relação abrange todas as suas complexidades. No subcapítulo a seguir, falarei com mais precisão dessa relação de afeto e domesticação.

2.1.2 Relação afetiva e de cuidado com o cavalo

É pertinente começar este subcapítulo ressaltando que a relação de afeto, amizade e companheirismo entre homem e cavalo, sempre existiu, bem como a relação de uso e trabalho. É possível que ambas coexistam em um mesmo elo, já que não é possível afirmar, por exemplo, que no cotidiano de trabalho de um carroceiro, não haja afeto e amizade pelo animal. Ou mesmo, em uma relação de convívio próximo, o equino não venha a ser também, um recurso. Neste ponto, recorro mais uma vez ao trabalho de Bastos e Borba, quando estes discorrem que “[...] animal doméstico é adquirido com um objetivo específico de fazer companhia e oferecer afeto, um afeto incondicional.” (Bastos; Borba, 2018, p. 257), no entanto, quando as expectativas não são atendidas ou o ônus de arcar com as responsabilidades da vida de um outro ser se sobressaem à relação, o animal é facilmente abandonado e descartado como um objeto sem mais utilidade.

Enquanto a relação entre animal e humano estiver em um plano hierárquico antropocêntrico, ou seja, relação naturalizada, o animal será posto em uma posição inferior ao homem. De acordo com Bastos e Borba (2018, p. 242), é somente “quando concebido nessa posição de outro que se pode então relacionar-se verdadeiramente, e que a ocorrência de afeto e a implicância de uma concepção ética é posta e estendida para o animal.” Claro que neste trecho do trabalho, os pesquisadores partem de uma análise do animal em TAA’s, no entanto isso também se aplica na relação comum. Independente da realidade situacional, a partir da compreensão do animal como outro, a relação é passiva de sentimento e cuidado, pois esta “[...] desperta um sentido de cuidado com o outro e de autocuidado, como também é capaz de dar sentido à existência, mesmo que outrora, adoecida [...]” (Bastos; Borba, 2018, p. 242).

Sobre um olhar da relação afetiva e de amizade entre homem e cavalo, considero importante mencionar alguns exemplos sobre essa perspectiva afetiva. No contexto da presente reflexão, retorno para a minha própria experiência de interações que tive com cavalos. Após romper a barreira dos primeiros contatos em que senti medo, diante de um ser grande e, até então, desconhecido, esse animal ao me permitir realizar gestos de carinho, ao tatear o corpo, a crina, bem como estabelecer troca de olhares, percebia dele um movimento de reciprocidade ao se dirigir a mim, aproximar-se do meu corpo e dessa maneira, desencadeava em mim sensações de bem-estar e acolhimento. Os cavalos comunicam-se por intermédio de vocalizações e de sinais corporais utilizando, por exemplo, as orelhas, os olhos, a cauda, as patas, a boca, os andamentos e o pescoço (Marins, 2023).

Segundo Dukes (2006), essa percepção pode ser explicada por meio da sensibilidade

olfativa dos animais. Os animais ao estarem em nossa presença, captam e identificam as reações químicas que acontecem em nosso organismo, reconhecendo o estado de humor e de saúde em geral. Como também, por meio da audição, estes são capazes de captar sons que são imperceptíveis aos seres humanos. De forma que toda essa sensibilidade, como também a capacidade de perceber o que não está evidente em nossas percepções, vem lhes tornar seres únicos e fortes aliados para um bom relacionamento. Com essas características, que ao mesmo tempo os fazem semelhantes e diferentes dos seres humanos, os animais possuem uma percepção mais sensível para captar sentimentos e sensações humanas, pois com seus instintos, eles fazem uma leitura da nossa expressão corporal e compreendem algo da linguagem do sentimento.

Partindo dessa capacidade de percepção dos equinos, o norte-americano Monty Roberts desenvolveu um outro método de doma, denominado de *Equus*, ou *Doma Gentil*, em que nele o domador não faz uso de violência e sim aprende a desenvolver uma conexão com o cavalo, compreendendo as suas manias, seus vícios e os possíveis problemas psicológicos, por meio da observação e sensibilidade. É possível conhecer mais sobre este método na obra autobiográfica *O homem que ouve cavalos* (2023), nela Monty Roberts fala sobre as suas experiências de doma, sobre o amor pelos cavalos, a forma como este se comunica e entende a linguagem dos animais, a ponto de desenvolver uma relação de confiança, a efetivar a doma.

Para Roberts, a comunicação com o animal parte de “[...] uma língua não descoberta; uma língua primitiva, precisa e fácil de ser aprendida. Uma vez aprendida, ela permite um novo entendimento entre homem e o cavalo.” (Roberts, 2023, p. 6). Ou seja, uma compreensão do animal, do seu sentir e as suas atitudes a partir disso, o que demonstra a necessidade de se compreender o outro, mesmo quando este não se comunica na mesma linguagem. Para estudiosos como Lermontov (2004), é evidente que a convivência aproximada e a mudança da estimativa utilitária para o vínculo afetivo, possibilitaram novas nuances nesta relação entre os dois seres.

Como exemplo, quero relembrar quando, durante as enchentes que aconteceram no Rio Grande do Sul em 2024, a imagem de um cavalo caramelo repercutiu por toda a mídia nacional e se tornou símbolo de resistência à tragédia enfrentada pela população gaúcha. Transmitido ao vivo em rede nacional, foi possível ver o animal ilhado em um telhado, imóvel, sem poder mudar de posição, privado de água potável e comida. Logo este cenário se espalhou pelas redes sociais, comovidas com a situação do animal, inúmeras pessoas começaram a se mobilizar e exigir às autoridades o resgate do cavalo caramelo. A empatia coletiva foi o que salvou a vida do equino, já que após diversos desafios enfrentados pelos bombeiros e socorristas, o animal

foi resgatado em segurança e levado para terra firme, onde pôde receber os devidos cuidados.

Figura 2 - Cavalo Caramelo ilhado sobre o telhado durante as enchentes



Fonte: Imagem da internet – Jornal Nacional (2024).

De acordo com a reportagem do site Jornal Nacional (2024), o Rio Grande do Sul é um estado que possui uma relação muito aproximada com o cavalo, fazendo parte das tradições culturais todo ano comemorar a Revolução Farroupilha com cavalgadas: “É uma tradição que faz parte do DNA do povo gaúcho e celebra uma parceria: homem e cavalo são quase uma coisa só.” (Jornal Nacional, 2024). No entanto, essa relação de amor ao animal excedeu o povo gaúcho, ganhando proporções coletivas, mobilizando inúmeros brasileiros que acompanharam durante dias, via internet e pela televisão aberta, os desafios enfrentados pela equipe de resgate do cavalo caramelo. É possível perceber nesta atitude empatia e cuidado com a vida do equino, sem vias de utilidade, afinal, era de interesse de muitos o bem-estar do animal.

Aproximando esta relação com o nosso objeto de estudo, considero relevante falar sobre a relação entre o policial militar e o cavalo do policiamento montado. Para este, trago como exemplo a sensível história do Sargento Eduardo Oliveira Santos e do cavalo Bizantino em que, após 14 anos de amizade, trabalho e companheirismo no Regimento de Polícia Montada (RPMon) de São Paulo, o Sargento sonha em adotar o cavalo de 19 anos que estava prestes a se aposentar da lida. De acordo com a reportagem do “Sargento”, os cavalos da PM podem ser aposentados a qualquer momento se eles não apresentarem bom estado de saúde, limitações físicas ou de comportamento. No entanto, o comum é a aposentadoria por idade do equino que na média chega aos 20 anos de idade.

Figura 3 - Sargento Eduardo acariciando o cavalo Bizantino



Fonte: Imagem reproduzida da internet – Reportagem “Sargento”.

A idade avançada de Bizantino não parece ser um problema para o Sargento, que mesmo enfrentando dificuldades e não possuindo um espaço adequado para o animal em sua residência, manifesta o seu profundo desejo de manter os cuidados com o cavalo e a sua relação de amizade e afeto com o animal. Ainda segundo a reportagem, além do militar, uma família em Goiás também manifestou o seu interesse em adotar Bizantino, por conta da conexão emocional existente entre Clara Valentina com o animal. Clara é uma criança de seis anos que teve contato com o cavalo durante o tratamento de um câncer na tireoide, ela visitava o regimento onde conheceu o equino.

Duas histórias que se atravessam e estão conectadas pelo afeto mantido pelo animal, Bizantino possui significados tanto para o Sargento, quanto para a criança. A sua possível adoção simboliza o impacto que o animal causou nestas duas vidas e como é possível uma conexão que, estando para além da utilidade, é sobre amor e companheirismo. Pesquisas demonstram que a interação do homem com o animal de estimação promove efeitos positivos no comportamento e na saúde dos indivíduos (Serpell, 1993 *apud* Almeida *et al.*, 2009), e tendo em vista isso, no subcapítulo a seguir, discorrerei com mais profundidade, sobre as Terapias Assistidas com Animais (TAA'S), e em especial, a Equoterapia, como a principal terapia que é fonte deste estudo.

2.2 As Terapias Assistidas com Animais – TAA's

É importante ressaltar que, dentre as variadas formas de relação entre os seres humanos

e os animais, uma delas é a relação terapêutica. É a partir dessa relação que surgiu as Intervenções Assistida com Animais – IAA’s e também as Terapias Assistidas com Animais – TAA’s. No Brasil, a primazia dos trabalhos que envolvem interações entre humanos e animais é atribuída à Dra. Nise da Silveira, no Hospital Psiquiátrico Engenho de Dentro, na década de 1950, de acordo com Dotti (2012). São inúmeras as organizações no Brasil e no Mundo que regulamentam os programas de Intervenções Assistidas com Animais hoje em dia. A exemplo, posso citar: *Delta Society*, *International Association Human – Animal Interaction (IAHAIO)*⁷ e a Associação Nacional de Equoterapia (ANDE – BRASIL).

E de acordo com a IAHAIO (2018, p.5), trago as seguintes definições de IAA’S e TAA’s:

A Intervenção Assistida com Animais é estruturada e orientada por objetivos, e intencionalmente inclui, ou incorpora, animais em serviços de saúde, educação ou assistência social (por exemplo, trabalhos sociais), com o propósito de obter ganhos terapêuticos para os humanos. Isso envolve pessoas com conhecimento acerca das pessoas e animais participantes. As Intervenções Assistidas com Animais incorporam equipes formadas por Ser humano-animal, em serviços destinados a pessoas, como a Terapia Assistida com Animais (TAA), a Educação Assistida com Animais (EAA) ou as Atividades Assistidas com Animais (AAA). Elas podem incluir Coaching Assistido com Animais (CAA). Tais intervenções devem ser desenvolvidas e implementadas usando uma abordagem interdisciplinar.

Esta definição mais atual da IAHAIO sobre o que é IAA’s, na qual observo a presença das palavras “inclui, ou incorpora” em detrimento da palavra “utiliza animais” considero como uma reparação necessária ao modo em que a ciência natural colocava e ainda coloca, em muitas pesquisas, os animais em caráter de submissão aos humanos, quando estes se esquecem da essência sencientes destes seres. Esta troca de palavras enfatiza uma preocupação que deveria estar presente desde os primórdios das discussões acerca de qualquer interação entre humano e animal, a questão do bem-estar animal.

Ao excluir termos que colocam o animal no lugar de “coisa ou objeto” ou ainda de “instrumento”, podemos resgatá-los à condição de ser vivente, que assim como nós, humanos, carecem de cuidados e respeito. Sobre esta necessidade, a lei que dispõe sobre a prática da equoterapia e suas obrigações relata no artigo 5º, algumas poucas palavras: “o cavalo utilizado em equoterapia deve apresentar boa condição de saúde, ser submetido a inspeções veterinárias regulares e ser mantido em instalações apropriadas” (Brasil, 2019).

Em uma das poucas pesquisas que encontrei que se comprometem com o objetivo de entrelaçar a Fenomenologia e a Equoterapia que tem como título *A compreensão das técnicas*

⁷ Associação Internacional de Organizações de Interação Humano-Animal (tradução nossa).

da equoterapia no campo da saúde: uma perspectiva fenomenológica de Foresti (2014) é enfatizado que os animais são usados pelos humanos fora da ética, e muitas vezes são explorados por não possuírem o livre arbítrio e a escolha, pois não podem escolher como os seres humanos.

Foresti (2014) também afirma que quando é feita referência à Equoterapia, sua ótica está voltada para o bem-estar do animal, e não para o abolicionismo, pois pensando na sua utilização na direção dos fatos históricos, neste ambiente terapêutico seria o de menor sacrifício para o cavalo. Dessa forma, a Equoterapia não defende a exclusão dos animais da prática terapêutica para as pessoas, mas busca em sua condução evitar danos ou ter o menor dano possível para o cavalo.

Ademais, como uma ramificação das IAA's é importante explicar a definição de Terapia Assistida com Animais – TAA'S. De acordo com IAHAIO (2018, p. 5),

Terapia Assistida com Animais (TAA): a Terapia Assistida com Animais é uma intervenção terapêutica orientada por objetivos, planejada e estruturada dirigida e/ou implementada por profissionais da saúde, educação ou assistência social, incluindo, por exemplo, psicólogos e assistentes sociais. O progresso da intervenção é medido e incluído na documentação profissional. A TAA é implementada e/ou dirigida por um profissional com formação acadêmica (com licenciatura, graduação, bacharelado ou equivalente) com especialização na área de atuação profissional. A TAA se preocupa em melhorar o funcionamento físico, cognitivo, comportamental e/ou socioemocional do ser humano beneficiado, em particular, seja no grupo ou individualmente. O profissional que oferece a TAA (ou a pessoa responsável pelo manejo do animal sob a supervisão de um profissional da área da saúde) deve ter conhecimento adequado sobre o comportamento, necessidades, saúde, e indicadores de regulação de estresse dos animais envolvidos.

Nesses fatores, tenho a compreensão que a Equoterapia é uma Terapia Assistida com Animal - TAA, especificamente, é uma terapia com cavalos. Foi nesta modalidade terapêutica e na vivência com estes animais que trabalhei por aproximadamente um ano em um órgão público estatal. Em sua consistência, a terapia fundamenta-se na apropriação dos efeitos benéficos que a interação com o animal provoca no ser humano, de forma orientada e objetiva, que aponta numa obtenção ou melhora da saúde daquele sujeito humano envolvido nessa relação. Ela é uma prática com critérios definidos em que o animal é o protagonista na promoção da melhora dos aspectos físico, emocional, cognitivo e/ou social de humanos (Machado *et al.*, 2008).

Desde Hipócrates de Loo (458 a 377 a.C.), considerado o pai da medicina, já se recomendava, em seu livro “*Das dietas*”, andar a cavalo para regenerar a saúde e proteger o corpo humano de muitas doenças, propõe-se também na utilização do tratamento da insônia e na melhoria do tônus dos cavaleiros. O referido método foi recomendado para diversos pacientes

com variadas patologias que, devido a isto, eram excluídos do meio social. Uma das grandes precursoras do presente método, foi Liz Hartel que fazia uso para o tratamento de pessoas com deficiências, em 1960, sendo que esta amazona foi acometida por poliomielite (Cunha, *et al.*, 2016).

De acordo com Lermontov (2004), Liz Hartel foi pioneira na Dinamarca, para o início da equitação terapêutica moderna para pessoas com deficiência. Acometida pela poliomielite em 1943 e na condição de usuária de cadeira de rodas, ela foi medalha de prata em adestramento nos Jogos Olímpicos de Helsinky, Finlândia, em 1952, competindo com os melhores cavaleiros do mundo. Esse feito se repetiu quatro anos depois, nas Olimpíadas de Melbourne, em 1956. Esta amazona contribuiu significativamente para que a classe médica despertasse para o interesse pelo programa da atividade de equestre como meio terapêutico.

São diversas as nomenclaturas dadas à interação homem e cavalo, nas quais o cavalo é direcionado como agente terapêutico: hipoterapia, psicoterapia facilitada por cavalos, equoterapia, dentro outros termos. Reflito sobre essa variedade de nomes que remete à não padronização do relacionamento entre humano e cavalo, ou seja, uma dificuldade de normatização da interação entre homem e cavalo para que se tenha ganhos terapêuticos. Compreendo esse cenário, tendo em vista que, a humanidade e a animalidade só são o que são, em vista das suas autenticidades, que não são únicas, mas sim múltiplas nos seus modos de ser e de se relacionarem. No entanto, nesta pesquisa, o meu olhar se atém, especificamente, à equoterapia, e por este motivo, no subcapítulo a seguir, falarei de maneira mais aprofundada sobre o seu percurso, até esta ser reconhecida como um método terapêutico.

2.2.1 Equoterapia como uma TAA's

As terapias com cavalos tiveram um maior alcance maior após a Primeira Guerra Mundial, em que foram desenvolvidos programas para reabilitar soldados feridos e/ou amputados a melhorar o controle postural. Os países escandinavos foram os primeiros a utilizá-lo com tal finalidade, com resultados muito satisfatórios, estimulando o nascimento de outros centros terapêuticos na Alemanha, França e Inglaterra (ANDE-Brasil, 2010). Dessa forma, a utilização do cavalo para atingir fins terapêuticos é alavancada com o objetivo, sobretudo, de reabilitação e desenvolvimento motor. Logo, a comunidade médica, e posteriormente, os fisioterapeutas, foram os profissionais engajados em fomentar essa prática, na qual se exalta, sobretudo, sua relevância do ponto de vista biológico. Por conta de suas atribuições terapêuticas, o cavalo se tornou um dos animais protagonistas das Intervenções Assistidas com Animais.

A Equoterapia foi definida pela ANDE BRASIL (2010) como um método terapêutico que utiliza o cavalo numa abordagem interdisciplinar, no envolvimento de áreas do conhecimento como a educação, a saúde e a equitação, com a finalidade de desenvolver o biopsicossocial de pessoas com limitações e/ou necessidades especiais. No direcionamento que o cavalo é um animal comumente incluído nas Terapias Assistidas com Animais (TAAs), por seu perfil físico e temperamento maleável, de acordo com Breslau (2012), o animal é destaque na reabilitação física, psíquica e/ou social de muitos indivíduos.

Segundo a ANDE-BRASIL (2012), em 1988, uma equipe de pesquisadores brasileiros viajou até a Europa para aprofundar o conhecimento sobre os benefícios da relação entre homem e cavalo, das práticas terapêuticas feitas com o cavalo e a cavalo, e as formas de organização da atividade. Logo após, em 10 de maio de 1989 foi fundada a Associação Nacional de Equoterapia – ANDE BRASIL, que fica localizada na Granja do Torto, em Brasília – DF. Em 1990 ocorreu a primeira sessão de equoterapia na sede da ANDE, com o apoio de profissionais de saúde do Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek – SARA. Destarte, o termo “Equoterapia” é de propriedade da ANDE-BRASIL, conforme registro no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (Mdic). A criação de um termo próprio foi uma forma de buscar normatização, ordenação e controle dessa prática, por meio de uma doutrina nacional elaborada por profissionais brasileiros e com embasamento e obediência à legislação brasileira, nossas especificidades sociais e culturais, com a intenção de evitar que esse tipo de terapia se proliferasse de qualquer modo e dificultasse o seu reconhecimento técnico científico (ANDE – BRASIL, 2012).

Em 1997, o método de atendimento equoterápico proposto pela ANDE-BRASIL foi reconhecido pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) e, em 2008, pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e pela Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF). Em 1999 foi realizado o primeiro congresso nacional de Equoterapia, e o último foi realizado em Florianópolis, em 2018. Em maio de 2019 foi sancionada pelo presidente da república a lei de número 13.830, que regulamenta a Equoterapia como método de reabilitação para pessoas com deficiência (ANDE-BRASIL, 2021).

É importante ressaltar que no estado do Maranhão, de acordo com Barros (2016), a equoterapia iniciou-se em outubro de 2001, no Esquadrão de Polícia Montada (EPMont), com o impulso da implantação da Escolinha de Equitação para a prática do hipismo, realizada pelo Coronel Francisco Mariotti. No dia 24 de fevereiro de 2005, o Governador do Estado, José Reinaldo Tavares, através do decreto nº 21.021 de 20 de janeiro de 2005, inaugurou o primeiro

Centro de Equoterapia do Estado, trazendo melhorias e condições para o desenvolvimento biopsicossocial de pessoas com deficiências, bem como a promoção de estudos técnico-científicos na área de saúde e a difusão do tratamento no Maranhão (Barros, 2016).

A Equoterapia é guiada pelos profissionais que atendem em fases e programas que direcionam as intervenções terapêuticas e ressoam no relacionamento entre humanos e cavalos. Ela possui aspectos específicos e amplos que considero de suma importância para o seu entendimento, na qual tratarei agora, para que haja conhecimento e reflexão.

A equipe de profissionais que realiza o atendimento na equoterapia é multidisciplinar, uma vez que deve ocorrer o diálogo entre diversas áreas do conhecimento, a ANDE BRASIL (2010) determina que para formar uma equipe básica de equoterapia deve ter um fisioterapeuta, um psicólogo e um profissional de equitação, obrigatoriamente. Porém, afirma que quanto mais ampla a equipe, diversificada em seus olhares de atuação, melhor para o desenvolvimento do trabalho em favor da pessoa em atendimento.

Isso demonstra tanto a interdisciplinaridade da equoterapia, que promove o entrelaçamento entre várias áreas do conhecimento científico, como também a complexidade de se implantar uma clínica com estrutura mínima, sobretudo no que tange à remuneração dos profissionais, à manutenção das instalações, equipamentos, e ao bem-estar e saúde dos cavalos coterapeutas. De acordo com o trabalho de Duarte (2019), o valor de investimento para uma infraestrutura necessária é de R\$ 501.243,15, o que torna o acompanhamento quase inviável se não por meios públicos. Por esses motivos, a viabilização da oferta da terapia pelo Sistema Único de Saúde - SUS e espaços como o da Polícia Militar do Maranhão são tão importantes e necessários, porque eles democratizam o acesso à equoterapia.

Outro autor que faz uma reflexão acerca disso, é Souza (2022, p. 36), que afirma:

O que se verifica, na prática, é que os praticantes de famílias de baixa renda, na maioria dos casos, conseguem acesso à Equoterapia somente a partir de programas de Organizações não Governamentais em parceria com as prefeituras municipais que acreditam na importância do tratamento. No contexto das hípicas e centros particulares, verifica-se que uma pequena parcela dos atendimentos é filantrópica, isto é, quando ela existe. Espera-se que, com a nova lei de 2019, os convênios e seguros de saúde arquem com a responsabilidade de fornecer a atividade equoterápica para os praticantes que forem indicados a recebê-la.

Como já mencionada, a Lei n.º 13.830 de 13 de maio de 2019 é a que regulamenta sobre a prática da equoterapia. Ela determina que a equipe multiprofissional deve ser constituída por médico e médico veterinário, e descreve esses profissionais como uma equipe de “apoio”, ou seja, tanto o médico quanto o médico veterinário não participam das sessões de equoterapia, somente estão relacionados à avaliação de indicação ou contra-indicação da prática e da saúde

do animal. Também cita a necessidade de uma equipe mínima de atendimento composta por psicólogo, fisioterapeuta e um profissional de equitação, que pode, de acordo com o objetivo do programa, ser integrada por outros profissionais, como pedagogo, fonoaudiólogo, terapeuta ocupacional e profissionais de educação física, que devem possuir curso específico de equoterapia. A prática da equoterapia é condicionada ao praticante mediante parecer favorável em avaliação médica, psicológica e fisioterápica.

É importante ressaltar que a prática do médico na equoterapia é diferente dos demais membros da equipe, como o psicólogo, o fisioterapeuta e o equitador. A partir da minha experiência, observei que o médico no centro de equoterapia exercia uma função relacionada à “chefia”, no sentido que este avaliava, direcionava a equipe, tomava decisões, porém o serviço do atendimento com o praticante na interação com o cavalo, este profissional não executava. Segundo a ANDE-BRASIL (2012), o médico pode atuar como orientador e consultor técnico no atendimento equoterápico, em questões relacionadas a diagnósticos e quesitos correlatos. Além disso, destaca que o papel do médico, seja integrante efetivo da equipe, seja o profissional que dá atendimento familiar ou institucional, é o de avaliação e liberação para a prática equoterápica. Procede a avaliação com o objetivo de indicar ou contraindicar ou condicioná-la com precauções em alguns casos à prática da equoterapia, além de realizar reavaliações periódicas para verificação de progressos terapêuticos.

Considero imprescindível a atuação de um profissional da medicina nas atividades desenvolvidas no centro de equoterapia, porém, quando eu realizava os atendimentos na equoterapia eu me questionava o porquê de este profissional não sair da sua sala para realizar o atendimento no picadeiro com os demais profissionais.

Segundo Souza (2017), a função do médico se restringe ao pré-atendimento, que consiste na avaliação e no encaminhamento, além das orientações e recomendações à equipe que irá acompanhar o praticante nos atendimentos com o cavalo de forma contínua. Em comparação aos demais profissionais, o médico se diferencia, na medida que este não se faz presente nos atendimentos em campo, o que evidencia certo distanciamento deste profissional da interação humano-animal.

Entendo que este lugar distanciado da medicina os demais campos do conhecimento em serviços de saúde não se inicia na equoterapia, mas é uma construção histórica e social antiga e que é legitimada nos dias atuais por instrumentos legais que têm levantado discussões entre diversas categorias de profissionais. O mais evidente exemplo que posso mencionar é a Lei do Ato Médico. A lei do ato médico é um instrumento legal voltado à regulação da prática médica. Ao tratar do Ato Médico, faço referência à Lei 12.842/2013 (Brasil, 2013).

De acordo com Tenório *et al.* (2022), a regulamentação dos atos médicos prevalece como uma vantagem para a corporação médica. Ao pretender a exclusividade da prática médica em múltiplas abrangências, o Ato Médico termina por intensificar conflitos com profissões da saúde que compartilham seus atos profissionais.

Portanto, esse instrumento busca perpetuar o monopólio sobre o saber e a prática das profissões, o que garante um privilégio exclusivo e uma “fatia” maior no mercado de serviços para os médicos. Este monopólio sobre o saber acaba contribuindo para enaltecer o ideário social hegemônico da medicina quando corrobora para a sua supremacia intelectual.

Sobre isso, Tenório, Oliveira e Moraes (2022, p. 10), analisam que:

Reitera-se que as evidências analisadas demonstram que a expertise médica não deveria ser tomada como base exclusiva da reivindicação do Ato Médico, uma vez que o pressuposto de defesa do ideal de serviço estaria sendo utilizado, também, para ocultar questões relacionadas à manutenção da dominância da categoria médica sobre as demais profissões da saúde, a fim de assegurar o monopólio da medicina no mercado de serviços de saúde.

Trouxe aqui tais reflexões não para menosprezar a importância do médico nas equipes de saúde e na equoterapia, mas para que possamos refletir rigorosamente de que maneira são distribuídos os papéis dos profissionais na equipe de equoterapia, em que função cada um está disposto nesse cenário, a relação entre a prática de cada profissional nos atendimentos e a hierarquização dos saberes no campo da saúde. De modo que não apenas aceitemos o que é dito enquanto prática ou técnica, mas que estejamos atentos a práxis de modo intencional, a fim de trazer novas discussões.

Ressalto que, nessa conjuntura, o médico frequentemente orienta sua avaliação do praticante com base em pressupostos naturalistas (ou seja, em processos avaliativos médicos distintos), mas em geral, não possui uma experiência direta com a realidade da interação entre o praticante e o cavalo. Assim, não é raro que o ato médico se realize por uma indicação mais fundada na autoridade profissional do que no domínio do conhecimento que podem ser observados na interação. Sua análise, portanto, tende a se fundamentar em diagnósticos clínicos, em relatos sintetizados de outros profissionais e no contato restrito ao ambiente de consultório, e não na experiência concreta da terapia. Clarificando, os diagnósticos clínicos são de suma importância, porém ressalto que a observação da prática também é imprescindível para a compreensão do processo terapêutico em sua totalidade.

Com base nos estudos e aprofundamento feitos até então nesta pesquisa, considero que a forma mais adequada de participação deste profissional, seja colaborativa presente na prática com os demais profissionais que compõem a equipe. O que seria de suma importância, para o melhor atendimento da prática, caso esta fosse de maneira rotineira, aproximada com a

realidade para que, no fim, as suas análises partissem de evidências presentificadas, e não, apriorísticas, analisada a partir da sua própria reflexão e não a partir da percepção de outrem.

Para tanto, assim como eu apresentei e discuti sobre a equipe de profissionais que compõem a equoterapia, concomitantemente, apresentarei os seus programas. De acordo com Queiroz (2023), nesta terapia existem programas que levam em consideração as características individuais dos praticantes em determinada evolução de seu processo terapêutico. Não necessariamente, o praticante passará por todos esses programas, pois isto varia de condições físicas, cognitivas e emocionais, de acordo com o desempenho funcional, vivências anteriores e adaptação à Equoterapia. Este método terapêutico se divide em quatro programas específicos: Hipoterapia, Educação/Reeducação, Pré-esportivo e Esportivo Adaptado.

De acordo com a ANDE BRASIL (2012), estes programas são distintos da seguinte forma: a hipoterapia, essencial para a área de reabilitação de pessoas com necessidades especiais, na qual o cavalo atua como um agente cinesioterapêutico; o programa de reabilitação e/ou educativo, no qual o praticante tem capacidade de conduzir o cavalo e não necessita de apoio direto dos profissionais; o programa pré-esportivo, em que são iniciadas atividades básicas de hipismo, com maior atuação do profissional de equitação, e, nessa etapa, o cavalo é inserido como um meio de inserção social; e o programa de prática esportiva para equestre, que pode ser desempenhado diante do progresso do praticante com o objetivo de participar de competições e estimular o desempenho esportivo.

Nos programas da Equoterapia os praticantes são classificados de acordo com sua dependência ou independência dos profissionais da equipe para conduzir o cavalo, bem como cria-se uma expectativa de alcance de objetivos para cada enquadramento. Por meio da minha experiência de atendimentos na Equoterapia, esses aspectos emocionais, psicológicos ou sociais que são preestabelecidos não ocorrem de maneira rígida. É possível que um praticante, ainda no programa de Hipoterapia, vivencie sentimentos de autoconfiança, também é possível que um praticante do programa mais “avançado” da Equoterapia, experimente sensação de dependência e medo. Por isso ser tão necessário a presença de um psicólogo, tendo em vista que é o profissional que deve realizar uma escuta e uma observação capaz de evidenciar, constituir e refletir sobre as relações que ocorrem durante a prática e intervir, se necessário for, de modo qualificado, sejam elas entre humanos ou entre humanos e animais.

Os atendimentos equoterápicos são realizados normalmente em sessões semanais. A duração das sessões pode ser de até 30 (trinta) minutos, pois um tempo maior exigiria muito do praticante fisicamente, uma vez que o cavalo ao passo tem um ritmo cuja “frequência é de 1 a 1,25 movimentos por segundo, levando o cavaleiro a realizar de 1.800 a 2.250 ajustes tônicos

em trinta minutos de sessão” (Lermontov, 2004). Além disso, o atendimento é caracterizado por fases que denotam um caráter de início, meio e fim desta sessão. De acordo com Nascimento (2010) são elas: aproximação, descoberta, educativa ou montaria e separação, e as denomina como fases de progressão terapêutica.

A fase inicial que é denominada fase de aproximação, é aquela em que são propostas atividades nas quais o praticante participa ativamente, emerge assim o enlace afetivo, o que diminui gradativamente a distância entre ele e o cavalo (Medeiros; Dias, 2002). Portanto, a fase de aproximação marca o início da sessão de equoterapia. Nessa fase, o praticante e o cavalo são apresentados um ao outro. O equoterapeuta auxilia o praticante a estabelecer uma conexão emocional com o cavalo por meio de atividades como escovar, acariciar e conversar com o animal. Essa interação inicial é crucial para desenvolver a confiança, o vínculo e a segurança emocional entre o praticante e o cavalo, criando um ambiente propício para a terapia.

Na fase de descoberta, vencida a fase de aproximação, é iniciada a exploração do cavalo pelo praticante, que pode ocorrer no solo ou na montaria parada. Existe a possibilidade de surgir reações adversas tais como: medo, alegria, agressividade, gritos, passividade, agitação, etc. (Nascimento, 2010). Desse modo, a fase de descoberta na equoterapia desempenha um papel decisivo no desenvolvimento e progresso terapêutico dos indivíduos. Por meio da interação com os cavalos, o conhecimento do ambiente facilita a construção de vínculos emocionais, nesse momento, os praticantes são estimulados a explorar e descobrir o animal, a equipe e o ambiente que está inserido. É fundamental que os profissionais da equoterapia reconheçam e respeitem a importância dessa fase e a utilizem como base sólida, para as etapas subsequentes. Nessa etapa, os praticantes devem estar livres para interagir com o animal, podem querer montar de modo que o animal esteja parado; ou ainda levar o animal para passear, ao estar o praticante no solo e ao segurar as rédeas do cavalo, por exemplo.

Segundo Medeiros e Dias (2002), a terceira fase é a educativa ou de montaria, e essa representa a fase central da sessão, em que o praticante irá realizar as atividades propostas sobre o dorso do animal. Nesta fase, são realizadas atividades lúdicas, psicomotoras, de alongamento, educativas. A programação das atividades realizadas no dorso do cavalo é indicada de acordo com a avaliação e o planejamento da equipe e conforme o contato presente entre cavalo, animal e equipe.

Contudo, discordo de que essa seja a fase central da sessão. Defendo que uma equoterapia comprometida com o cuidado, a ética e o bem-estar animal deve entender que a fase central da sessão é aquela em que o afeto entre humano e não humano é capaz de criar um vínculo empático capaz de fazer com que qualquer outra atividade posterior seja embasada em

uma atitude de respeito ao animal e ao praticante e não de imposição da técnica. Mesmo que não ocorra a montaria, a relação entre humano e cavalo promove ganhos psicológicos e/ou emocionais capazes de promover o bem-estar humano.

Sobre isso, o cavalo é um animal não-humano, entretanto, é um ser vivo que atua de maneira recíproca com o humano que a ele se dirige. De acordo com Lermontov (2004) na equoterapia, o cavalo é uma novidade quando comparado a outras técnicas, pois ele não é uma pessoa nem um objeto, mas um ser vivo, comunicante. Ele desperta interesses que já começam pelas características corporais, como o calor, cheiro, tamanho, etc. Esses interesses se tornam veículo de relação e intercâmbio. Por conseguinte, o relacionamento afetivo entre homem e animal é o ponto central e de partida na montaria e qualquer atividade executada na equoterapia.

O cavalo, enquanto agente terapêutico, ganhou importante impulso e notoriedade por conta do movimento tridimensional que ele realiza e é análogo à marcha do homem: para cima e para baixo, para um lado e para o outro, para frente e para trás. Este movimento ocasiona diversos estímulos nervosos no praticante que está montado nele, trazendo diversos benefícios físicos (Cunha *et al.*, 2016).

Sou de acordo que tal descoberta é de suma importância e agrega inúmeros efeitos positivos para a evolução dos praticantes, contudo, quando rememoro minha experiência de atendimento na Equoterapia e me abstenho de todo o conhecimento que diz que a montaria garante benefícios e é a fase essencial do processo, retorno ao fenômeno tal qual ele se mostrava: algumas vezes experienciei praticantes que foram colocados no dorso do cavalo amedrontados, irritados e chorosos. Nesse contexto, eu me questionava até que ponto a exaltação científica de uma técnica pode prejudicar a reflexão sobre o ato e silenciar o que é dado em evidência na interação entre homem e cavalo na equoterapia.

Sobre isso, Freire e Potsch (2005) concordam e relatam que em suas pesquisas as conclusões demonstraram que o contato com a equipe de atendimento e o cavalo, geram ganhos mesmo quando a montaria propriamente dita não ocorre de forma efetiva. Isto vem evidenciar que os ganhos biopsicossociais deste processo terapêutico perpassam pela via da afetividade na relação homem-animal.

De acordo com Souza (2017) na fase de montaria, o paciente é estimulado a se posicionar na sela do cavalo, com o auxílio do terapeuta e de equipamentos de segurança apropriados. Essa fase envolve a realização de exercícios terapêuticos específicos, adaptados com as necessidades individuais do praticante avaliados pela equipe de profissionais. Os movimentos tridimensionais que são realizados durante a montaria são bastante enfatizados pelos fisioterapeutas, visto que essa característica do cavalo estimula aspectos como a

propriocepção, o equilíbrio e a postura, dentre outros aspectos físicos. Durante a montaria, a equipe de atendimento deve monitorar cuidadosamente as respostas e reações dos praticantes aos ajustes dos exercícios, conforme necessário.

A pesquisa de Souza (2022), na pretensão de verificar a eficácia da equoterapia por intermédio da ótica do praticante, revela que mesmo com praticantes que buscaram a equoterapia como uma alternativa para o tratamento de aspectos físicos, a atividade veio impactar positivamente a vida dos praticantes em relação a aspectos psicológicos. Portanto, o desenvolvimento humano na equoterapia não pode ser entendido apenas pela ótica biológica, mas sempre a partir de uma perspectiva global do indivíduo.

A fase de separação ocorre no final da sessão de equoterapia, quando o paciente se despede do cavalo. São incentivadas ações conclusivas no solo que compreendem: desencilhar o animal (retirar o material do cavalo: manta, freio, rédea), dar banho, por exemplo (Medeiros; Dias, 2002). O momento da separação entre o cavalo e o praticante necessita de atenção especial por parte do equoterapeuta, a fim de que seja sempre positiva (Nascimento, 2010).

Por conseguinte, ao recordar o meu vivido nessa fase, o equoterapeuta auxilia o praticante a finalizar a atividade de forma agradável, o que permite uma despedida respeitosa do cavalo e da equipe. A separação do cavalo pode despertar emoções e sentimentos, como apego e gratidão, uma vez que o vínculo estabelecido durante a sessão pode ser significativo para o praticante. O terapeuta oferece suporte emocional durante esse processo, o que ajuda o praticante a compreender e lidar com essas emoções e enfatiza a importância das conquistas e progressos alcançados durante a terapia.

Sobre os benefícios relatados na literatura do ponto de vista psicológico, os autores Freire *et al.* (2005) afirmam que as terapias que incorporam animais enquanto cooterapeutas fornecem benefícios em termos do bem-estar físico e emocional, trazidos pela interação homem-animal em que ocorrem esse vínculo afetivo. Além disso, analisam que o estabelecimento de vínculo e a afetividade criada do praticante pelo animal é tão ou mais importante quanto a montaria propriamente dita.

Alguns dos benefícios da equoterapia do ponto de vista psicológico e/ou emocional são melhora na autoestima e autoconfiança; sensação generalizada de bem-estar; condições para desenvolver afetividade (vínculo), desenvolvimento psicomotor, aquisição da autonomia, estimulação da linguagem e de área sensório-perceptiva, socialização e autocontrole, reinserção social (Nascimento, 2010).

Na visão de Nascimento (2010), o cavalo atua tanto como um espelho em que são projetadas as dificuldades, progressos e vitórias, enquanto novo estímulo, que propicia novas

percepções e vivências. Cavalgar neste animal dócil, porém de grande porte, pode levar o praticante a experimentar sentimentos de liberdade e independência. Estes sentimentos são importantes para a aquisição de autoconfiança e autoestima.

Todavia, apesar de vivenciar dos benefícios advindos das relações que tive com os animais que convivi, contesto essa intenção de generalização das interações entre homem e cavalo que a literatura entretida em propagar os benefícios das Terapias Assistidas com Animais –TAA’s exalta esquecendo de questões que são necessárias refletir. Para que exista de fato uma relação humano-cavalo é necessário entender os animais para além da categoria de “coisa”. E como toda relação, não existe um controle, uma previsibilidade, padronização, e uma única forma de acontecer os resultados dessa interação. Nem todo cavalo é igual, é algo para além da questão genética que os torna diferentes, de acordo com o contexto em que vivem, de como são tratados e se relacionam com os seres humanos e outros cavalos. Além disso, cavalos diferentes podem responder de forma diferente ao mesmo meio, e mesmo tratamento; em liberdade, têm suas preferências no bando, evitam certos cavalos e procuram outros.

Vale ressaltar que a depender do animal e da pessoa, da maneira que esse relacionamento acontece, do aprendizado e do afeto, ou ainda da falta destes, não haverá docilidade, nem apego, talvez nem benefícios. Apresento alguns exemplos para clarificar esta fala: um cavalo acostumado a ser maltratado pelos seres humanos, provavelmente irá evitar contatos próximos com o ser humano e poderá ter gestos considerados agressivos ou até mesmo fugir da presença humana. Outra situação que pode exemplificar a relação entre humano e cavalo, enquanto uma situação aversiva, é em casos que a pessoa já sofreu algum acidente ao andar a cavalo ou passou por algum trauma emocional e/ou físico relacionado ao animal. Portanto, penso que, até mesmo sentimentos opostos podem emergir, como medo e raiva, da mesma forma que nós, humanos, nos relacionamentos com outros humanos, ou seja, com sentimentos diversos. Todavia, esses pontos pouco são debatidos na produção científica e o que fica em domínio são os benefícios advindos dessa relação, sem a devida problematização do fenômeno em sua complexa revelação.

É possível observar que a sociedade evoluiu no que diz respeito às máquinas e tecnologias, porém não é difícil presenciar equinos puxando carroças e sendo açoitados para transportar pesos excessivos, o animal em posse de carroceiros que não têm condições de propiciar o mínimo possível para o cavalo. Também, é possível verificar esse trato objetificado e com maus-tratos com o cavalo em terapias, rodeios, vaquejadas, cavalgadas, cavalarias, policiamentos, festas de peão, boiadeiros e até mesmo no esporte, entre outros tipos de interação entre o homem e o cavalo que tendem aos maus-tratos em benefício de interesses humanos.

De acordo com Gomes (2019), o bem-Estar (BE) dos cavalos na equoterapia é primordial, pois para promover o BE em humanos, os animais precisam estar em equilíbrio psicológico e de sanidade, para poderem atuar com segurança nas interações. É a equipe multidisciplinar de equoterapia que preza pelo manejo adequado de maneira a manter os equinos em equilíbrio. Os profissionais devem estar atentos ao comportamento animal e devem ter uma clara percepção de como proporcionar bem-Estar (BE) aos equinos que estão inseridos como coterapeutas. Bastos (2021) afirma que bem-estar animal para a fenomenologia é sustentado pela evidência apodítica da disponibilidade do animal em participar da interação, em seu interesse de interagir e se vincular, ou não, e não é necessário estar próximo da fenomenologia para se manter sensível à disponibilidade do animal como evidência de seu bem-estar e cansaço.

Importante destacar que no Brasil existe uma legislação que trata sobre o bem-Estar Animal (BEA) que teve início com o Decreto n.º 24.645 de julho de 1934, que estabelece medidas de proteção animal. Nossa atual Constituição Federal de 1988, no seu artigo n.º 225, reveste o poder público de competência para proteger a fauna e a flora, vedando práticas que submetam os animais a qualquer forma de crueldade. Nesse ínterim, foram estabelecidas outras leis que contemplam, em algum ponto, o bem-estar animal, como exemplo: Lei n.º 11.794, de 8 de outubro de 2008 que estabelece procedimentos para o uso científico de animais; Lei n.º 10.519, de 17 de julho de 2002, que dispõe sobre a promoção e fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeio e dá outras providências e a Lei n.º 9.605, de 12 de fevereiro de 1998 que é a Lei de Crimes Ambientais; e a já mencionada Lei n.º 13.830, que regulamenta a Equoterapia.

Portanto, é preciso que as discussões sobre os direitos dos animais e a proteção das suas vidas, corpos e animalidade seja fundante de qualquer tipo de IAA, pois a negligência com o cuidado dos cavalos é evidente desde os séculos passados até os dias atuais. Conquanto, estou disposta a defender uma pesquisa norteadas por uma atitude e uma alternativa epistemológica e metodológica no campo científico que não faça dos seres humanos e não humanos, vítimas do progresso técnico-científico.

3 A ATITUDE FENOMENOLÓGICA NA INTERAÇÃO HUMANO-CAVALO – IHC

Uma vez que apresentei na sessão 2.1 um panorama geral sobre a equoterapia, é preciso compreender o lugar em que eu, na condição de psicóloga e pesquisadora, fundamento a presente pesquisa, bem como, evidencio a Fenomenologia para a orientação e possibilidade de investigar as interações entre humano e animal na equoterapia.

A Fenomenologia nasceu com Edmund Husserl (1859-1938), matemático e filósofo alemão. E tem como proposta que visa uma recondução ao sentido originário do conhecer humano. Uma maneira de conhecer que critica a mentalidade naturalista, denunciando as fragilidades da racionalidade científica. A Fenomenologia é o método da crítica do conhecimento; atitude e método intelectual e filosófico de rigor (Husserl, 1907/2000).

Husserl toma como ponto de partida de sua filosofia a crítica ao modelo das ciências positivas e também em relação ao psicologismo, pois estes têm por base o naturalismo e se caracterizam por tentar explicar todos os fenômenos a partir de atribuições e causas naturais. Nesse cenário, Husserl busca um novo modo de conhecer o mundo que não se iguale ao modo de investigação das ciências naturais (Senra, 2020).

Nesse sentido, para a Fenomenologia não é somente o que é conhecido que importa ou “o que é o objeto que está sendo pesquisado” e sua caracterização, como se essa constituição fosse independente do sujeito que quer conhecer, mas sim, como é possível conhecer o objeto de pesquisa e como se constrói o conhecimento é um ponto central da fundação da Fenomenologia. Sobre isto, Husserl (1935/2008, p. 46) afirma que: “Na medida em que o mundo circundante intuitivo, este mundo simplesmente subjectivo, é esquecido na temática científica, é também esquecido o próprio sujeito que trabalha e o cientista não se torna nunca um tema [...]”.

Husserl (1934/2009) afirma que o sentido do conhecimento deve ser sempre posto em jogo, pois é na vida onde podemos encontrar o sentido originário dos fenômenos. Ele adentra o conceito de “mundo da vida”, no termo alemão *Lebenswelt*. Husserl (1936/2012, p. 113) afirma que “Ele é o mundo espaço-temporal das coisas, tal como experienciáveis na nossa vida pré e extracientífica, e que sabemos como experienciáveis para além das já experienciadas. Temos um horizonte de mundo como horizonte da experiência possível das coisas”.

Dessa forma, compreendo o mundo da vida como a base, o fundamento e a inquietação primeira pela qual deve ser constituída uma reflexão de rigor. Portanto, é do mundo da vida que deveriam partir as possibilidades científicas, inclusive na pesquisa sobre Intervenções Assistidas com Animais – IAA's. Importante advertir que o mundo da vida não é um espaço

físico, nós estamos nele, não se trata de um lugar, mas de uma visada. O mundo natural é uma das camadas do mundo da vida, assim como o mundo cultural. Sendo assim, o mundo da vida também é o mundo natural que estamos imersos só que por intermédio da visão fenomenológica. Este mundo mais abrangente, para além de um mundo de coisas é o que se compreende como mundo da vida, é o mundo em que todos os homens existem conjuntamente, em suas dimensões pessoal, espiritual e comunitária, é o mundo no qual exercem suas “práxis quotidianas” (Husserl, 1936/2012, p. 101).

Diante das explicações de Husserl, compreendo o mundo da vida como o mundo do fazer intersubjetivo e da experiência originária que se torna temática a partir da *epoché*, que se trata da suspensão de todos os preconceitos e *a priori* sobre dado fenômeno, sobre esta operação, abordarei de modo mais incisivo na seção que trata do método fenomenológico. Dessa maneira, esta pesquisa busca uma ciência sobre o “solo” (*Badein Seins*) das evidências originárias como condição de pré – doação para as ciências que se debruçam sobre a equoterapia e sobre a práxis objetiva.

Essa nova atitude, não naturalista, que é a atitude fenomenológica, segundo Guimarães (2005) é alimentada pela convicção de que a matematização e a logicização do mundo nada mais fizeram além de idealizá-lo. Como? Supondo que a natureza seria a escrava da razão e que o inteiro conteúdo do universo deveria subordinar-se aos seus ditames. É necessário pontuar que a fenomenologia não desconsidera as ciências naturais e seu modo de conhecer, porém, é evidente que a humanidade e a intersubjetividade não estão em igualdade com coisas e objetos, portanto as ciências humanas deveriam ter um modo diferente de pensar a pessoa humana do modo que as ciências naturais e aquelas ciências por ela diretamente influenciadas, tal como a psicologia.

Dito isto, preocupado com o modo pelo qual as ciências pelo viés do racionalismo tratavam dos fenômenos humanos, Husserl (1911/1965) fez duras críticas à tecnificação da subjetividade. Ele nos evidencia que as ciências naturais e os naturalistas acabam por explicar todos os acontecimentos por leis estritamente naturais, perdendo os fenômenos em sua complexidade, limitando-os a objetos físicos e consequentemente com as leis do universo físico. Derivando disso, a exclusão do sobrenatural e do transcendente.

Sobre o naturalista, Husserl (1911/1965, p. 28) afirma que,

A mentalidade naturalista vê no mundo físico e no mundo humano somente natureza, apreendida e explicada pelas mesmas categorias mentais; e porque a natureza que imediatamente apreende é a do mundo físico, essa mentalidade reduz a esta natureza tudo o que existe, admitindo que os fenômenos psíquicos são variações, paralelos ou epifenômenos dos fenômenos físicos.

Nesse sentido, o psicólogo e o pesquisador naturalista se baseia nos princípios das Ciências Naturais para observar e analisar os fenômenos tanto naturais quanto os humanos, com o seu proceder determinado segundo leis enrijecidas, e sua atuação é consolidada por procedimentos idealistas e objetivistas. Nesses moldes, a consciência e a razão seriam frutos de ordem psicofísica. O referido processo é considerado por Husserl (1911/1965, p. 31) enquanto “condição que equipara os dados da consciência aos fatos e leis naturais e às normas da razão lógica, adulterando ou subordinando os fenômenos psíquicos, o subjetivo (a consciência) ao objetivo, como se estes fossem fatos ou coisas”.

Outros autores, como Bastos e Borba (2018) realizam uma análise acerca da fenomenologia enquanto método e postura epistemológica que se contrapõe ao que historicamente é conhecido como naturalismo. O naturalismo é um modo de se relacionar com o mundo pautado e propiciado pelas ciências naturais, portanto é uma atitude de pensamentos e ações.

Para Borba (2015, p. 91), a respeito disso:

A ciência moderna inaugurou um modo de pensar e agir objetivo, cientificista e desconectado do mundo da vida e da experiência real da consciência. Ela artificializou o contato do homem com ele mesmo, com os outros homens e com a natureza. O uso e o domínio da técnica passaram a ter mais sentido e valorização do que a própria vida.

É possível observar essa desconexão do mundo da vida em variados fenômenos e a relação entre humano e animal não humano também está permeada por esse cientificismo. De acordo com Bastos e Borba (2018), o relacionamento naturalizado entre homem e animal tem se constituído de duas modalidades. A primeira é uma relação naturalizada, no qual o animal é objetificado para fins utilitários, de serventia para o homem e é desprovido daquilo que o caracteriza e o identifica em essência: sua animalidade. Portanto, a essência deste ser é ignorada nesse pragmatismo naturalizado. A outra possibilidade de relação consiste em uma relação não naturalizada, no qual o animal ainda é intencionado em sua essência, e não é reduzido a um mero fim como um objeto, ou instrumento qualquer. Ele é o que é, e não o que se torna a partir de necessidades humanas.

A equoterapia, como exposta no capítulo anterior, também está fortemente alicerçada nos ditames das ciências naturais com seus protocolos, modos de operar preestabelecidos, objetivos e resultados esperados. Contudo, é importante que não se perca aquilo que é o fundamental, anterior a qualquer intervenção protagonizada pelo animal, que é aquilo que a torna possível: a interação, o vínculo afetivo e o relacionamento entre o homem e o cavalo. Portanto, quando penso em “uma Fenomenologia”, independente do objeto de pesquisa, é

necessário que eu retorne aquiloaquilo que é essencial a esse fenômeno, tendo em vista que a Fenomenologia é a ciência das essências. Sobre essência se entende como aquilo que caracteriza originariamente o ser das coisas (Guimarães, 2007, p.72).

Dito isto, da primazia da relação entre homem e animal a qualquer tipo de intervenção realizada nas terapias com animais, aqui eu destaco uma primeira e necessária reflexão: como é possível estabelecer um relacionamento humano com um animal? Ou ainda, como é possível criar um vínculo afetivo entre animais humanos e não humanos? Todos esses resultados positivos das Intervenções Assistidas com Animais provêm de algo do que a ciência natural não permite dar conta, pois é algo que escapa ao objetivismo material e mensurável (Bastos; Borba, 2018).

No percurso da história humana, o animal, sobretudo o cavalo, teve uma função social utilitária, como analisada no capítulo anterior. O utilitarismo e, por conseguinte, a técnica e as ciências, instrumentalizaram o animal até mesmo enquanto intervenção terapêutica. Todavia, o “progresso” técnico-científico não anula a evidência apodítica de que o animal é um ser vivente. Portanto, compreendo que o vínculo afetivo entre praticante e cavalo só é possível pela via da empatia. A empatia é compreendida como atos da consciência que tem como objeto a vivência da consciência alheia. Portanto, a empatia é o dar-se conta da vivência alheia (Savian Filho, 2014).

Barreira (2014) afirma que a vivência da empatia admite que os outros são *alter egos*, ou seja, “outros eu”, e é nesse dizer que podemos considerar a possibilidade de uma relação afetiva, uma relação de cuidado. Dessa maneira, encontro uma discordância do conceito de empatia em relação ao conceito popular que a define como uma condição de “colocar-se no lugar do outro”. Ora, se podemos nos reconhecer nos animais, como outro eu, “a coisificação” destes se trata de uma obnubilação do nosso refletir, e é com esses atos empáticos que nos reconhecemos nos animais, não em sua totalidade, pois em nem tudo me igualo a ele, mas como seres que se aproximam de mim e, portanto, assim como eu, que necessitam serem cuidados. Husserl (1913/2006) aponta em sua obra que os animais fazem parte do mundo da vida e que se conectam conosco, assim como os outros humanos.

Para Husserl (1913/2006, p. 75),

Este mundo, além disso, não está para mim aí como um mero mundo de coisas, mas, em igual imediatez, como um mundo de valores [...] descubro sem maiores dificuldades, que as coisas a minha frente estão dotadas tanto de propriedades materiais como de caracteres de valor, eu as acho belas ou feias, prazerosas ou desprezíveis, agradáveis ou desagradáveis etc. Há coisas que estão imediatamente aí como objetos de uso, a “mesa” com seus “livros”, o “copo”, o “vaso”, o “piano” etc. também esses caracteres de valor e caracteres

práticos fazem parte constitutiva dos objetos “disponíveis” como tais, quer eu me volte, quer não, para eles e para os objetos em geral. Tal como para as “meras coisas”, isso vale naturalmente também para os seres humanos e animais de meu meio circundante. Eles são meus “amigos” ou “inimigos”, meus “subordinados” ou meus “superiores”, “estranhos” ou “parentes” etc.

Dessa forma, há um reconhecimento de valores nos animais, que são atribuídos também a relações com seres humanos. Na segunda parte da obra *Ideas II*, o homem e o animal dispõem de alma, em termos de atividade anímica, o que tem como consequência última a abertura de possibilidade de um vínculo empático (Husserl, 1952/2005). É nessa via, que se dá o estabelecimento de um relacionamento afetivo entre humano e animal.

É evidente que a empatia permeia as mais diversas relações, seja entre humanos ou destes com os animais, porém, o que pode acontecer é a falta de percepção do homem em relação ao outro. Contudo, quando utilizamos a intuição para o fenômeno que se manifesta, eu me percebo percebendo o outro. Husserl (1913/2006) assegura que “intuição”, traduzido do alemão *Anschauung*, refere-se à visão, olhar, consideração. Sendo assim, entendo a intuição como um movimento de olhar atento, direcionado e reflexivo.

O olhar naturalizado do humano em relação ao animal o objetificou e também o cavalo passou a ser entendido como um “recurso” na sociedade e até mesmo nas Intervenções Assistidas com Animais – IAA’s. É necessário mencionar que a objetificação do animal, especificamente o cavalo, não esbarrou apenas no trato e nos termos utilizados na literatura científica, mas literalmente, na própria materialização de objetos em forma de cavalo. A saber, houve um tempo em que máquinas que simulavam o movimento do cavalo foram inventadas a fim de reduzir gastos financeiros com manejo dos cavalos e construção de pistas cobertas. Entretanto, verificou-se que estas não substituem o animal, em especial nos aspectos psicológicos (Cunha *et al.*, 2016).

Outrossim, Souza (2017) afirma que a sobreposição da técnica de montar a cavalo em busca dos benefícios ditados nas terapias com cavalos, esquecendo-se da primazia do vínculo afetivo, fez com que houvessem tentativas de mecanizar a vida do animal, ao tentar reduzi-lo a máquina, principalmente na simulação da montaria. Entretanto, a técnica não conseguiu superar o vínculo afetivo das relações que só pode ocorrer através da empatia, pois o cavalo, na condição de objeto ou objetificado, não pode ser empatizado, logo não há reciprocidade, muito menos a possibilidade de vínculo.

Nos atos empáticos, posso compreender a comunicação intercorpórea entre humano e não humano como a mediação basilar. Husserl (1952/2005) descreve o corpo como o meio para toda percepção, ou seja, tudo o que é uma coisa real no mundo circundante do ego tem relação

com o corpo. Ele evidencia o corpo como o marco zero de orientação para acessar a mim, ao outro e ao mundo que me cerca. Ferreira (2021) ao refletir sobre o corpo em Husserl, este afirma que é a partir dele e com ele que se abrem as possibilidades intencionais da consciência: emoções, afetividades, julgamentos, imaginação, dor, sofrimentos, angústias.

No mais, é possível compreender a situação do animal como dotado de uma corporeidade que permite tanto que eu viva de uma experiência empática com ele, quanto o acesso a alteridade deste outro ser, porque ao mesmo tempo que por intermédio dessa comunicação intercorpórea eu me aproximo do animal, eu também posso me dar conta de que somos diferentes, de que somos únicos, posso acessar uma compreensão da experiência desse animal e ser afetada por essas experiências.

Diante disso, em corroboração com esta evidência, Ranieri e Barreira (2012) afirmam em sua pesquisa que a vivência empática também contempla esse reconhecimento mais genérico da vida animal, todavia, nesta relação não se reconhece um outro semelhante, mas divergente, o que se dá primeiramente pela corporeidade que, de imediato, mostra-se estruturalmente diferente da humana.

Portanto, destaco um primeiro momento na atuação da empatia: o reconhecimento do outro que, como eu, vive. Contudo, existem fenômenos que distanciam os humanos da sua essência. O progresso tecnocientífico é uma poderosa armadilha quando se apresenta enquanto “avanço”, mas em dado momento negligencia uma análise mais aprofundada do papel do animal nas terapias.

Uma análise fenomenológica realizada por Bastos e Borba (2018, p. 258) sobre tais produções possibilita refletir que,

Tais produções visam sempre o benefício humano em primeiro lugar e referem-se ao animal como recurso; preferenciam certas raças e espécies, predileção pelos adestrados; quando a relação entre humanos e demais animais é referenciada, é sempre objetivando os benefícios para o ser humano, que terá atenção e afeto advindo deste animal. O resultado direto desse modelo de relação quando estendido à TAAs tem como consequência uma técnica que, tomada pela essência dessa relação, ver o animal como ferramenta, como um meio para atingir um fim: a melhora da saúde humana. É um modelo de terapia que, embora possua certa eficácia, utilizando o animal como ponte ou permitindo formas de análise, é um processo que não explora toda a potencialidade dessa relação ou ainda que desconhece o efeito do vínculo para a obtenção dos resultados esperados.

Para melhor visualização do que venho abordando, aqui trago algumas definições da equoterapia, para que junto ao leitor, eu possa esclarecer a objetificação do cavalo nas TAA's. Chamo a atenção para os seguintes termos: “instrumento”, “utiliza” “conjunto de técnicas”: Conforme Freire, Andrade e Motti (2005) a equoterapia pode ser considerada um conjunto de

técnicas reeducativas que atuam para superar danos sensoriais, cognitivos e comportamentais. “Após a Primeira Guerra Mundial, o cavalo entrou definitivamente na área da reabilitação, sendo empregado como instrumento terapêutico nos soldados sequelados do pós-guerra.” (ANDE BRASIL, 2012, p. 12). “A Equoterapia é um método terapêutico baseado na prática de atividades equestres e técnicas de equitação, que utiliza o cavalo como instrumento de trabalho (Lermontov, 2004, p. 17).

Ressalto a importância da Equoterapia, e busco aqui não anular os seus ganhos, mas o que se pretende com a atitude fenomenológica é reconduzir ao sentido originário da relação do homem com o cavalo que fora perdido com a naturalização das ciências modernas. Barreira (2014) evidencia que se toda conduta ética é uma conduta em relação ao outro, toda ética implica um fundo empático. Portanto, a minha preocupação também se refere numa prática ética dos profissionais que estão inseridos na Equoterapia, pois o anseio pelo benefício divulgado pela técnica não pode sobrepor o bem-estar dos envolvidos.

Souza (2017, p. 54) aborda tais questões,

Não faz sentido pensar o animal enquanto recurso, pois nessa categoria, seria muito mais viável substituir os animais por objetos inanimados. E qual a diferença entre me relacionar com um objeto e um animal? Com o objeto, experimento uma vivência que vai em direção ao objeto, mas o objeto não me devolve nada em troca por essa vivência. Com o animal, sim, existe uma via de mão dupla. As vivências que visam um animal não seguem uma via de mão única como acontece em relação às coisas meramente físicas. Essas vivências chegam até o animal e retornam enriquecidas pelas qualidades que encontram. Por isso, podemos dizer que na relação com um animal há uma ampliação ao nosso fluxo de vivência. Resgatando o lugar de animal enquanto ser vivente e não objeto, considero de suma importância discutir sobre o bem-estar desse cavalo inserido na Equoterapia assim como do praticante, mas, sobretudo do animal pelo fato destes ainda serem tratados com inferioridade em relação aos seres humanos. Por meio da empatia, me preocupo com esse animal que precisa de cuidados, assim como eu.

Dessa forma, entendo que o conhecimento acerca da vivência alheia mediada pela empatia nos auxilia a conhecer a nossa própria vida, uma vez que possibilita o esclarecimento de aspectos do próprio vivenciar que, em princípio, encontram-se fora de nosso alcance. Por fim, destaco na relação entre humano e animal, mais especificamente o cavalo, uma interseção entre a experiência própria e a experiência do alheio que está bem menos atrelada ao profissional, que atua na Equoterapia em direcionar as interações entre praticante e cavalo por intermédio de um protocolo pré-definido, mas sim, que diz respeito às vivências autênticas do relacionamento empático e afetivo entre esses dois seres, sobre o qual o cavalo é o protagonista da terapia.

3.1 O caminho da pesquisa

À luz das reflexões feitas, esta pesquisa se apresenta tanto na esfera epistêmica quanto na sua metodologia na fenomenologia husserliana, seguindo rigorosamente os escritos de Husserl e de autores que se fundamentam em seus escritos. Além de contribuições bibliográficas de outros autores em livros, artigos científicos, monografias e/ou dissertações que dissertem sobre a equoterapia, a relação entre homem e animal, homem e equino e as IAAS.

O caminho metodológico que foi realizado nessa pesquisa segue os princípios da pesquisa qualitativa. Em um primeiro momento, foi feito o levantamento de fontes bibliográficas, documental e no meio virtual de estudos sobre IAA's, Equoterapia e Fenomenologia para que servissem como o aporte teórico deste estudo. A metodologia foi empírica, não-experimental, qualitativa de orientação fenomenológica husserliana. Sobre o método fenomenológico, é um método descritivo que evita a explicação de um determinado fenômeno por meio de fatores externos, antes de tudo, incentiva o “retorno às coisas mesmas”, em alemão: *"Zurück zu den Sachen selbst"* (Husserl, 1907/2000).

A fenomenologia é a ciência das essências. Essa ciência é construída assumindo uma nova atitude frente ao mundo, a começar pelo despojamento de todos os pressupostos que sempre encobriram o dado originário (Guimarães, 2005). Em vista disso, a palavra de ordem nessa orientação é direcionada à necessidade de retorno às coisas em “carne e osso”, na conhecida expressão de Husserl (1913/2006).

Isto significa que deve ser atribuído aos pesquisadores, norteados pela fenomenologia, a tarefa de rever o mundo para além dos paradigmas construídos, que acabou por esquecer da infinitude de seus sentidos. Em suma, a Fenomenologia, como uma ciência de rigor, não está comprometida com qualquer atitude especulativa e abstrata, mas com o mundo dado à consciência, na sua manifestação originária, evidenciado na esfera transcendental (Guimarães, 2005).

Sendo assim, em consonância com a questão norteadora, bem como o objetivo central desta pesquisa: “realizar uma fenomenologia da experiência de uma psicóloga baseada na interação homem-cavalo na equoterapia”, busquei, por meio da observação e escuta do diálogo intersubjetivo e intercorpóreo via empatia das relações entre humanos e cavalos, bem como na prática da suspensão dos *a priori*, acessar e compreender os fenômenos que foram evidenciados em mim, enquanto pessoa humana, psicóloga e pesquisadora.

A atitude fenomenológica foi a orientação pela qual realizei os registros da minha experiência, ou seja, de tudo aquilo que experienciei nos atendimentos que eu estive presente na equoterapia na condição de psicóloga voluntária e pesquisadora. Sejam estes sentimentos, emoções e/ou atitudes que escutei e observei e me afetaram no momento da minha atuação.

Ferreira (2021, p. 2) aponta sobre o fenomenólogo,

Em sentido geral, a filosofia fenomenológica emerge da experiência. Assim, é de direito que o seu início busque neste solo primeiro a própria compreensão da vida mundana [...] O fenomenólogo entende que a experiência não é a mera experiência. Eu não sou o mero eu. Ao contrário, ao participar da minha realidade não desvelo tão somente a minha história pessoal, mas o horizonte mundano do qual eu faço parte intersubjetivamente. Antes das « teorias do mundo » há uma experiência primordial direta que constitui as nossas vivências intencionais. Quero dizer: antes de toda compreensão teórica sobre a dor, há a experiência da dor e do sofrimento: ou seja, que parte do meu corpo, da minha carne. Esta experiência é originária e antecede toda a problematização posterior.

Nesse sentido, eu não estive em busca de registrar fatos, como fazem nas Ciências Naturais, o registro das vivências consiste em buscar as essências dos fenômenos. E o que seriam as vivências? Guimarães (2007, p. 14) esclarece que “[...] as vivências constituem o campo infinito de constituição de uma eidética do mundo da vida, uma vez que percepção e vivência, em última análise, estão no campo da interação consciência-mundo, a partir da concepção fenomenológica da consciência como intencionalidade e não como fenômeno psíquico.” Também abrangendo esse conceito, Júnior (1991, p. 26) afirma que a vivência “[...] é o que fica para o sujeito (o Eu) de sua redução do objeto (fenômeno visado)”, ou seja, compreendo que a vivência é o resíduo fenomenológico após a apuração das reduções fenomenológicas. Sobre as reduções, serão realizadas abordagens, ainda nesta seção.

O *eidós*, a essência pura, pode exemplificar-se intuitivamente em dados da experiência, tais como percepção, recordação, imaginação (Husserl, 1913/2006). Nesse sentido, importante reafirmar que eu não realizei os registros das experiências apenas a partir do que foi escutado, ou apenas a partir do que foi observado, mas com todas as formas de acesso que tenho ao objeto intencionado, em uma abertura global do meu corpo aos fenômenos que se apresentaram nos atendimentos na Equoterapia, tais como as sensações, emoções e sentimentos que surgiram em mim. Essas afetações foram descritas em um diário de campo.

De acordo com Kroef *et al.* (2020), a utilização de diários de campo como ferramenta de pesquisa possibilita visibilizar aspectos da implicação do (a) pesquisador (a) com o campo estudado. A atenção do (a) pesquisador (a) à própria experiência e ao movimento dos (as) participantes é entendida como uma fonte importante da pesquisa. Para tanto, é necessário que eu tenha uma atenção rigorosa àquilo que os fenômenos mostram, para realizar uma descrição rigorosa dos mesmos.

Consequentemente, sobre os registros das vivências, foi preciso que eu passasse pela conversão da atitude natural para a atitude fenomenológica, que tem a *epoché* como operação central. Na *epoché*, coloquei fora de ação a tese geral inerente à essência da orientação natural,

é necessário colocar entre parênteses tudo o que é por ela abrangido no aspecto ôntico: isto é, todo este mundo natural que está constantemente “para nós aí”, “a nosso dispor”, e que continuará sempre presente como “efetividade” para a consciência, mesmo quando nos aprouver colocá-la entre parênteses (Husserl, 1913/2006, p. 81). Dessa forma, busquei realizar uma abstenção momentânea de julgamentos, preconceitos e teorizações sobre a Equoterapia, partindo da ideia de que se pode deixar o fenômeno falar por si para que se chegue à essência do fenômeno em questão, ou seja, suspensão daquilo que eu imagino “ser ou saber” da relação entre humanos e cavalos.

Segundo o método fenomenológico, para que se chegue à compreensão do objeto de estudo é necessário levar em conta um conceito tão caro à Fenomenologia: a intencionalidade que é “[...] aquilo que caracteriza a consciência no sentido forte, e que justifica ao mesmo tempo designar todo o fluxo vivido de consciência e como unidade de uma única consciência” (Husserl, 1913/2006, p. 190). Segundo Goto (2007), no viés da fenomenologia, o objeto em análise torna-se objeto-para-um-sujeito, ou seja, sujeito e objeto estão no mundo em correlação, não existindo objeto em si, mas objeto para a consciência. De acordo com Zitkoski (1994), o conceito de intuição implica a noção de preenchimento, uma síntese do intencional da consciência e da apresentação do objeto intermediado pela experiência. O preenchimento funciona como um elo unificador da multiplicidade de dados oferecidos pela experiência.

Dessa forma, tenho a compreensão de que para a Fenomenologia não existe a dualidade pesquisador-objeto. A evidenciação dos fenômenos acontece por meio da consciência, como escreveu Husserl (1913/2006, p. 22) “toda consciência é sempre consciência de um objeto, e todo objeto é sempre objeto para uma consciência [...]” ou seja, só existe um objeto para a consciência que o intenciona. Portanto, como pesquisadora, diante de uma correlação intencional, não houve “neutralidade” na presença do meu objeto de estudo, pois um objeto intencional não pode ser analisado separadamente do seu correlato subjetivo. Portanto, aquilo que me afetou e afeta, é parte central neste estudo.

O cenário de investigação foi o Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão – CEPMMA, localizado na cidade de São Luís - MA. A participante da pesquisa, eu, a própria pesquisadora. Desse modo, não foi necessário encaminhamento de avaliação ao Comitê de Ética em Pesquisa/ Comissão Nacional de Ética em pesquisa – CEP/CONEP. Contudo, em maio de 2024, estive na instituição para explicar a pesquisa e solicitar a autorização da mesma, no qual entreguei o projeto de pesquisa construído pós-qualificação, e uma carta de apresentação designada pela UFMA e assinada pelo meu orientador (Apêndice A), em um tempo breve, recebi um ofício do CEPMMA, autorizando o início da pesquisa (Apêndice B).

O período em que estive no referido Centro e de registro da minha experiência aconteceu durante, aproximadamente 2 meses (maio e junho de 2024), com a minha frequência de visita autorizada ao menos uma vez por semana. Devido às fortes chuvas na cidade, muitos praticantes faltaram, e o número de atendimentos por dia ficou reduzido. Ainda assim, pude participar de 14 atendimentos equoterápicos, sendo que dois destes quatorze ocorreram com dois praticantes que realizaram atendimento juntos.

À medida que acompanhava o atendimento, realizava por gravação de voz o que observava, ouvia e/ou sentia, em alguns momentos foi possível tirar fotos. Tentei ser o mais discreta possível nos registros, bem como estar solícita à interação com todos os personagens do cenário quando solicitada, tais como: cavalo, profissionais e praticantes.

Para proceder ao registro e também à análise intencional das vivências registradas em diário de campo, minha atitude foi fundamentada nas reduções do método fenomenológico: a redução psicológica, eidética e a transcendental. De acordo com Follesdal (2012), as reduções são as “ferramentas” metodológicas básicas da Fenomenologia Transcendental de Husserl. Para fins didáticos, irei separar e discorrer acerca de cada uma das reduções fenomenológicas, entretanto, é necessário frisar que a atitude fenomenológica que tem as reduções em seu cerne não se trata de um passo a passo, mas atua permitindo um mergulho gradativo, não imediato, nem simultâneo.

A redução psicológica é o ponto de partida, colocar o mundo entre parênteses, suspender temporariamente a crença que temos do mundo e como vivemos em atitude natural. A segunda, a redução eidética (eidos = essência ou ideia), é sobre reduzir o objeto intencionado às suas essências. A terceira, a redução transcendental, é o fruto da segunda, que é o pensar sobre a essência desvelada. A redução transcendental para Husserl, segundo Guimarães (2009) é o eu puro ou eu reduzido, “Transcendemos do universo das essências ao campo da subjetividade, ao plano da evidenciação na ordem da consciência” (Guimarães, 2009, p. 47).

Dessa forma, em um primeiro momento realizei o registro de todas as percepções imediatas que emergiram em mim, por intermédio das relações entre os humanos e os cavalos na equoterapia em uma atitude não natural, possibilitada pela *epoché*. Foi necessário suspender temporariamente tudo que eu acreditava “saber”, ou do que é dito pelas ciências sobre essa relação entre homem e equino e sobre a Equoterapia para acessar e descrever aquilo que as vivências me revelaram na sua imediatez, tal como elas apareceram.

Em um segundo momento, a partir das vivências que foram registradas no diário de campo, identifiquei por meio do método fenomenológico das reduções, especificamente a redução eidética, as essências dessas vivências. Essência (eidos) é um elemento constitutivo do

fenômeno, é aquilo que é invariante. Portanto, irei apontar essas essências por meio do reconhecimento de suas características fundamentais. Há a pretensão de chegar ao conhecimento puro e indubitável – uma evidência apodítica - sobre o fenômeno. Segundo Guimarães (2009), evidência apodítica é aquela sobre a qual não há dúvida alguma.

Foi definido o diário de campo como instrumento condizente para o registro das vivências da pesquisadora, quando do contato direto e imediato com as experiências entre animais humanos e não humanos na equoterapia. Ressalto que nessa interação participavam os profissionais da equipe de atendimento, o praticante, o cavalo e eu, enquanto pesquisadora. Desse modo, como meio para chegar nas essências invariantes, após o período em campo, realizei a transcrição das gravações de áudio. Transcritos os 14 atendimentos, realizei a leitura integral dos registros no diário de campo, por mais de uma vez, para que pudesse identificar as essências de cada um dos atendimentos e comparados com os demais registros, no sentido de analisar o que há de invariante (igual em sentido) de modo que possa ser interligado. Para uma melhor visualização anexe o diário de campo (Apêndice C) com as seguintes partes: atendimento, de modo a garantir a não identificação dos praticantes (A1, A2, A3...), a transcrição integral do atendimento, e com elementos gráficos, coloco em evidência aquilo que comparece enquanto emoções, sentimentos, pensamento ou outros atos da consciência que estão direcionados a uma afetação e descrição em primeira pessoa do singular.

Considero de suma importância esclarecer que as essências não derivam do discurso, como é designado nos métodos de “análise do discurso”, em uma hermenêutica. A essência é evidenciada a partir dos afetos experimentados. Portanto, o que importa na análise intencional das transcrições não é a palavra, mas a vivência da palavra. O que quero dizer, em suma, é que o que interessa para a fenomenologia não é o campo dos “termos” atribuídos, mas sim, dos afetos experienciados. Por exemplo, palavras diferentes como “tensão”, “angústia” e “medo” podem ser narradas em um atendimento, porém, na vivência, elas convergem para o núcleo comum do medo.

De posse das essências, é chegado a última redução, a redução transcendental, no movimento de como essas essências são percebidas no ato intuitivo e aparecem à minha consciência transcendental. A redução transcendental propõe a mudança do foco que antes estava direcionado ao objeto, e passa a focar e refletir no ato em si em lugar do objeto (Follesdal, 2012), ou seja, de que modo as evidências desveladas retornaram para mim enquanto sujeito, psicóloga e pesquisadora, trata-se de um ato de reflexão intermediada do “eu puro” acerca do “fenômeno puro”.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, os dados não são tratados como informações objetivas a serem analisadas segundo categorias pré-estabelecidas, mas como expressões do vivido, que se oferecem ao pesquisador que se deixa afetar e interrogar pelas experiências. A redução fenomenológica possibilitou a suspensão dos juízos naturais, permitindo que a vivência fosse acolhida em sua inteireza, tal como se mostra à consciência (Husserl, 1913/2006).

A fenomenologia compreende o sujeito como um ser de corpo próprio e intencionalidade, cuja percepção do mundo está enraizada na experiência concreta. Nesse sentido, o encontro com o cavalo na prática equoterapêutica revela-se como uma possibilidade de abertura a si e ao outro por meio de uma intercorporeidade (Merleau-Ponty, 1999). Os gestos, os silêncios e as reações mútuas entre cavalo e seres humanos anunciam uma forma de comunicação pré-reflexiva, que ultrapassa a linguagem verbal e convoca uma escuta do corpo vivido.

Nesse sentido, a discussão que aqui se apresenta não busca explicar ou comprovar hipóteses, mas abrir espaço para o desvelamento dos sentidos que se entrelaçam nas vivências registradas, permitindo que o fenômeno da equoterapia se revele. Trata-se de uma escuta sensível que, ao invés de encerrar significados, se propõe a acompanhá-los respeitando o tempo e o modo com que se mostram à consciência.

4.1 O desvelamento das essências

O foco da análise intencional está sob as vivências que me mobilizaram no acesso empático desencadeado pelas interações que decorreram do relacionamento entre os humanos e os cavalos. Tendo em vista que a minha experiência é o primordial desta pesquisa, a fala em primeira pessoa fora o que destaquei nas evidenciações das essências, já que por diversas vezes, nos registros realizados, compareceram demasiadas falas sobre o outro, em terceira pessoa, por exemplo: descrições de atos e falas das pessoas, do ambiente que me cercava, de intervenções que os profissionais realizavam, entre outras ações.

Essas falas, me mostraram um primeiro resultado da pesquisa: a minha dificuldade de falar em primeira pessoa à medida que a todo momento em que registrava as experiências em campo, tendia a discorrer sobre o outro e necessitava fazer um movimento deliberado para manter a intencionalidade sobre tudo aquilo que me afetava e de que modo eu era afetada, no momento em que eu era afetada.

Para fins de análise, trago a tabela a seguir que apresenta os 14 (quatorze) atendimentos que participei e as essências extraídas, para uma visualização completa das descrições ver o

diário de campo (Apêndice C).

Tabela 1 – Atendimento e essências evidenciadas

ATENDIMENTO	ESSÊNCIAS IDENTIFICADAS
A1	Bem-estar, medo, reflexão, angústia
A2	Medo, bem-estar, reflexão
A3	Medo, reflexão, bem-estar
A4	Medo, reflexão, bem-estar
A5	Reflexão, bem-estar, medo
A6	Bem-estar, surpresa, imaginação, incômodo, reflexão, medo
A7	Admiração, bem-estar, atenção, reflexão, medo, preocupação, angústia
A8	Bem-estar, reflexão, medo, cansaço, atenção, expectativa
A9	Surpresa, bem-estar, reflexão, medo, imaginação, admiração, cansaço
A10	Reflexão, angústia, mal-estar, imaginação, medo, bem-estar
A11	Medo, bem-estar, reflexão, cansaço
A12	Bem-estar, reflexão, medo
A13	Medo, bem-estar, reflexão,
A14	Bem-estar, medo, reflexão, expectativa

Fonte: própria (2025).

A Psicologia Fenomenológica deve ser fundamentada como uma “fenomenologia eidética”; ela é então direcionada exclusivamente às formas essenciais invariantes.

Sobre isso Husserl (1927/2022, p. 94) afirma que,

Psicologia fenomenológica pode sem dúvida ser fundamentada, nesse sentido, como “fenomenologia eidética”; ela é então direcionada exclusivamente às formas essenciais invariantes. Por exemplo, a fenomenologia da percepção do corpo não é um relato sobre uma percepção que ocorre factualmente, mas um salientar do sistema estrutural invariante sem o qual a percepção de um corpo e uma multiplicidade sinteticamente concordante de percepções enquanto tais de um e o mesmo corpo seria inconcebível. Se a redução fenomenológica proporcionou o acesso aos “fenômenos” da experiência interna possível, então o método nela fundado da “redução eidética” proporciona o acesso às formas essenciais invariantes da esfera total do puramente anímico.

Portanto, após esse momento de desvelamento das essências de cada atendimento, cada essência extraída foi comparada com as dos demais atendimentos, a fim de chegar aquelas que se repetem, ou seja, são invariantes. Dessa forma, fica evidente as essências invariantes dos fenômenos que foram manifestados no corpo próprio desta pesquisadora: bem-estar, medo e reflexão. Estas vivências se apresentaram, impreterivelmente, em todos os atendimentos participados.

Como toda experiência intersubjetiva, as vivências experienciadas na equoterapia são diversas, complexas e estão para além das essências eidéticas desveladas. Outros sentimentos e sensações que foram ditas no diário de campo e que emergiram da minha experiência foram: admiração, sensação de segurança, tranquilidade, alegria, alerta, atenção, preocupação, angústia, surpresa, imaginação, incômodo, mal-estar, cansaço.

Na leitura dos relatos foi possível compreender que as palavras mencionadas refletem uma interconexão entre os afetos que emergem durante o processo da experiência. A análise fenomenológica busca justamente captar essa inter-relação de sensações, onde uma emoção pode gerar ou se fundir com outra, criando uma rede de afetos que se entrelaçam.

Por exemplo, a tensão e a ansiedade que senti se conectaram com o alerta e a expectativa, revelando um estado de medo diante do desconhecido ou do que estava por vir. Já a sensação de segurança se misturou com a tranquilidade e a alegria, formando um núcleo afetivo de bem-estar. O cansaço e o incômodo também surgiram, revelando os limites da minha corporeidade em determinadas situações.

Dito isto, a seguir irei analisar as essências apodíticas que foram clarificadas em seções distintas para melhor visualização das doações de sentido. Apesar de fazer recortes e correlações com teóricos para fins de reflexão entre o que temos a dispor enquanto ciência em Psicologia, é a partir da minha experiência que a discussão se prolongará, pois para a Psicologia

Fenomenológica o “mundo da experiência (Lebenswelt), também chamado por Husserl de “mundo da percepção”, revela-se como o terreno primordial do qual toda reflexão, seja ela filosófica ou psicológica, deve necessariamente partir” (Husserl, 2022, p. 14).

4.2 A redução transcendental

Extraídas as essências, nesse momento posso apresentar a última redução fenomenológica, “[...] introduzir a “redução transcendental” como um nível acima da redução psicológica” (Husserl, 1935/2002, p. 103). Na redução transcendental, o fenômeno é evidenciado ao nível da consciência transcendental, ou seja, visa alcançar a estrutura essencial do fenômeno na vivência, em sua relação com uma consciência que lhe doa sentido (Guimarães, 2013).

O que se objetiva com a redução transcendental é tomar o mundo enquanto fenômeno manifesto para uma consciência. Desse modo, é apresentada a abertura de um campo reflexivo nos quais os fenômenos são evidenciados em suas próprias essências, estas são vivenciadas e evidenciadas na ordem da consciência transcendental, ou seja, na sua simplificação, na ordem da subjetividade do “eu penso” (Guimarães, 2013, p. 6). Nesse sentido, a redução transcendental perpassa a reflexão de como essas vivências desveladas “retornam para mim”, em uma análise última.

Sendo assim, selecionei vivências que me mobilizaram nos atendimentos vinculadas às suas essências apodíticas: o medo, o bem-estar e aos atos reflexivos. Assim, os relatos acerca dos atendimentos destacam as descrições que apontam para a presença dessas sensações e sentimentos baseados na interação humano-animal no contexto da equoterapia. A primeira essência a qual trago à discussão é o medo.

4.2.1 Percepções sobre a experiência do medo

O que é o medo? O medo situado numa perspectiva clássica da Psicologia é relacionado a aspectos físicos enquanto sentimento desagradável de tensão, nervosismo, ansiedade, estresse e inquietação física. Gera com isso, estado de ansiedade que interfere na ação dos sujeitos (Gray, 1976). Porém, antes de toda compreensão teórica sobre o medo, há a experiência do medo, que parte do meu corpo próprio. O medo em uma orientação fenomenológica é experiencial e não somente fisiológico, é nessa orientação que irei descrever e compreender o vivido nas linhas que se seguem.

O medo que experienciei na equoterapia foi um sentimento imediato, anterior a uma consciência reflexiva, ele gerava um estado de insegurança que me deixava em nível de atenção elevada aos movimentos e sons que, no momento, eram manifestados.

Husserl (1913/2006, p. 190) nos apresenta que “toda consciência é consciência de algo”: Nessa via, o medo se volta para o que amedronta, o alegrar-se para o que alegra, o refletir para o refletido, etc. Em uma primeira autoanálise, percebi que estas sensações desencadeadas em mim estavam atreladas à minha percepção referente à força do cavalo, ou seja, a uma preocupação que existia em direção aos atos do animal que pudessem resultar em um acidente, por exemplo.

Nesse sentido, Husserl (1913/2005) descreve o corpo como centro de orientação, ou seja, o nosso corpo é a referência. Ao perceber o corpo do cavalo e tendo o meu corpo como referência, foi possível ter a compreensão que ele é um animal de grande porte e a partir dessa referência corpórea sentir e refletir que pequenos gestos do cavalo poderiam vir a machucar as pessoas que estavam em sua volta. Como exemplo: uma pisada do cavalo no pé de um ser humano pode ser extremamente dolorosa, ademais, um cavalo que se espanta por algum barulho ou movimento pode coicear alguém ou galopar com o praticante montado e ocasionar uma queda grave. No *A1* discorro sobre este sentimento ao observar gestos corporais do animal:

Em alguns momentos, o cavalo levanta a cabeça e fica um pouquinho agitado. Aqui eu fico em alerta. O profissional conversa com o animal com alguns sons e manejando a rédea para que o cavalo possa voltar a caminhar tranquilamente e ele volta [...] nesse momento eu fico mais alerta com as reações do animal. Quando ele começa a inclinar a cabeça e esticar o pescoço... Logo que ele volta a andar normalmente, eu fico tranquila e volto a perceber a equipe, o praticante. (Atendimento 1).

Dessa forma, neste relato do vivido, é notório que a corporeidade do cavalo é o que comunica que algo está diferente, e é no meu corpo próprio que sinto medo, uma sensação de alerta, atenção aos movimentos, coração acelerado, o meu campo de visão focaliza no animal, a respiração fica mais forte, uma espécie de preocupação com o que pode acontecer. Essa comunicação é intercorpórea, ou seja, à medida que o corpo do animal se manifestava e se expressava, ele me dizia algo e o meu corpo era afetado. Em *A2* é possível perceber que os profissionais da equipe também vivenciam a intercorporeidade com o cavalo no seguinte relato:

[...] em dado momento, o cavalo inclina as orelhas. A profissional me chama para andar mais à frente, porque eu estava atrás da visão do cavalo e ela me diz que quando o cavalo perde a visão da pessoa, ele pode dar coices, nesse momento eu fico tensa e vou mais para a frente, para que ele possa me enxergar melhor. (Atendimento 2).

Destaco que, nesse caso, há um histórico de atendimentos a um tempo considerável desta equipe com este cavalo, logo, os profissionais da equoterapia puderam compreender os seus gestos corporais por já “conhecê-lo”. É importante refletir que por mais que existam comportamentos genéricos da espécie, esse fenômeno nos remete a pensar que cavalos, assim

como nós humanos, cada um possui especificidades. Nesse sentido, com uma relação estabelecida é possível conhecer melhor e compreender algumas situações que podem incomodar estes animais.

Uma outra nuance da vivência do medo, é destacar que em muitos momentos o início desse sentimento foi evidenciado em correlação com ações humanas, como o ocorrido em *A3*.

Em que se segue,

[...] o praticante anda segurando a corda, levando o cavalo para a frente, de repente ele para e vai em direção ao rabo do cavalo e ele fica olhando para o rabo do cavalo. Ele chega tão perto que os profissionais precisam pará-lo porque o cavalo pode dar um coice ou ser perigoso para ele. (Atendimento 3).

Logo, atos humanos, como os do praticante, me fizeram sentir de modo imediato e espontâneo medo da reação do cavalo. Desprendida de qualquer teoria, consigo perceber que esse medo me remetia a situações passadas, no meu fluxo de vivências, nas quais situações semelhantes se desfecharam em acidentes, e se tornam naquele momento, presentificadas. Para compreender essa dinâmica, é necessário analisar o que é a percepção em uma orientação fenomenológica.

E sobre isso Husserl (1936/2012, p. 85), afirma que:

A percepção é o modo originário da intuição, ela expõe em originalidade primordial, ou seja, no modo da própria presença. Temos, ao lado deste, outros modos da intuição que têm em si mesmos, conscientemente, o caráter de modificações deste autopresente “ele mesmo aí”. São presentificações, modificações da apresentação; elas tornam conscientes modalidades do tempo, por exemplo, não o estar-aí-ele-próprio, mas o ter-estado-aí-ele-próprio, ou o futuro, o estará-aí-ele-próprio. As intuições presentificadoras “repetem” - em certas modificações que lhes são próprias - todas as multiplicidades de aparições em que o objetivo se expõe segundo a percepção: a intuição rememoradora, por exemplo, mostra o objeto como ele-próprio-tendo-sido-aí, na medida em que repete a perspectivação e restantes modos de aparição, mas em modificações conforme a memória. Ela é, então, consciente como perspectivação passada, como curso passado de “exposições de” subjetivas, nas minhas anteriores validades do ser.

É nessa conceituação que posso pensar em nós humanos constituídos por uma corrente/fluxo de consciência que se articula de forma a intuir sobre objetos que não estão materializados, mas que estão sempre sendo recordados em seu fluxo de vividos. Nesse sentido, a consciência se mostra como essa doação de sentido que unifica passado, presente e futuro, nesse relacionar entre “o que eu vivi” e “o que está por vir”, em uma duração una, fluida e conectada.

Ademais, em *A3* e *A6* outras dinâmicas vivenciais me mobilizaram medo. Em *A3*, o praticante estava nos primeiros encontros com o cavalo, na chamada “fase de aproximação” da equoterapia (ver capítulo 1). Em observação, eu faço a seguinte descrição:

A profissional resolve subir no cavalo e convida o praticante para subir junto com ela. A priori ele é bastante resistente e se abraça ao corpo do pai para não passar a perna por cima do cavalo até que aos poucos a profissional e o pai conseguem botar ele montado na frente da profissional, em cima do cavalo. E o cavalo sai andando. O praticante passa o braço no pescoço da profissional e faz toda a atividade de montaria com o braço em volta do pescoço da profissional, em cima do cavalo. (Atendimento 3).

Em *A6*, em um atendimento com o mesmo praticante, também tenho a sensação de medo e destaco o seguinte relato:

A profissional entrou no lugar de sair com o cavalo e convidou o praticante para sentar com ela. Rapidamente ele sentou no animal junto com a profissional, ela atrás e ele na frente. O praticante está com as duas mãos enroscadas no pescoço da profissional, segurando fortemente nela, como quem tem medo. (Atendimento 6).

Diante desses relatos, é possível perceber que em ambas as situações o medo está diretamente relacionado às atitudes do praticante que propiciam situações desconfortáveis, estressantes e de insegurança para si, para a profissional e para o cavalo em atendimento; ocasiões que podem desencadear riscos à integridade física e emocional de todos. Em *A2* também é possível identificar essa perspectiva do medo no seguinte momento:

[...] em dado momento o praticante grita bem alto e aí param o cavalo. A profissional conversa com ele. Ela avisa que ele não precisa gritar para chamar a atenção, que eles estavam “ali” para ele, e o praticante silenciou. Neste instante, fiquei bastante apreensiva. (Atendimento 2).

A partir da análise dos vividos, compreendo que as descrições realizadas também pairam sobre uma percepção de responsabilidade que sinto sobre o cuidado das pessoas e do animal na equoterapia a partir do momento que me disponibilizo a estar ali naquele espaço de atendimento. Intenciono que na ocasião de qualquer acidente eu teria que ter uma atitude frente o fenômeno, que poderia ser benéfica ou provocar danos maiores. Dessa forma, o medo comparece mediante também a imprevisibilidade e da falta de controle sobre os acontecimentos do “mundo da vida”.

Um outro atravessamento, está na experiência de que esse medo não se restringe a mim, indivíduo. De modo empático se constitui enquanto uma experiência intersubjetiva manifestada em todos os participantes desse cenário: no praticante que ao montar “abraça” o pescoço da profissional com força, nos profissionais que estão com o olhar direcionados ao cavalo e também na profissional que está sendo fortemente segurada pelo praticante. Tal dinâmica se expressa em olhares atentos e ladeados a esse conjunto, e também às variáveis do ambiente,

atuando no manejo das situações consideradas arriscadas; na atenção ao equino e ao praticante.

Por fim, destaco aqui um modo de sentir medo que está atrelada à próxima essência a ser analisada, a reflexão. Em alguns momentos, esse medo se direciona a um questionamento sobre os limites do cavalo e do seu bem-estar, ou ainda, a um “não saber” que ocasiona preocupações diversas. A reflexão pode ser observada nas descrições realizadas em todos os atendimentos.

Figura 4 - Lançamento de dados sobre o cavalo.



Fonte: própria (2024).

4.2.2 Percepções sobre a experiência da reflexão

A vivência da reflexão compareceu em todos os atendimentos e me atravessou de diversos modos. Husserl (1913) discorre que a reflexão é o movimento de voltar-se sobre a própria experiência, o movimento no qual se toma consciência da experiência já vivida e se reorienta a atenção para ela. Logo, a reflexão não somente perpassou toda a pesquisa em campo, como também estes atos foram atualizados e comparecem durante toda a escrita desta pesquisa.

A partir da leitura de Husserl, Gyrão (2015) analisa que a reflexão é uma vivência

humana, na qual o sujeito se dá conta do que está fazendo, tem a capacidade de perceber e de registrar o que está vivendo. Desta forma, compreendo a reflexão como um ato da consciência que envolve um “despertar-se” sobre os próprios conteúdos da experiência. O ato reflexivo não se limita a perceber o mundo externo, mas permite a autorreflexão e o entendimento dos próprios atos. Dito isto, modos de refletir e conteúdos diferentes foram manifestados durante a minha estadia em campo de pesquisa.

O primeiro ato reflexivo que trago à discussão é o de “questionar o que acontece na experiência do animal”; sobretudo no que tange ao respeito do seu bem-estar. Os avanços e atuais reflexões no campo da Ciência Biológica, da Filosofia, do Direito e da Bioética, têm apontado para a condição senciente dos demais animais, o que os coloca em condição suficiente de serem alvos de preocupações e reflexões éticas, tendo em vista evitar o seu sofrimento (Singer, 1975; Trevisan; Cruciol Junior, 2020 *apud* Bastos, 2021).

Muitas teorias buscam explicar o comportamento animal e nos dá diretrizes para explicá-los. Porém, em uma atitude fenomenológica, de suspensão dessas teorias, me deparei com o puro fenômeno do sentir e de me permitir questionar. Dei-me conta de que esses atos reflexivos estão intimamente ligados à sensação de um “não saber” ou de “não ter certeza” sobre o que o animal estava sentindo. Em A5 faço as seguintes descrições:

O praticante está subindo o cavalo, assim, com muitas complicações. Ele fala bastante com a equipe. O cavalo está sendo conduzido pelo profissional, de modo tranquilo, ao passo. O profissional segura a rédea muito próxima da boca do cavalo. Será que dessa forma, tão próxima e forte, não aperta a boca do cavalo? E o cavalo o segue [...]. (Atendimento 5).

Adiante, no mesmo atendimento, discorro:

O cavalo desacelera e o praticante fica gritando: corre cavalo, corre, acelera. E grita de novo, e de novo. Porém, o ritmo de corrida do cavalo é ditado pelo profissional, que segura a rédea perto da boca do animal, controlando a sua velocidade. Entramos no picadeiro de areia, que é coberto, saímos da chuva e começamos a fazer exercícios de zigue-zague, com o praticante segurando a bola e arremessando no cone. Em certo momento, o cavalo relincha bem alto, me leva a pensar, será que ele não está cansado depois de tanta correria? (Atendimento 5).

É possível, de modo empático, ter uma experiência da experiência do animal (como analisado no capítulo 2), mas existem vivências que são próprias da essência do animal não-humano, em que a experiência que eu tenho, é a do “desconhecimento”. Temos estruturas de seres vivos que se identificam e se comunicam, porém, esta vivência não é o sentir genuíno do animal. Dessa forma, podemos pensar que existem estruturas de seres interespecies que são peculiares a cada uma e que impossibilitam um reconhecimento, apenas a constatação de uma alteridade insuperável.

Apesar de os humanos serem capazes de reconhecer que um cachorro ou outro animal sente dor, através de atos empáticos, a experiência “dessa” dor é, de fato, inalcançável. Nagel (1974/2013), em seu famoso artigo *What is it like to be a bat*, defende que, embora possamos perceber que outros seres vivos experienciem o mundo de formas similares, nunca poderemos acessar o que é realmente ser outro ser, como um cachorro ou um morcego. O ser humano tem uma limitação cognitiva e empática quando se trata de compreender a vivência subjetiva de uma espécie completamente diferente, especialmente porque as formas de percepção e os modos de vivenciar o mundo são, em parte considerável, influenciadas pela biologia e pelas capacidades sensoriais distintas dos seres humanos.

No entanto, isso não significa afirmar que a fenomenologia nega a ideia de que certos atributos possam ser compartilhados entre seres humanos e animais. Pelo contrário, as investigações fenomenológicas indicam um âmbito comum entre o homem e os outros animais, mais precisamente, seu caráter anímico. Abordei brevemente sobre essa temática no capítulo 3. Nesse contexto, é discutida a relação entre alma e corpo, particularmente no que diz respeito ao seu aspecto orgânico. De maneira geral, nas teses naturalistas, parece haver um grande esforço e uma urgência para que reconheçamos algo humano no animal, em vez de vermos algo animal no humano (Bastos, 2021).

A fenomenologia de Husserl, especialmente conforme desenvolvida em *Ideias II*, oferece uma nova forma de compreender a relação entre humanos e animais ao reconhecer na condição anímica um elemento compartilhado que os aproxima em termos ontológicos. Para Husserl (1952/2005), tanto o ser humano quanto o animal possuem alma — não no sentido religioso, mas como manifestação de uma vida animada. Essa vida se caracteriza por uma integração entre corpo e psique. Assim, o corpo não se reduz a uma estrutura física, mas se apresenta como um corpo vivido, portador de alma, cuja existência está entrelaçada a uma sequência de vivências — percepções, sensações, afetos e impulsos — que formam aquilo que o autor denomina de experiência anímica.

Bastos (2021), ao interpretar essas passagens, afirma que o conceito de alma em Husserl não deve ser compreendido como entidade espiritual, mas como a base da vida anímica e sensível do ser. Nesse contexto, “[...] alma, o mesmo ser psíquico que, vinculado ao respectivo corpo humano ou animal, compõe o duplo ser substancial/real homem ou animal, animal. (Husserl, 1952/2005, p. 159, tradução nossa), constituindo uma unidade psicofísica que permite o aparecimento do outro como ser animado. Isso torna possível uma aproximação empática com o animal, uma vez que seu corpo também se expressa no mundo como portador de afetos e intencionalidades.

Desse modo, a fenomenologia redimensiona o debate entre as teses gradualistas e essencialistas sobre a diferença entre humanos e animais. Mesmo reconhecendo um limite na constituição intersubjetiva do animal – dado que nossa referência primordial é o corpo humano (Husserl, 1931/2002, *apud* Bastos, 2021) – a abertura empática continua sendo possível, especialmente quando consideramos que corpo e alma formam uma unidade de experiência que situa o ser animado no tempo e no espaço (Husserl, 1952/2005).

Figura 5 – Praticante realizando atividade de montaria.



Fonte: própria (2024).

Mas o que Husserl entende, então, por alma? Ele define que "[...] o conceito de alma propriamente dito, de algum modo coincide com o conceito de vivência e corrente de vivências" (Husserl, 1952/2005, p. 127, tradução nossa), e que deve ser abordado sob a perspectiva fenomenológica, a fim de evitar equívocos empíricos, sempre se referindo ao dado originário. A própria etimologia de animal refere-se à concepção de anima, enquanto ser animado, vivo (Bastos, 2018).

Assim, o que me interessa aqui e me permitiu vivenciar tantos afetos, são os aspectos em que a condição do ser humano se aproxima à dos outros animais, através da sua

compreensão como seres anímicos. Dessa forma, se o anímico está vinculado à corrente de vivências, ressalto que: “Como já indica a expressão figura da corrente de vivências (ou corrente de consciência), as vivências, isto é, as sensações, percepções, recordações, sentimentos, afetos etc., não são dadas na experiência como anexos, desconectadas de corpos materiais” (Husserl, 1913/2005, P. 127, *apud* Bastos, 2021).

4.2.2.1 Reflexões sobre o bem-estar humano e do animal

Diante dos atos reflexivos que ocorreram ao longo dos atendimentos, pude identificar diversos momentos em que estes se direcionaram não apenas à análise do bem-estar do animal, mas também ao bem-estar dos humanos inseridos naquele espaço. Em meio a essas reflexões, surgiram questionamentos fundamentais sobre as práticas realizadas. A respeito do movimento reflexivo acerca do bem-estar animal, no atendimento *AIL*, acontece a seguinte descrição:

Quando o profissional aperta a cilha do cavalo, ele tenta morder o profissional. Eu fico curiosa para entender. Pergunto se ele tem esse comportamento constantemente e eles falam que sempre que apertam a cilha, ele tenta morder. A experiência que eu tenho é de entender o quão desagradável isso deve ser para o cavalo. Neste ponto, o que percebo é o esforço que faço para compreender essa situação. (Atendimento 11).

De toda forma, destaco que por mais que em certos momentos não obtive certezas sobre a realidade vivencial do animal, constato aqui uma vivência inerente à minha experiência: uma preocupação empática com o bem-estar animal. Esses momentos de reflexão revelam uma intenção de cuidado com as necessidades e as condições de ambas as espécies envolvidas. Sintetizo essa atitude no exposto em *A7*:

Fico atenta, parada fixamente com o olhar e os ouvidos atentos para os pedidos do profissional, a execução do praticante. O cavalo fica parado, com uma reação contínua, parece estar confortável. Isso me dá a sensação de que esses exercícios não estão causando algum mal-estar ao animal. (Atendimento 7).

A percepção de que “[...] esses exercícios não estão causando algum mal-estar ao animal” expressa uma tentativa de confirmar, por meio da experiência empática e em uma intercorporeidade, que ele está sendo adequadamente cuidado durante a interação. Essa descrição, portanto, reflete uma preocupação genuína com o bem-estar do animal, destacando a preocupação de monitorar continuamente as expressões corporais do cavalo na intenção de que ele não esteja sendo prejudicado.

Bastos (2021) aponta que é possível que tenhamos certo nível de evidência e compreensão sobre esses aspectos por meio da evidência apodítica de sua disposição em nosso mundo objetivo. E que isto só é possível porque compreendemos os animais como variantes de nós mesmos. Diante desta perspectiva, não há como partir do modo como o animal vivencia o

seu mundo próprio, mas sim compreendê-la enquanto uma variante da minha própria vivência.

Esta análise me remete a um ponto crucial da fenomenologia, a intersubjetividade. Husserl (1929/2013) aponta a intersubjetividade como um modo de superar o solipsismo, e assim também afirma que experienciar o mundo não é da ordem do privado, mas intersubjetivo, já que o mundo é acessível para todos os objetos e é igualmente dado para todos. Logo, a experiência não se limita ao sujeito isolado, mas é sempre um fenômeno que se dá em relação ao mundo e a outros sujeitos. E os animais também fazem parte desse mundo compartilhado.

Além disso, outra vivência de reflexão que se manifestou foram atos reflexivos atrelados ao bem-estar dos praticantes. Foi possível perceber uma atenção direcionada a refletir se a pessoa em atendimento estava se sentindo confortável. Essas reflexões não se limitavam a um momento isolado, mas se revelava de forma contínua, manifestando-se em pequenas ações, como a observação minuciosa de sua postura, expressões faciais, na escuta das suas falas e até mesmo nos pequenos sinais corporais. Em A7, evidencio essa percepção:

De repente, o praticante para de fazer o exercício, abaixa a postura, abaixa o rosto, com um semblante de tristeza. Os profissionais também percebem essa mudança. Perguntam se está tudo bem. E ele não verbaliza. Em um momento, ele fala apenas que está tudo bem. Os profissionais chegam à conclusão de que talvez ele tenha cansado e dão uma parada no pedido da realização dos exercícios. (Atendimento 7).

Observem que, segundo o relato, os outros profissionais compartilham de uma mesma percepção. E esse mesmo fenômeno se repete em A1:

O praticante olha em alguns momentos para os profissionais em volta, mas o olhar dele fica mais fixado para o dorso do cavalo. Aqui eu sinto que o praticante sente medo, está rígido e não consegue olhar em sua volta e interagir, apenas se interessa em olhar para o cavalo como quem estivesse preocupado com quais seriam os próximos movimentos do animal. Os profissionais percebem o mesmo que eu e pedem para que o praticante relaxe, olhe para eles, olhe em volta. (Atendimento 1).

Aqui mais uma vez, destaco a questão da intersubjetividade. O mundo intersubjetivo é vivido como afirmou Husserl (1929/2013, p.18) “[...] experiencio os outros enquanto outros e, em simultâneo, enquanto sendo aí uns para os outros, enquanto sendo aí para qualquer um”. Nesta descrição, o praticante se expressava no mundo, mundo que é dado para todos, e através da vivência da empatia, com a corporeidade enquanto estrutura basilar, é possibilitada uma compreensão dos profissionais que é semelhante, acerca da experiência de medo do praticante.

Além disso, a intenção de cuidado e a preocupação com o bem-estar do praticante se traduzia sobretudo em questionamentos dirigidos a mim mesma, como por exemplo: "Será que ele está confortável?" Em diversas situações, dei-me conta de uma atitude atenta que se dirigia especificamente à reflexão sobre o estado emocional da pessoa em atendimento.

Em *AI*, eu descrevo:

Tanto a postura curvada do praticante, como o olhar fixo dele em alguns momentos para o cavalo, para a cabeça do cavalo, me dá a sensação de que ele está um pouco inseguro ou amedrontado ainda. E eu pergunto a equipe de profissionais desde quando o praticante está sendo atendido e eles relatam que ele iniciou esse ano e que ele falta muito às sessões, reflito se isso não atrapalharia o desenvolvimento de uma relação mais próxima com o cavalo. Em alguns movimentos no cavalo que são solicitados pela equipe, ele não consegue executar por completo, como ficar em pé nos estribos da sela do cavalo. E então, ele não levanta, não faz o exercício completo que o profissional pede. E isso me dá a sensação de que há uma insegurança ainda em relação a esses movimentos em cima do cavalo. Ao voltar a atenção para mim, compreendo que eu penso sobre o que o praticante está pensando ou sentindo. (Atendimento 1).

Ao refletir sobre o corpo, Guimarães (2007) afirma que é através do corpo que se constitui as vivências que são evidenciadas na consciência, isto é, o mundo é percebido por meio do corpo enquanto polo de todas as significações. O corpo, assim, torna-se um ponto de partida para compreender as vivências do praticante, permitindo uma análise mais profunda da dinâmica terapêutica e da relação que está sendo construída com o animal. Sendo um importante indicador das emoções experienciadas durante as sessões de equoterapia.

4.2.2.2 Reflexões sobre a técnica

Na investigação realizada, um fenômeno que compareceu eminentemente atrelado aos atos de reflexão sobre o bem-estar animal e o bem-estar humano foi a reflexão sobre a técnica. Nas descrições no diário de campo, pude identificar que a valorização da técnica me fez questionar até que ponto ela era algo positivo no modo de conduzir o relacionamento entre cavalo e humano na equoterapia. Trago o seguinte relato em *AI*, que demonstra a preocupação:

O praticante, ao se despedir, fica tímido, os movimentos mais acanhados. A profissional pede para ele dar tchau para o animal e ele dá apenas umas pequenas batidas com as mãos no cavalo, não abraça, sem contato visual. E para sair do cavalo, levantar e sair, ele não levanta, ele fica, é bastante difícil de tirar e os profissionais o ajudam. Um dos profissionais relata: “esse praticamente não teve tanta conexão com o cavalo” e solicita para o outro profissional que a mãe entregue uma cenoura na próxima sessão, para ver se o praticante se solta mais nessa relação. Sinto uma certa angústia ou seria uma preocupação sobre o andamento desse processo, que hoje se mostrou com bastante resistência ao animal. (Atendimento 1).

Diante dessa vivência, me questiono sobre o tempo de cada pessoa para uma relação afetuosa com o cavalo, e que talvez esse tempo não tivesse sido respeitado nessa situação, uma vez que o praticante realizou a montaria e diversas atividades no dorso do cavalo com notório medo do animal.

Husserl (1913/2006) enfatiza que a vivência do tempo está diretamente ligada à

consciência e à percepção do sujeito, como elemento de apreensão dos objetos intencionais por parte da consciência, que unifica em síntese, recordação e percepção atual. Ao partir desse prisma, o tempo vivido por cada praticante, em relação ao cavalo, é uma vivência subjetiva e contínua. Portanto, a técnica, precisa ser sensível e adaptada à singularidade de cada indivíduo. O tempo para cada um, nesse cenário, não deve ser pré-determinado, portanto não é cronológico, mas, livre de *a priori*, o tempo fenomenológico. Feitas estas considerações, entendo que essa é a via pela qual, pode ocorrer uma relação empática.

Ao analisar a doação de sentido realizada acima, penso que a reflexão também é um modo de dar sentido às vivências passadas, ou seja, de reconstruí-las e revisá-las. Essas experiências, me fizeram lembrar de outras experiências já vividas na equoterapia nos quais o apego aos protocolos estabelecidos, ou na “melhora” a partir da realização de determinadas técnicas, negligenciava as necessidades do praticante no momento da interação com o cavalo. Tais situações me marcaram de modo profundo e contribuíram para a escolha da fenomenologia como orientação de trabalho e pesquisa. O arcabouço teórico generalista não contemplava a minha atuação profissional e a reflexão rigorosa sobre cada experiência vivida me dava ânimo para possibilitar um atendimento eficiente, mas sobretudo de cuidado e respeito aos que dele desfrutavam.

Dito isto, compreendo a necessidade de estar sempre atenta para que a técnica não seja implementada de forma mecanizada, com o terapeuta se concentrando em realizar procedimentos específicos (como a montaria, exercícios de equilíbrio, postura ou movimentação) em detrimento do bem-estar dos protagonistas da equoterapia, o cavalo e o praticante. Em A3 mais uma experiência nesse sentido comparece:

[...] o praticante fica ali por alguns poucos segundos ou minutos e se movimenta para o outro lado, distante do cavalo, oposto ao cavalo. Isso gera uma expectativa em mim, no sentido de que eu sinto que ele não está gostando da interação. E o que será que pode fazê-lo se sentir melhor nessa interação? Em determinado momento, um dos profissionais me relata que o praticante está na fase de aproximação e hoje é o segundo encontro dele com o cavalo, aqui na equoterapia. (Atendimento 3).

Neste trecho, é retratado o praticante na fase de aproximação (ver capítulo 1). Portanto, o animal ainda era desconhecido para o praticante, o que propicia uma estranheza. A reflexão aqui não está intencionada a uma preocupação sobre a sobreposição da técnica ao vínculo afetivo, mas sim uma preocupação em identificar modos de aproximar praticante e cavalo de maneira que respeite o bem-estar de ambos. Sendo assim, sinalizo a relevância dos profissionais da equoterapia desenvolverem capacidades criativas na sua prática para a facilitação do processo de aproximação entre humano e animal, base da relação.

4.2.2.3 Reflexões sobre a equipe interdisciplinar

Outra reflexão que perpassa os atendimentos equoterápicos vividos, é a constatação da relevância da equipe interdisciplinar na Equoterapia. Em *A7* faço um registro que descreve sobre:

Nesse momento, os três profissionais que estão atendendo, eles fazem um debate sobre a altura dos pés do estribo [...] nesse momento, eu presto bastante atenção para que eu possa aprender um pouco mais. Nesse caso, um profissional de outra área que está sendo o mediador [...] eu fico bastante atenciosa com as orientações dele, as interações entre o praticante e o cavalo. É uma área diferente da Psicologia, portanto, eu não tenho tanto conhecimento. Nesse momento eu tento entender o propósito, a técnica e refletir sobre isso. O profissional pede que o praticante estique as mãos espalmadas na traseira do cavalo por alguns segundos, depois que estique os braços para cima, depois para o lado. Isso me desperta atenção e curiosidade para ver se ele vai conseguir ou não [...] eu reflito agora que, um saber sozinho não daria conta de um atendimento, de fato existe a importância de várias profissões conversando, é necessário. (Atendimento 7).

Durante o atendimento, reconheço a importância da colaboração interdisciplinar, pois compreendo que um único saber — no meu caso, o saber do psicólogo — não é suficiente para responder às demandas complexas presentes na equoterapia. Considero essencial a integração de diferentes áreas do conhecimento, como fisioterapia, terapia ocupacional, educação física, equitação, medicina veterinária, fonoaudiologia, psicologia, entre outras. A interação e cooperação entre esses saberes tornam-se fundamentais para que o atendimento ocorra de forma a respeitar e atender a diversidade e as particularidades de cada pessoa.

Percebo ainda outras descrições que reforçam a importância da atuação de profissionais de diferentes áreas no contexto equoterápico. No relatório *A1* abaixo, por exemplo, descrevo a atuação de um profissional cuja habilidade vai além do simples manejo físico do cavalo. Ele demonstra sensibilidade ao perceber e responder às sutilezas do comportamento do animal. Ao interagir com o cavalo por meio de sons, revela não apenas domínio técnico, mas também empatia. Como afirma Stein, “A vivência empática não pressupõe a linguagem: ela ocorre em nível pré-reflexivo, mediante o corpo do outro que se dá como sentido” (Stein, 2007, p. 11).

Em alguns momentos o cavalo levanta a cabeça e fica um pouquinho agitado. Aqui eu fico em alerta. O profissional conversa com o animal com alguns sons e manejando a rédea para que o cavalo possa voltar a caminhar tranquilamente e ele volta. (...) Em dado momento paramos o cavalo, onde o profissional pede que o praticante faça algumas atividades no dorso do cavalo e o outro profissional dá uns beijos no rosto do cavalo. Nesse momento eu sinto alegria, bem-estar, percebo que aqui é um cuidado com o animal. (Atendimento 1).

Neste ponto, corroboro com a análise de Foresti (2014) em que declara que a atuação de profissionais de diversas áreas, com perspectivas distintas, favorece a troca de experiências

em uma equipe com formações variadas, tanto de maneira direta quanto indireta, durante as sessões terapêuticas. Esse esforço visa superar as limitações de cada especialidade, impulsionado pela oportunidade de um aprendizado contínuo. Ao retornar a leitura para a parte final de *AI*, verifico que a atuação da equipe interdisciplinar na equoterapia também está relacionada à próxima essência desvelada: o bem-estar.

4.2.3 Percepções sobre a experiência de bem-estar

Logo no momento que chego no Centro de Equoterapia essa sensação se manifesta. No primeiro atendimento descrevo: “Chego na equoterapia e tenho boas sensações. Sinto-me bem aqui, sou muito bem recebida por todo mundo” (*AI*). Ao refletir sobre a sensação de bem-estar destaco o conceito de “mundo da vida”, pois este relato evidencia o meu mundo vivido. Husserl (1936/2012) afirma que o mundo da vida é solo do doxa e das vivências originárias que se dá a partir da manifestação da consciência, como caminho de autoevidenciação. Esse conceito se refere ao mundo vivido, pré-dado, o universo de significados que os indivíduos compartilham no cotidiano.

Figura 6 – Praticante escovando cavalo.



Fonte: própria (2024).

Husserl utiliza o termo em alemão *Lebenswelt* para se referir ao mundo da vida e discorre sobre este da seguinte maneira: "O mundo da vida é o mundo da experiência e da prática cotidiana, o mundo que temos antes de qualquer construção filosófica ou científica, aquele que nos é dado diretamente na nossa vivência, nas ações, nas emoções e nas interações" (Husserl, 1929/2013, p. 119).

As boas sensações que descrevo no diário de campo remete a esse mundo das emoções e interações, à experiência pura, à vivência imediata, uma descrição que transpõe o conceito de mundo da vida e torna possível sua visualização no cotidiano. Esse momento, aparentemente simples, revela um aspecto profundo da minha própria vivência e do meu modo de ser no mundo, ou seja, do meu "mundo da vida". Na fenomenologia de Husserl, o "mundo da vida" não se limita à observação externa; ele é sentido e construído por meio das experiências imediatas. Como retrata A12:

Sinto-me tranquila, um bem-estar. A gente tá na trilha, parece uma floresta. O cavalo tá tranquilo agora. A praticante também. Parece-me que está bastante familiarizada. Sinto bem-estar. Não só pela interação, que parece estar tranquila, mas sinto essa sensação na percepção de todo o ambiente do atendimento: vento, árvores, açude, vislumbro belíssimas paisagens. A praticante observa o cavalo, observa o contexto ao redor. Ela vai desviando dos galhinhos que tem nas árvores e podem pegar na cabeça dela. Mas com um semblante muito sereno. Sinto uma calma nesse ambiente, a partir dessa observação. A cena que eu vejo é muito bonita, a natureza, o animal, a interação. Me sinto bem. Eu me percebo percebendo essa interação, esse ambiente, com uma respiração, acredito que calma, sem nenhum tipo de aceleração na frequência cardíaca, uma sensação de relaxamento e estou focada nessa sensação, não pensando em outras coisas, mas em cada detalhe, nos pneus que estou vendo aqui, coloridos: vermelho, amarelo, azul; nas folhas no chão... muitas árvores, árvores grandes, no cavalo, como ele é bonito, sua cor dourada, tudo. (Atendimento 12).

No meu fluxo de vividos, a sensação de bem-estar e o acolhimento do ambiente são vivenciados como parte do meu mundo vivido, antes de qualquer julgamento ou reflexão mais profunda. De acordo com a fenomenologia, vivência é tudo aquilo que pode ser encontrado no fluxo de vividos, não apenas os intencionais e atuais, mas os vividos inatuais que também são, em seu cerne, "[...] consciência do mesmo algo que a consciência correspondente não modificada [...]" (Husserl, 1913/2006, p. 89).

Sendo assim, as experiências que tive anos atrás neste Centro de Equoterapia de bem-estar e que são rememoradas por mim, revelam esse fluxo de vividos inatual que, ainda assim, mostram o mesmo fundo de vividos e a propriedade eidética da consciência não modificada. Entendo que a consciência, nessa dinâmica, não alterou o núcleo da vivência, mas manteve a

propriedade eidética, ou seja, o reconhecimento de que o que foi vivido, embora não mais no presente imediato, ainda faz parte da estrutura essencial da minha experiência.

Outrossim, a sensação de bem-estar é o núcleo da essência que compareceu dentre descritores no diário de campo como: alegria, tranquilidade, segurança, admiração. Todas estas emoções convergem para a sensação de bem-estar, que foi manifestado nas experiências vividas como um estado emocional relacionada a uma sensação de prazer.

A sensação de contentamento ou alegria é compreendida por Husserl (1901/2012, p. 338), como:

[...] seguramente um ato. Mas este ato, que não é um simples caráter intencional, mas antes uma vivência concreta e complexa, encerra na sua unidade, não apenas a representação do acontecimento feliz e o caráter de ato a ele referido, do agrado, mas a representação liga-se ainda a uma sensação de prazer que, por um lado, é aprendida e localizada como a excitação sentimental do sujeito psicofísico que sente e, por outro lado, como propriedade objetiva. O acontecimento aparece como que areolado por uma tonalidade cor-de-rosa. O acontecimento, enquanto tal, deste modo tingido com as cores do prazer, é agora o fundamento para a atitude jubilosa, para o agrado, para a satisfação ou como quer que se queira chamar.

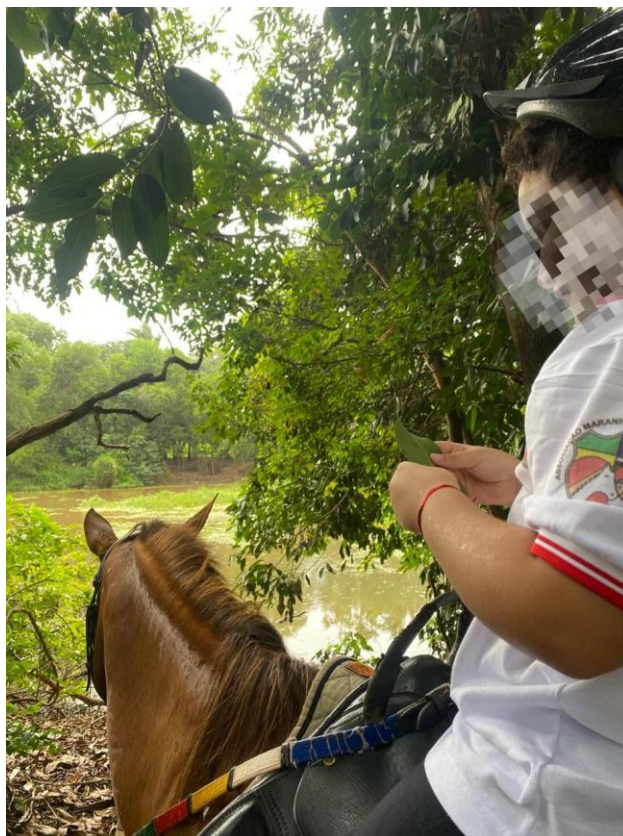
Compreendo que Husserl, ao falar sobre a alegria, enfatiza a complexidade da experiência emocional, destacando que ela não se reduz a um simples sentimento ou representação, mas envolve uma vivência concreta e multifacetada. Para ele, a alegria é um ato intencional, envolvendo tanto a percepção do acontecimento quanto uma resposta emocional ligada ao prazer. A experiência de prazer, nesse contexto, é tanto intencional quanto sentida fisicamente, estando imbuída de uma tonalidade afetiva que colore o evento com uma sensação de felicidade. A5 é um atendimento que, para mim, reflete perfeitamente, o estado de alegria:

A profissional pede para o praticante abraçar o cavalo, e ele dá um abraço bem largo, fica segurando, fica abraçando por um tempo, enquanto a profissional diz: muito bem garoto. Nesse momento ele faz perguntas sobre a trilha, onde nós estamos, se o lago ao lado é um rio. É um ambiente bem bonito, de fato parece um rio. O praticante pegou uma folha da árvore e pergunta se o cavalo pode comer isso ou não. Com a chuva aumentando, a profissional pede que o outro membro da equipe dê uma apressada, o praticante se anima e fala: “corre com o cavalo”. Quando o cavalo começa a correr, ele começa a dar muita risada. A chuva aumenta, a profissional que fica... A profissional ao lado pede que o outro membro da equipe desvie com o cavalo dos galhos. O praticante fala: “ai meu Deus”, entre gargalhadas, enquanto voltamos para o lugar de partida na chuva. Eu sorrio também, e me percebo sorrindo junto com o praticante, é divertido estar aqui. (Atendimento 5).

Apenas o ato de fazer a releitura desta transcrição ao momento que a escrevo, eu sorrio novamente, transporte-me para tudo que vivi nesse atendimento. Essa vivência me faz analisar a presentificação das emoções, pois para Husserl “[...] as emoções se estendem no tempo e não

se reduzem a um simples momento, elas envolvem uma memória e uma expectativa, sendo constitutivas do fluxo de vivências da consciência [...]" (Husserl, 1913/2006, p. 274).

Figura 7 – Praticante montado a cavalo durante sessão realizada na trilha.



Fonte: própria (2024).

Levando em consideração as análises realizadas, a evidência do bem-estar esteve direcionada ao animal e ao praticante, como também aos envolvidos, como ambiente, à paisagem, à “floresta” e aos demais profissionais. Em *A13*, é possível perceber que o meu bem-estar não se apresenta como algo “interno”, mas como uma vivência que se direciona “para fora”. Nessa ocasião, a minha percepção do cuidado destinado ao cavalo, da responsabilidade na atuação dos profissionais e da segurança relacionada à desenvoltura do praticante compõem o sentido desse bem-estar:

[...] Sinto um bem-estar nesse ambiente [...] O praticante tem dificuldades motoras mas ele me parece não ter medo de estar em cima do cavalo, apesar das limitações. Eu olho para cavalo, verifico sua pele, rosto. Parece estar saudável. Eu me percebo percebendo o atendimento, vejo com atenção para a posição dos profissionais, para o modo como o cavalo anda, para o praticante, a expressão dele, a sensação que eu tenho é de segurança, tranquilidade, que está sendo um atendimento confortável para o cavalo e para a pessoa em atendimento. (Atendimento 13).

Nesse contexto, reflito sobre o pensamento de Husserl (1913/2006) de que as vivências afetivas ou emocionais também têm seus objetos e se dirigem a eles de modo intencional. Em

vista disso, Husserl postula que as emoções, como qualquer outra experiência, são intencionais, ou seja, têm sempre um objeto. Isso significa que, quando sentimos uma emoção, ela está sempre dirigida para algo, seja uma pessoa, um acontecimento ou uma situação, seja este objeto real ou imaginário, e modifica a vivência da pessoa que sente.

Figura 8 – Atividade de basquete sobre montaria.



Fonte: própria (2024).

Dessa forma, as emoções não são apenas estados internos sem relação com o mundo exterior. Como no caso de *A9* em que eu relato que: “Ao final do atendimento sinto admiração por todo o trabalho realizado, um bem-estar, porém cansada, bastante suada.” (Atendimento 9). Aqui, o objeto para qual estou intencionalmente me referindo é a atuação da equipe interdisciplinar na sua relação com o animal e o praticante.

Em *A14* demonstro alegria ao vislumbrar afeto da profissional com a praticante. Esta é outra experiência em que é possível identificar o meu bem-estar atrelado ao cuidado da equipe interdisciplinar com o animal e/ou com a pessoa em atendimento:

[...] Penso: há um cuidado. Ao observar a profissional de mãos dadas com a praticante. Cuidado e proteção. A praticante tem medo do cavalo. Momento que sinto ansiedade, expectativa. Ela senta distante do cavalo e a profissional vai sentando cada vez mais perto do cavalo e chamando ela para sentar perto dela. E a praticante está indo. Enquanto isso, conversa com os outros

profissionais. A profissional deu um cavalinho de pelúcia para ela segurar e o cavalo tá ali só olhando paradinho [...] à medida que ela ri com o nome do cavalo, que ela chama de tapioca, eu também me sinto bem nesse momento. (Atendimento 14).

Ao analisar as transcrições em diário de campo, como a que está acima, em mais de uma vez é possível perceber que a partir da percepção do sorriso de alguém, eu também me percebo sorrindo, à medida que eu vislumbro alegria nas pessoas que estão inseridas naquele contexto eu também me divirto. Nesse sentido, compreendo que a experiência da emoção, em sua essencialidade, é um fenômeno intersubjetivo, pois ele se encontra enraizado no tecido de nossa convivência com os outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A questão norteadora que guiou o meu trabalho foi compreender o que poderia ser revelado a partir de uma análise fenomenológica das minhas experiências, enquanto psicóloga, nas interações entre seres humanos e cavalos durante os atendimentos na equoterapia. Ao final, sinto que essa questão foi atendida. Tendo em vista que a psicologia fenomenológica é uma fenomenologia constitutiva, acredito que o intuito dessa pesquisa foi cumprido: o de um retorno à experiência, “a coisa mesma”, não para explicá-la, mas para descrevê-la e analisá-la intencionalmente.

Preliminarmente, gostaria de trazer uma consideração acerca da fenomenologia e de seu método. Entender que a fenomenologia não é apenas um método, mas uma atitude, fez-me compreender profundamente como ela orienta todo o meu trabalho, e não apenas uma parte dele. Ao me deparar com essa percepção, compreendi em campo que a fenomenologia vai além de uma simples ferramenta técnica, como se desdobrasse em um “passo a passo”. Ela propõe uma forma de estar no mundo, de maneira direta, sem as distorções dos pré-conceitos, julgamentos, ou dos desejos de validações teóricas. Descobrir essa atitude em ato é muito diferente de ler sobre isso, e isso para mim, foi um dos maiores ganhos desta pesquisa.

O primeiro ponto que trago enquanto resultado da pesquisa é acerca da compreensão ingênua que eu tinha no início desta pesquisa, sobre a relação entre homem e cavalo ao longo da história, acreditando que ela se desenvolvia de forma evolutiva, passando de uma relação marcada pela violência para uma de companheirismo. No entanto, à medida que me aprofundei nas leituras e na análise das referências que me foram direcionadas, comecei a superar essa visão simplificada.

Percebi que, na verdade, esses modos de interação não se sucedem de forma linear; eles coexistem de maneira concomitante desde os tempos antigos até os dias atuais. Esse novo entendimento me afastou de uma visão romântica dessa relação e me permitiu enxergar o fenômeno de forma realista, tal como ele realmente se deu ao longo do tempo e tal qual podemos acessar na contemporaneidade e no cotidiano.

Logo, esse percurso me fez concluir que não existe uma “evolução histórica” dos modos de se relacionar com o animal, mas existem modos de relacionamento que estão presentes ao longo da história, ao mesmo tempo em que existem os relacionamentos embasados no afeto e no cuidado, simultaneamente, existem lugares e pessoas que realizam maus-tratos a equinos e os objetificam.

Ademais, a análise fenomenológica apresentada neste trabalho evidenciou a

profundidade e complexidade das experiências vivenciadas na interação entre humanos e cavalos no contexto equoterápico, e identificou os fenômenos de medo, bem-estar e reflexão como essências, estas se manifestam em um processo dinâmico e intersubjetivo.

Ao explorar esses fenômenos a partir de uma orientação fenomenológica, ficou claro para mim que as vivências não são apenas respostas fisiológicas ou psicológicas, mas processos de sentido construídos na inter-relação entre os corpos, consciências e mundo. Certamente, estas análises me mostraram que consciência e corpo não são polos dicotômicos, pois a mudança de qualidade de um acarreta a mudança do outro.

O medo, o bem-estar e a reflexão perpassaram a responsabilidade e o comprometimento com o bem-estar animal e dos humanos que estavam inseridos nos atendimentos na equoterapia. Como modo de acesso à experiência alheia, não posso deixar de mencionar aqui, a vivência da empatia. Esta revelou-se como a base fundamental para a comunicação entre mim, os cavalos, e as demais pessoas no espaço terapêutico. Uma vivência essencial não apenas para a compreensão mútua, mas também como um meio de reconhecimento das necessidades e limites dos envolvidos no processo terapêutico. Esses atos empáticos, ora eram intencionados ao animal, ora aos humanos que ali estavam.

O medo apareceu como uma emoção que, embora associada a um estado de alerta e insegurança, também trouxe à tona a responsabilidade do pesquisador e dos profissionais na condução do processo de atendimento, além de ressoar de maneira intersubjetiva entre todos os participantes, humanos e animais.

A reflexão, conforme evidenciada nas vivências relatadas, surge como um momento de questionamento sobre os limites, tanto do cavalo quanto do ser humano, as condições necessárias para o bem-estar de todos, bem como se coloca no movimento de questionar a execução da técnica e o desenvolvimento de estratégias adequadas para cada atendimento, animal e/ou praticante. Esse momento reflexivo abre espaço para uma criticidade sobre a prática da equoterapia e seus desafios e o papel dos profissionais que estão inseridos nessa terapia.

No que diz respeito ao bem-estar do animal, fui levada a questionar, repetidas vezes, o que ele sentia em diversas situações. Percebi que, apesar da vivência da empatia, há uma barreira insuperável no que se refere ao acesso à experiência original entre espécies diferentes. Isso me fez reconhecer as limitações do ser humano ao tentar compreender o sofrimento e as sensações do animal, como a dor, de uma maneira genuína.

A reflexão sobre o praticante também me acompanhou, pois, ao longo dos atendimentos, percebi que a atenção constante às suas expressões físicas e emocionais se tornava crucial. Momentos de desconforto ou insegurança evidenciaram a necessidade de um olhar atento sobre

o corpo e suas diversas expressões, e me desafiaram a questionar a adequação de práticas terapêuticas. A observação do praticante, como ele se posiciona e como reage ao cavalo, se tornou uma parte fundamental para a compreensão das suas necessidades e dos limites que deviam ser respeitados durante as sessões.

Além disso, a reflexão sobre a equipe interdisciplinar se destacou como uma das lições mais valiosas. Ao perceber que o saber psicológico, por mais relevante que seja, não é suficiente para lidar com as complexidades da equoterapia, valorizei a importância de um trabalho conjunto entre profissionais de diferentes áreas. A colaboração entre fisioterapeutas, psicólogos, equitadores e outros especialistas é essencial para garantir um atendimento eficaz, que respeite tanto as necessidades dos humanos quanto dos animais.

Nesse sentido, não posso deixar de abordar a evidência de que médicos não participaram de nenhum dos atendimentos realizados nessa pesquisa. Reflito sobre a atuação desses profissionais em todo o meu percurso na equoterapia e percebo uma lacuna significativa em sua participação direta nesse processo. A crítica central que proponho diz respeito ao fato de que sua prática se limita a uma postura prescritiva e teórica, baseada em uma abordagem positivista e distante do mundo da vida. Aponto para uma possível discussão, e sinalizo principalmente no que se refere à possibilidade de revisão de alguns aspectos pelas instituições que regulamentam a Equoterapia.

Ainda sobre a equipe interdisciplinar, ao comparar os dados obtidos na presente pesquisa com as observações realizadas em minha monografia de 2014, constatei uma mudança significativa na cultura da equoterapia na qual foi realizada a pesquisa. Naquele período, a prática da montaria era central nas intervenções terapêuticas, sendo aplicada de forma mais padronizada a todos os praticantes.

No entanto, atualmente, percebo uma valorização maior dos limites individuais, o que tem levado os profissionais a adotarem abordagens mais flexíveis e personalizadas. Foram propostas outras atividades terapêuticas, igualmente significativas, que respeitam o ritmo e as condições específicas de cada indivíduo. Essa mudança demonstra um avanço na compreensão da equoterapia enquanto prática terapêutica adaptativa e na reflexão acerca da técnica, que precisa considerar a intersubjetividade e o bem-estar de ambos.

A última essência que analisei ao longo da pesquisa foi a sensação de bem-estar. Essa experiência emergiu como um ato empático diante da vivência do outro, a partir da percepção de que tanto o animal quanto as pessoas envolvidas no processo terapêutico estavam compartilhando um momento marcado por alegria, afeto e cuidado. Além disso, esse bem-estar se intensificava ao perceber a presença de elementos como o desenvolvimento humano, o

respeito e o carinho direcionados ao animal, bem como os vínculos interpessoais saudáveis que se estabeleciam no espaço terapêutico. Elementos naturais presentes no espaço terapêutico (*setting*) — como as árvores, os animais e o céu aberto — também contribuíam significativamente para essa vivência.

Como foi possível sentir estas emoções, sensações e percepções descritas? Através das análises realizadas evidencio que é por meio do corpo. Portanto, irei considerar que a intencionalidade dirigida ao corpo é algo relevante para compreensão das emoções que estão envolvidas na equoterapia.

Como psicóloga compreendo que as emoções são experiências importantes do sujeito e, que mesmo na condição de psicóloga e pesquisadora, as minhas emoções não devem ser anuladas e desconsideradas. Estar diante do que *a priori* nunca tinha sido objeto da minha consciência, inicialmente fora estranho, e posteriormente, a possibilidade de uma ampliação perceptiva da consciência e seus horizontes intencionais. Desse modo, diferente de muitos estudos, o corpo aqui ganha qualidade de vivência primordial do sujeito em seu mundo-da-vida. Sobre o corpo, foi possível compreender que o que nele é sentido oferece condições para a atuação profissional na equoterapia.

Este estudo servirá de base para outros pesquisadores na temática da equoterapia e da fenomenologia husserliana, sobretudo os que desejam pesquisar sobre o fenômeno das interações entre animais humanos e não humanos a partir do método fenomenológico. Ademais, friso que o recorte dessa pesquisa foi a equoterapia, sendo impossível o aprofundamento em tantos outros campos que discorrem sobre relacionamentos entre humanos e equinos, como por exemplo, a relação dos equinos com as mulheres, tipos de domas, outros tipos de terapias com cavalos, etc.

No que se refere aos riscos para a realização deste estudo, em nenhum momento, durante os atendimentos aos quais estive presente, foi observada qualquer mobilização afetiva que exigisse a minha intervenção direta. A equipe de profissionais envolvidos demonstrou competência e sensibilidade na condução dos atendimentos, o que garantiu que esta intervenção não fosse solicitada ou necessária.

Como cuidado ético, reconhecendo a importância da preservação da privacidade e da confidencialidade, utilizei a gravação da minha própria voz para relatar tudo o que observei e senti ao longo dos atendimentos. Esses áudios foram posteriormente transcritos em documentos de texto e guardados em um único computador, particular, mantendo o cuidado rigoroso de não mencionar nomes, características individuais ou qualquer dado que pudesse levar à identificação das pessoas envolvidas. Com isso, busquei minimizar riscos como a exposição

indevida, o constrangimento ou a violação da intimidade dos sujeitos indiretos da pesquisa, respeitando os princípios éticos da Psicologia e da pesquisa científica.

No mais, apesar de essas reflexões adquirirem um caráter universal, as diferentes sensações e percepções variam de acordo com cada sujeito, seu mundo da vida e suas camadas: mundo circundante, mundo subjetivo e mundo natural. As possibilidades de análise não se esgotam aqui e as doações de sentido são múltiplas.

Esta pesquisa aponta para a necessidade de que a experiência e o mundo da vida, dos envolvidos na equoterapia, sejam consideradas como premissa de toda proposta de terapia. Deste modo, a ciência, especificamente a Psicologia, possa atuar de modo que não normatize as subjetividades dos sujeitos e se volte para a vivência. Ademais, o método fenomenológico demonstrou que pode ser base para construção de conhecimento que agrega valor científico à temática da equoterapia e que serve de base para problematizações necessárias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M. L. et.al. **Aspectos Psicológicos na interação homem-animal de estimação.** In: Encontro Interno e XIII Seminário de Iniciação Científica, 9., 2009, Uberlândia. **Anais [...]**. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336221784_Aspectos_Psicologicos_na_interacao_Homem_Animal_de_estimacao. Acesso: 19 dez. 2023.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Apostila do curso básico de Equoterapia.** Brasília: COEPE, 2002.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Apostila do curso de equitação para Equoterapia.** Brasília: COEPE, 2010.
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EQUOTERAPIA. **Apostila do Curso Básico de Equoterapia.** Brasília; COEPE, 2012.
- BAYNE, K. Development of the human-research animal bond and its impact on animal wellbeing. **ILAR Journal**, Washington, v. 43, n. 1, p. 4-9, 2002. Disponível em: <https://academic.oup.com/ilarjournal/article/43/1/4/846604>. Acesso em: 11 ago. 2023.
- BARREIRA, C. R. A. A bela Adormecida e outras vinhetas: a empatia, do corpo a corpo cotidiano à clínica. In: SAVIAN FILHO, J. (Org.). **Edmund Husserl e Edith Stein: apresentações didáticas.** São Paulo: Loyola, 2014.
- BARROS, E. K. V. **Equoterapia e imagem da Polícia Militar do Maranhão: o método terapêutico e suas influências como ferramenta de relações públicas da corporação.** 2016. 153f. Monografia (Pós-graduação em Comunicação Social) – Rio de Janeiro, 2016.
- BASTOS, F. B. **A psicologia e as intervenções assistidas por animais como relação de cuidado: um estudo fenomenológico da literatura.** 2021. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://tede2.ufma.br/jspui/handle/tede/3883>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- BASTOS, F. F.ook. **A psicologia e as intervenções assistidas por animais como relação de cuidado: um estudo fenomenológico da literatura.** 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/3883>. Acesso em 17 fev. 2024.
- BASTOS, F. F.; BORBA, J. M. P. A Terapia Assistida por Animais (TAA) e a psicologia: um estudo fenomenológico das diferentes modalidades de vínculos entre humanos e demais animais na terapêutica. **Revista Ambivalências**, v.6, n.11. p. 242 – 267. Sergipe: UFS, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/7639>. Acesso em: 19 dez. 2023.
- BECKER, M; MORTON, D. **O Poder Curativo dos Bichos.** São Paulo: Bertrand Brasil, 2003.
- BESSA, F. J.; LEME, D. P.. Criação de cavalos de uso policial militar na polícia militar de

Santa Catarina. **RIBSP**, [S. l.], v.3, n. 7, 2020. Disponível em: <https://revista.ibsp.org.br/index.php/RIBSP/article/view/78>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BORBA, J. M. P. Descaminhos da razão e a crise na contemporaneidade: considerações acerca dos modos de ser elegidos pelo capitalismo de consumo. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 87-104, 2015. Disponível em: https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/descaminhos_da_razao.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. Lei nº 13.830, de 13 de maio de 2019. Dispõe sobre a prática da equoterapia. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 156, n. 91, p.4, 14 mai. 2019. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/L13830.htm Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. **Lei nº 12.842**, de 10 de julho de 2013. Dispõe sobre o exercício da Medicina. Brasília: Presidência da República, 2013. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112842.html. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Revisão do estudo complexo do agronegócio do cavalo**. Brasília: **Mapa**, 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-setoriais/equideocultura/anos-anteriores/revisao-do-estudo-do-complexo-do-agronegocio-do-cavalo/view>. Acesso em: 19 dez. 2023.

BRENTAGANI, Thaís R.ocha. **A Equoterapia no ponto de vista Psicológico**. Disponível em: <http://www.profala.com/artet11.htm>. Acesso em: 1 mar 2022.

BRESLAU, S. L. M. A. **Equoterapia aplicada no tratamento da esquizofrenia**. Aparecida, São Paulo: Ideias e Letras, 2012.

CAPOTE, P. S. O. **Terapia Assistida por Animais (TAA)**: aplicação no desenvolvimento psicomotor da criança com deficiência intelectual. São Carlos: EdUFScar, 2011.

CHAVES, N. P.; BEZERRA, D. C.; SANTOS, H. P.; PERREIRA, H. M.; GUERRA, P. C.; SILVA, A. L. A. Ocorrência e fatores de risco associados à identificação da anemia infecciosa equina em equídeos de tração. **Cienci. Anim. Bras.**, Goiânia, v. 15, n. 3, p. 3001-306, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cab/a/BqXQsXHQSyDtxf4pjNhHN6q/?format=pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

COSTA, L. **Cavalo: Origem e História**. [S. l.: s. n.], 2011. Disponível em: <https://stravaganzastravaganza.blogspot.com/2011/02/os-equinos-origem-historia-e-racas.html>. Acesso em: 7. jul. 2023.

CUNHA, A. B.; SACRAMENTO, B. C.; FERRARI, L. A; FAVARO, H. F.; HADDAD, C. M. Equoterapia. In: CHELINI, Marie- Odile Monier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri: Manole, 2016. Disponível em: <https://repositorio.usp.br/item/002840204>. Acesso: 19 dez 2023.

DE COULANGES, F. **A cidade antiga**. São Paulo: das Américas. 2006.

DOTTI, J. **Terapia e animais**. São Paulo: Livrus, 2014.

DUARTE, C. I. **Estudo de viabilidade economico-financeira para a implantação de uma clínica de equoterapia na região sudoeste do Paraná**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Zootecnia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Paraná, Paraná, 2019. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/26350>. Acesso: 19 dez 2023.

DUKES, M. M. **Fisiologia dos animais domésticos**. 12. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

FANTIN, Raisia Larcher. **Levantamento das práticas de manejo e bem estar dos equinos utilizados na equoterapia**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Zootecnia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Dois Vizinhos, 2014. Disponível em: https://riut.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/11178/1/DV_COZOO_2014_1_22.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

FERREIRA, R. B. Fenomenologia do corpo adoentado. **Geografes**, [s. l.], v. 32, 2021. Disponível em: URL: <http://journals.openedition.org/geografes/1585>. Acesso: 19 dez 2023.

FORESTI, V. F. **A Compreensão das técnicas da Equoterapia no Campo da Saúde: uma perspectiva fenomenológica**. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/126348>. Acesso: 19 dez. 2023.

FOLLESDAL, D. As reduções de Husserl e o papel que desempenham em sua fenomenologia. In: DREYFUS.; HUBERT, L.; WRATMALL.; MARK, A. **Fenomenologia e Existencialismo**. São Paulo, Loyola, 2012.

FRAZÃO, T. EQUOTERAPIA: recurso terapêutico em discussão. **Revista COFFITO**, [s. l.], n. 11, junho, 2001. Disponível em: https://coffito.gov.br/nsite/wpcontent/uploads/comunicao/RevistasCientificas/2001/11_-_jun_01.pdf. Acesso: 19 dez. 2023.

FREIRE, H. B. G.; ANDRADE, P. R.; MOTTI, G. S. Equoterapia como recurso terapêutico no tratamento de crianças autistas. **Multitemas**, Campo Grande, n. 32, p. 55-56, 2005. Disponível em: <https://www.multitemas.ucdb.br/multitemas/article/view/709>. Acesso: 19 dez. 2023.

FREIRE, H. B. G; POTSCH, R. R. **O autista na equoterapia: a descoberta do cavalo**. Campo Grande Universidade Católica: Dom Bosco, 2005. Disponível em: <http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/news/article.php?storyid=476> >. Acesso em: 13 mar. 2022.

GOLOUBEFF, Barbara. Maus tratos a animais de tração em área urbana. In. PAULA, Luciana de (org.). **Anais do 1 Encontro do Ministério Público em proteção à Fauna**: 3 e 4 de outubro de 2013. Belo Horizonte: Procuradoria Geral de Justiça do Estado de Minas Gerais, 2015. Disponível em: https://www.mpmg.mp.br/data/files/7B/64/16/90/F744A7109CEB34A7760849A8/11.09_Ana

is_fauna.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

GOLOUBEFF, Bárbara; TAVARES, Sintia Gonçalves. Veículos de tração animal: forças e variáveis envolvidas. **Revista Latino-Americana de Direitos da Natureza e dos Animais**, Salvador, v. 5, n. 1, p. 188-211, 2022. Disponível em: <https://portaldeperiodicos.ucsal.br/index.php/rladna/article/view/990>. Acesso em: 19 dez. 2023.

GOMES, Ellen Karoline Pinheiro. **Guia de orientações básicas sobre o bem-estar animal para o centro de equoterapia**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Medicina Veterinária) – Faculdade de Medicina Veterinária, Universidade Federal Rural da Amazônia, Belém, 2019. Disponível em: https://veterinaria.ufra.edu.br/images/tcc-defendidos/2019-2/ELLEN_KAROLINE_PINHEIRO_GOMES.pdf. Acesso em: 19 dez. 2023.

GOTO, T. A. A (re) constituição da Psicologia Fenomenológica em Edmund Husserl. **Revista da Abordagem Gestáltica**, [s. l.], v. 14, n. 1, p. 137–138, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672008000100021. Acesso em: 30 out 2024.

GRAY, Jeffrey. **A psicologia do medo e do estresse**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

GUIMARÃES, A. C. Aproximação aos conceitos básicos da fenomenologia. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2013.

GUIMARÃES, A. C. Edmund Husserl e o fundamento fenomenológico do direito. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 67-79, 2009.

GUIMARÃES, A. C. **Fenomenologia e direito**. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2005.

GUIMARÃES, A. C. **Fenomenologia e Direitos Humanos**. Coleção Primeiros Passos na Filosofia do Direito. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007.

GUTIÉRRES, Germán; GRANADOS, Diana R.; PIAR, Natalia. Interaccione humano-animal: características e implicaciones para el bienestar e los humanos. **Revista Colombiana de Psicología**, Bogotá, n. 16, p. 163-183, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/804/80401612.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2023.

GYRÃO, Maria Lucia Sales. Edith Stheim: aspectos do método fenomenológico. **Cadernos da EMARF, Fenomenologia e Direito**, Rio de Janeiro. v. 7, n. 2, p. 89-102. 2015. Disponível em: https://sfjp.ifcs.ufrj.br/revista/downloads/edith_stein.pdf. Acesso: 19 dez. 2023.

HERING, C. Da dominação à tentativa de comunicação: uma análise dos métodos de doma para equitação. **Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales**, [s. l.], ano 7, v. 1, p. 275-314, 2020. Disponível em: <https://revistaleca.org/index.php/leca/article/download/161/156/157>. Acesso 19 dez de 2023.

HUSSERL, E. **A filosofia como ciência de rigor** (1911). 2. ed. Atlântida: Coimbra, 1965.

HUSSERL, E. **A ideia da fenomenologia** (1907). Tradução: Artur Mourão. Lisboa: Edições

70, 2000.

HUSSERL, E. **Crise da humanidade europeia e a filosofia** (1935). Introdução e tradução de Urbano Zilles, 2. ed. EDIPUCRS: Porto Alegre, 2002. 96 p. (Coleção Filosofia; 41).

HUSSERL, E. **Ideias relativas a una fenomenología pura y una filosofía fenomenológica** (1913). Traducción: José Gaos. México: Fondo de cultura económica, 1949.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura** (1913). Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida: Ideias & Letras, 2006.

HUSSERL, E. **Ideas relativas a una fenomenologia pura y una filosofía fenomenológica: Libro segundo Investigaciones fenomenológicas sobre la constitución** (1952). Traducción: Antonio Ziri6n Q. México: Instituto de Investigaciones Filosóficas, 2005.

HUSSERL, E. **A Crise da Humanidade Europeia e a Filosofia** (1935). Tradução: Pedro M. S. Alves. LusoSofia: Covilhã, 2008.

HUSSERL, E. A ingenuidade da ciência (1934). Tradução: Marcella Marino Medeiros Silva. **Scientiae Studia**, [s. l.], v. 7, n. 4, p. 659-667, 2009.

HUSSERL, E. **A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica** (1936). Tradução: Diogo Falcão Ferrer. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

HUSSERL, E. **Investigações lógicas: prolegomenos à lógica pura**. (1975). Tradução: Diogo Ferrer. Rio de Janeiro: Forense, 2014. v. 1.

HUSSERL, E. (1901) **Investigações lógicas: investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento**. Rio de Janeiro: Forense, 2012. v. 2.

HUSSERL, E. **Meditações cartesianas e conferências de Paris** (1973). Rio de Janeiro: Forense, 2013.

HUSSERL, E. **Psicologia fenomenológica e fenomenologia transcendental: textos selecionados (1927-1935)**. Coordenação e tradução: Giovanni Jan Giubilato; tradução: Anna Luiza Coli, Daniel Guilhermino, Felipe Maia da Silva. Petrópolis: Vozes, 2022. (Coleção Pensamento Humano).

JORNAL NACIONAL. Cavalo que se tornou símbolo nacional da resistência em maio às enchentes no Rio Grande do Sul é resgatado. **G1**, São Paulo, 9 maio 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2024/05/09/cavalo-que-se-tornou-simbolo-da-resistencia-em-meio-as-enchentes-no-rio-grande-do-sul-e-resgatado.ghtml>. Acesso em: 19 dez. 2024.

JUNIOR, J. R. **Fenomenologia**. [S. l.]: Pancast Editora, 1991.

LEITÃO, Leonardo Gonçalves. Sobre a equitação terapêutica: Uma abordagem crítica. **Análise Psicológica**, [s. l.], v.1, n. 26, p. 81-100, 2008.

LERMONTOV, T. **A psicomotricidade na Equoterapia**. Aparecida: Idéias e Letras, 2004.

LIMA, Daniel Vaz. **Cada doma é um livro: a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio grandense**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015. Disponível em: <https://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/ri/2827>. Acesso em: 19 dez. 2023.

KROEF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V. Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**, [s. l.], v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1808-42812020000200005. Acesso em: 19 dez. 2023.

MACHADO, J. A.C. et. al. Terapia Assistida por Animais (TAA). In: **Revista Eletrônica de Medicina Veterinária**, São Paulo, ano 6, n. 10, 2008. Disponível em: https://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/yBDakPBzygIw_2013-5-28-12-0-12.pdf. Acesso em: 22 fev. 2017.

MACHADO, Rui. **Turfe: a história das corridas de cavalo no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

MARINS, A. **Etologia e Comportamento Natural dos Cavalos**. Universidade Federal de Santa Catarina, Apostila. Disponível em: https://www.cavalomangalarga.com.br/upload/arquivos_eventos/Apostila%20Ferrageamento%20B%C3%AAsico%20Mangalarga%20UC.pdf. Acesso em: 2 jul. 2023.

MEDEIROS, M.; DIAS, E. **Equoterapia: bases & fundamentos**. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MONTY, Roberts. **O homem que houve cavalos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

NAGEL, T. Como é ser um morcego? (1974). **Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies**, [S. l.], v. 19, n. 1, p.109-115, 2013.

NASCIMENTO, M. V. M.; CARVALHO, I. S.; ARAUJO, R. C. S.; SILVA, I. L.; CARDOSO, F.; BERESFORD, H. O valor da Equoterapia voltada para o tratamento de crianças com paralisia cerebral. **Brazilian Journal of Biomotricity**, Itaperuna, v. 4, n. 1, p. 48-56, 2010. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/930/93012727006.pdf>. Acesso: 19 dez. 2023.

NAVAS, Filomena. **Cavalos foram domesticados nas Estepes Euro-asiáticas**. 2009. Disponível em: www.bbc.com/portuguese/noticias/.../120508_misterio_cavalos_mansos_mv.shtml. Acesso em: 7 out. 2022.

OLIVEIRA, Liliane Martins de; MARQUES, Reanata Leal; NUNES, Carlos Henrique;

CUNHA, Ana Maria de Oliveira. Carroceiros e equídeos de tração: um problema socioambiental. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 8, n. 28, p. 204-2016, 2007. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/15695>. Acesso em: 19 dez. 2023.

PAPER, Iahaio White. **The YAHAIO definitions for animal assisted intervention and guidelines for wellness of animals involved**. Tradução: Associação Brasileira de Reabilitação Equestre e Gilbert Banfied . p. 05-06, 2018. Disponível em: https://iahaio.org/wp/wp-content/uploads/2018/04/iahaio_wp_updated-2018-final.pdf. Acesso: 19 dez. 2023.

PETENUCCI, A. L. Educação Assistida por Animais. *In*: CHELINI, Marie OdileMonier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri: Manole 2016.

QUEIROZ, C. O. V. **Visualização da semelhança entre os movimentos tridimensionais do andar do cavalo com o andar humano**. Bela Vista: Associação Nacional de Equoterapia, 2015. Disponível em: <http://www.Equoterapia.org.br>. Acesso em: 1 fev. 2023.

RAMOS, C. M.; PRADO, S. F.; MANGABEIRA, V. Psicoterapia e terapia assistida por animais. *In*: CHELINI, Marie OdileMonier; OTTA, Ema (Org). **Terapia Assistida por Animais**. Barueri: Manole, 2016.

RANIERI, L. P.; BARREIRA, C. R. A. A empatia como vivência. **Memoradum**, Belo Horizonte, [s. l.], v. 23, p. 12-31, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6553>. Acesso: 19 dez. 2023.

SARGENTO sonha em adotar cavalo aposentado da PM após 14 anos de parceria. **Âncora 1**. [s. l.], 16 ago. 2024. Disponível em: <https://ancora1.com/noticias/sargento-sonha-em-adotar-cavalo-aposentado-da-pm-apos-14-anos-de-parceria#:~:text=Cavalos%20da%20PM%20podem%20ser,aos%20policiais%20que%20cuidaram%20deles>. Acesso em: 30 ago. 2024.

SAVIAN FILHO, J. A empatia segundo Edith Stein. *In*: SAVIAN FILHO, Juvenal (Org.). **Empatia: Edmund Husserl e Edith Stein**: apresentações didáticas. São Paulo: Loyola, 2014.

SENRA, A. V. D. **Husserl e as ciências**: a fenomenologia e os paradigmas atuais da epistemologia. Curitiba: CRV, 2020.

SERPELL, James. as perspectivas históricas e culturais das interações dos seres humanos. *In*: MC CARDLE, P.; MCCUNE, S.; GRIFFIN, J. A.; ESPOSITO, L.; FREUND, L. S. (org.) **Os animais em nossa vida**: Família, comunidade e ambientes terapêuticos. Campinas: Papirus, 2013.

SILVA, Lara Matos da. **Ser carroceiro é correria: vida carroceira a partir do bairro Cohatrac, São Luís – MA**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023. Disponível em: <https://tedebc.ufma.br/jspui/handle/tede/5316>. Acesso em: 19 dez. 2023.

SOUZA, R. L. V. **A equoterapia enquanto possibilidade de vivência empática**. 2017.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Psicologia) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017. Disponível em: <https://monografias.ufma.br/jspui/handle/123456789/3043>. Acesso: 19 dez. 2023.

SOUZA, Rafael Di Francesco Coêlho de. **O impacto da equoterapia sobre aspectos psicológicos sob o ponto de vista do paciente**. 2022. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Humano) – Universidade de Taubaté, Taubaté, 2022. Disponível em: <https://mestradodh.unitau.br/wp-content/uploads/dissertacoes/2022/Rafael-Di-Francesco-Coelho-de-Souza.pdf>. Acesso: 19 dez. 2023.

STEIN, Edith. **Sobre o problema da empatia**. Tradução de Marcelo Perine. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

TENORIO, M. OLIVEIRA, R.; MORAIS, H.; O 'Ato Médico' e as disputas jurisdicionais entre as profissões de saúde. **Saúde e Soc.**, São Paulo, v. 31, n. 3, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/NyPDHYm3DrMZCdqYF8PxqQN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso: 19 dez. 2023.

VAZ, J. N. R. Os possíveis estresses causados em animais utilizados em terapias: cinoterapia e equoterapia. **Revista Científica Doctum Multidisciplinar**, Caratinga. v. 1, n. 4, 2020. Disponível em: <http://revista.doctum.edu.br/index.php/multi/article/view/312>. Acesso: 19 dez. 2023.

ZILES, Urbano. A fenomenologia husserliana como método radical. *In*: **A crise da humanidade e a filosofia**. 3. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ZITKOSKI, J. J. **O método fenomenológico de Husserl**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH

CARTA DE APRESENTAÇÃO

Ilmo Sr. Major QOPM Alexsandro Ferreira Ramalho - Comandante do 1 Regimento de Polícia
Montada do Estado do Maranhão - 1 RPMONT
Centro de Equoterapia da Polícia Militar do Maranhão - CEPMMA

Prezado Senhor,

Dirigimo-me a V.Sª para com a intenção de apresentar a discente mestrand, Psicóloga CRP 22/03205, Rayana Lorena Vieira de Souza, minha orientanda no Mestrado em Psicologia vinculado ao Programa de Pós-graduação em Psicologia desta Universidade, sob minha orientação e supervisão, a fim de que realize atividades de interação com humanos e não-humanos (cavalos), observação da relação humano-não-humanos (cavalos) vinculado ao Projeto de Pesquisa intitulado "Fenomenologia da experiência de uma psicóloga baseada na interação humano-cavalo na equoterapia".

Ratifico que a interação com os humanos e não-humanos (cavalos) será necessária para que a partir do método de pesquisa fenomenológico sob minha supervisão e orientação a pesquisa seja realizada com êxito e dentro do cronograma estabelecido. Outrossim, esclareço que as informações e observações não serão motivo de publicização dos praticantes visto que, neste método, e nesta pesquisa o que importa e interessa é a experiência da pesquisadora como psicóloga e de posse do método e da epistemologia selecionados. Assim, na relação da pesquisadora com outros profissionais, pais, responsáveis e praticantes a fala ou quaisquer informações de identificação nominal não serão utilizados. Os dados serão apenas para "autoanálise" e quando houver uso, em hipótese alguma serão identificados os praticantes e demais participantes.

De antemão, informo que o Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais - GEPPSIAA's, no qual sou líder e a mestrand membro, já realizou eventos e estudos sobre Interação Humano-Animal, sendo pioneiro no estudo e pesquisa neste campo. Nosso desejo é de que esta pesquisa abra um canal de comunicação e relação entre a UFMA via PPGPSI, GEPPSIAA's e o CEPMMA, instituição está que a tempos acompanhamos pelo relevante trabalho realizado junto à sociedade maranhense.

Por fim, reconhecendo que na formação docente é imprescindível à interação entre teoria e prática, assim como entre a Universidade, outras instituições e a sociedade em geral para ampliação do conhecimento científico, técnico e profissional. Diante do exposto, coloco-me à disposição para qualquer esclarecimento,

Atenciosamente,

Dr. Jean Marlos Pinheiro Borba

Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMA/Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Psicologia, Saúde e Intervenções Assistidas com Animais - GEPPSIAA's

Recebido
CSM Vinha
17/05/24
15:27.

APÊNDICE B – OFÍCIO EXPEDIDO PELO CEPMMA

ESTADO DO MARANHÃO
SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA
POLÍCIA MILITAR DO MARANHÃO
COMANDO DE MISSÕES ESPECIAIS
1º REGIMENTO DE POLÍCIA MONTADA
REGIMENTO 17 DE ABRIL
Avenida dos Holandeses, s/n, Calhau – São Luís-MA
Fone/Fax: 3268-6065/ TP: 3227-5230/ CEL: (98) 99191-7806
Email: epmontma@hotmail.com/protocolo1epmont@gmail.com

São Luís, 23 de maio de 2024.

Ofício nº 015/2024-P/1

Ilmo. Senhor Doutor Jena Marlos Pinheiro Borba
Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da
UFA.
Líder do GEPPPSIAA's

Nesta

Prezado Senhor,

Considerando a missiva de apresentação recebida neste 1º Regimento de
Polícia Montada, que trata da apresentação da Psicóloga CRP 22/03205, Rayana Lorena Vieira
de Souza, discente vinculada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade
Federal do Maranhão;

Considerando o interesse na consecução de atividades de interação entre
humanos e não-humanos (cavalos), com a observação da relação humano-não-humano (cavalo),
vinculadas ao Projeto de Pesquisa intitulado “Fenomenologia da experiência de uma psicóloga
baseada na interação humano-cavalo na equoterapia”;

Concedo autorização para a realização da mencionada pesquisa pela
Psicóloga Rayana Lorena Vieira de Souza no Centro de Eequoterapia, conforme os objetivos
delineados no projeto de pesquisa supracitado.

Atenciosamente,

Alexandro Ferreira Ramalho
MAJ. QOPM
CPF: 903.670.003-77
ID: 417620-01

Maj. QOPM Alexandro Ferreira Ramalho
Comandante do 1º RPMont

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS EM DIÁRIO DE CAMPO E REDUÇÃO EIDÉTICA

1

DIÁRIO DE CAMPO TRANSCRIÇÃO DOS RELATOS

Redução EIDÉTICA

ATENDIMENTO 1

Chego na equoterapia; e tenho boas sensações. Me sinto bem aqui, sou muito bem recebida por todo mundo. Muitos falam para eu voltar a trabalhar aqui... Eles buscam o primeiro participante. O praticante sobe no cavalo sem resistência, apenas sobe. Observa o cavalo, observa o profissional arrumando os estribos... Olha fixamente para o dorso do cavalo.

Sinto os profissionais que atendem comprometidos. Isso me dá segurança e uma certa tranquilidade. O praticante olha em alguns momentos para os profissionais em volta, mas o olhar dele fica mais fixado para o dorso do cavalo. Aqui eu sinto que o praticante sente medo, ele está rígido e não consegue olhar em sua volta e interagir, apenas se interessa em olhar para o cavalo, como quem está preocupado com quais seriam os próximos movimentos do animal.

Os profissionais percebem o mesmo que eu e pedem para que o praticante relaxe, olhe para eles, olhe em volta. E o cavalo parece estar bem à vontade no atendimento. Não fez nenhum comportamento de resistência, apenas anda sendo conduzido, dando voltas ao picadeiro.

Em alguns momentos o cavalo levanta a cabeça e fica um pouquinho agitado. Aqui eu fico em alerta. O profissional conversa com o animal com alguns sons, manejando a rédea para que o cavalo possa voltar a caminhar tranquilamente, e ele volta.

Eu compreendo que isso é necessário para manter a segurança do praticante e de todos. E sem desrespeitar também a integridade física e emocional do animal. Ele já está bem tranquilo e andando novamente.

bem-estar

bem-estar

sensação de
segurança

bem-estar

tranquilidade

estado de
alerta e
atençãovivência do
medo

Reflexão

Nesse momento eu fico mais alerta com as reações do animal.

Quando ele começa a inclinar a cabeça e esticar o pescoço.

Logo que ele volta a andar normalmente,

eu fico tranquila e volto a perceber a equipe, o praticante.

Em dado momento paramos o cavalo, onde o profissional pede que o praticante faça algumas atividades no dorso do cavalo e o

outro profissional dá uns beijos no rosto do cavalo. Nesse momento eu sinto alegria, bem-estar, percebo que aqui é um

cuidado com o animal.

Tanto a postura curvada do praticante, como o olhar fixo dele em alguns momentos para o cavalo, para a cabeça do cavalo,

me dá a sensação de que ele está um pouco inseguro ou amedrontado ainda. E eu pergunto a equipe de profissionais

desde quando o praticante está sendo atendido e eles relatam que iniciou esse ano e que ele falta muito às sessões. Reflito se

isso não atrapalharia o desenvolvimento de uma relação mais próxima com o cavalo.

Em alguns movimentos no cavalo que são solicitados pela equipe, ele não consegue executar por completo, como ficar em

pé nos estribos da sela do cavalo. E então, ele não levanta, não faz o exercício completo que o profissional lhe pede. Isso me dá

a sensação de que há uma insegurança ainda em relação a esses movimentos em cima do cavalo. Ao voltar a atenção para mim

aqui, eu penso sobre o que o praticante está pensando ou sentindo. O praticante, ao se despedir, fica tímido, os

movimentos mais acanhados, a profissional pede pra ele dar tchau pro animal e ele dá apenas umas pequenas batidas com as

mãos no cavalo, não abraça, sem muito contato visual. E para sair do cavalo, levantar e sair, ele não levanta, ele fica bastante

difícil de tirar e os profissionais o ajudam. Um deles relata: “esse praticamente não teve tanta conexão” e solicita pro outro

que a mãe entregue uma cenoura pra ver se melhora, se ele se solta mais nessa relação. Sinto uma certa angústia ou seria

preocupação sobre o andamento desse processo, que hoje se mostrou com resistência ao animal.

alerta

atenção

tranquilidade

bem-estar

medo

reflexão

reflexão

angústia

preocupação

é evidente a vivência da empatia que possibilita ter uma experiência alheia conforme explorado no capítulo 3

ATENDIMENTO 2

3

Praticante percebendo todo o ambiente à sua volta, movimentando o rosto de um lado para o outro. Uma postura bem ativa e parece estar tranquilo. Apreciando o ambiente que tem muitas plantas, um vento, está bem fresco hoje. O cavalo está tranquilo. Ao passo, postura com a cabeça voltada para o chão. As orelhas levemente inclinadas. Sinto que ele está confortável e que ambos estão se sentindo bem andando pelo quartel onde tem bastante árvores, o clima está agradável, sem muito sol e tem a presença de outros animais.

Em dado momento o praticante grita bem alto e aí param o cavalo. A profissional conversa com ele. Avisa que ele não precisa gritar para chamar a atenção, que eles estavam “ali” para ele, e o praticante silenciou. Nesse instante fiquei bastante apreensiva.

apreensão
atenção
preocupação
temor

.....> vivência do medo

O praticante sorri em cima do cavalo, faz os exercícios que são pedidos, levanta as mãos, fica em pé nas rédeas., Entendo que ele tá se divertindo, é o que eu sinto quando olho pra ele. Sorriu também, sinto alegria. Sinto ele está se divertindo.

Bem-estar

Em dado momento, o cavalo inclina as orelhas. A profissional me chama para andar mais à frente, porque eu estava atrás da visão do cavalo. E me diz que quando ele (o cavalo) perde a visão da pessoa, ele pode dar coices. É quando eu vou mais para à frente, para que ela possa me enxergar melhor.

Medo

Nesse momento pensei que não era só sobre o cavalo me enxergar, mas também sobre eu estar ali de verdade, presente, atenta.

Reflexão

O praticante atende aos comandos dos profissionais. Ele solicita que façam um zigue-zague com o cavalo. O cavalo, em dado momento, se assusta com o barulho do trânsito nos quais os profissionais seguram o praticante e rapidamente a situação fica normal.

Medo

O praticante atende aos comandos, pega no cavalo na parte da crina, pega na parte de trás, na garupa, consegue soltar a cela, soltar a mão nas coxas.

ATENDIMENTO 3

O cavalo está parado na rampa e ele tá procurando um matinho pra comer. O praticante acaba correndo, fica distante da equipe, do cavalo, corre para muito longe. Então o trabalho não acontece na rampa inicial, a equipe leva o cavalo até o praticante, que acabou sendo parado pelo pai pra não correr mais distante ainda.

Medo

O praticante parece não querer estar perto, por vezes empurra a mãe pra perto do cavalo e se afasta do animal. Em dado momento, a profissional passa a mão na crina do cavalo e o praticante fica por alguns segundos passando a mão na crina do cavalo. O pai dele compara a crina do cavalo com o cabelo dele, passando a mão no cabelo do filho, ao mesmo tempo que o filho passa a mão na crina do cavalo. O praticante fica ali por alguns poucos segundos ou minutos e se movimenta para o outro lado, distante do cavalo, oposto ao cavalo. Isso gera uma expectativa em mim, no sentido de que eu sinto que ele não está gostando da interação. E o que será que pode fazer ele se sentir melhor nessa interação? Em determinado momento, um dos profissionais me relata que o praticante está na fase de aproximação, e hoje, é o segundo encontro dele com cavalo e de atendimento aqui na equoterapia.

Reflexão

Em dado momento, a equoterapeuta dá a corda do cavalo para o praticante segurar, parece que a atividade que ele mais gostou foi essa, de conduzir o cavalo andando. Ele anda segurando a corda, levando o cavalo para frente. De repente ele para, vai em direção ao rabo do cavalo e fica olhando para o rabo do cavalo. Ele chega tão perto que os profissionais precisam pará-lo, porque o cavalo pode dar um coice, ou ser perigoso para ele. Sinto medo nesse momento.

Medo

Ao olhar o cavalo andando e olhando o rabo do cavalo, o praticante dá um sorriso discreto. Agora, chega um profissional com folhas para dar ao praticante, capim, para ver se o praticante consegue dar para o animal. Ele se afasta, empurra a mãe, empurra o profissional.

Quando o pai vem com ele, ele consegue dar o capim. Mas o corpo dele continua inclinado para trás, os braços bem esticados com o capim na mão, sem muita proximidade com o cavalo, ele estica o capim.

Um semblante bem sério e, por vezes, empurrando o pai. Ele não parece estar gostando da atividade de dar comida.

A profissional resolve subir no cavalo e convida o praticante para subir junto com ela. A priori ele é bastante resistente e se abraça ao corpo do pai, para não passar a perna por cima do cavalo, até que aos poucos o profissional e o pai conseguem botar ele montado na frente da profissional, em cima do cavalo. E o cavalo sai andando. O praticante passa o braço no pescoço da profissional e faz toda a atividade de montaria com o braço em volta do pescoço da profissional, em cima do cavalo.

Atenção,
preocupação,
medo

O semblante dele é fechado, parece tenso, ao caminhar por uns cinco minutos, ele parece relaxar um pouco. Os músculos do rosto ficam menos contraídos. A profissional fala que o coração dele desacelerou um pouco. E em algum momento o praticante sorriu nessa atividade.

Sorri no momento em que nós falamos que ele está enorme, está muito grande, maior do que todo mundo.

Bem-estar

O cavalo continua ao passo, o cavalo procura sempre mato, sempre capim, e aí ele inclina o pescoço para comer, sempre que acha um capimzinho.

No momento em que a profissional pede para o praticante pegar uma folha, ele consegue esticar as mãos junto com ela e ele também sorrir nesse momento. No final, os profissionais solicitam que ele abrace o cavalo, montado ainda, e ele passa a mão rapidamente e já passa as pernas para sair de cima do cavalo. Quando ele está no chão, ele busca passar a mão no cavalo.

Ele bate com a mão espalmada e fechada com o pai, como um cumprimento de legal. E também faz o mesmo com a profissional que montou com ele. E assim se despede do atendimento.

Bem-estar

ATENDIMENTO 4

A praticante subiu no cavalo sorrindo, muito tranquila, antes de subir abraçou os profissionais da equipe. Subiu no cavalo de modo rápido, o cavalo também está tranquilo, o atendimento foi bem estável, o cavalo ao passo. A praticante com um rosto que transparecia uma leveza, um relaxamento, em muitos momentos sorria.

.....> Bem estar

O profissional fez zigue-zague com o cavalo e ela permaneceu tranquila. Em alguns momentos, a praticante estava com a postura torta em cima do cavalo, onde uma das profissionais pediu para que ela sentasse de uma maneira mais reta e ela fez. Em alguns momentos, ela pegou na traseira do cavalo, passou a mão na traseira do cavalo, até no rabo do cavalo, tudo isso montada a cavalo. Ao se despedir...

Medo

Ao se despedir, ela pegou na crina do cavalo, no pescoço do cavalo, como se abraçasse o cavalo. E ao descer do cavalo, ela saiu correndo para pegar um capim e voltou para oferecer ao cavalo. Os profissionais pegaram o cavalo para recolher após essa atitude. E ela sempre atrás do cavalo como quem quisesse continuar o atendimento. A...praticante realmente gosta do cavalo e se sente muito à vontade nos variados tipos de interação com o animal. Me sinto bem em ver que essa interação a faz bem, e também sinto admiração pelo trabalho desempenhado pela equipe que possibilita atos de afeto entre essa praticante e o animal.

.....> Reflexão

.....> bem-estar

ATENDIMENTO 5

O praticante está subindo o cavalo, assim, com muitas complicações. Ele fala bastante com a equipe. O cavalo está sendo conduzido pelo profissional, de modo tranquilo, ao passo. O profissional segura a rédea muito próxima da boca do cavalo. Será que dessa forma, tão próxima e forte, não aperta a boca do cavalo?

.....> Reflexão

E o cavalo segue ele por onde ele leva. Observo de longe o atendimento, a medida que vou me aproximando. Tem um profissional levando o cavalo e uma profissional ao lado, com a mão na perna do praticante. Aparecem os galhos de árvore e o praticante desvia abaixando o corpo, sendo que está em cima do cavalo. Continua falando e interagindo com a equipe. O praticante fala bastante. Está chovendo e choviscando. Estamos numa trilha com bastante mato, muitas folhas e muitas árvores.

A profissional pede para o praticante abraçar o cavalo, e ele dá um abraço bem largo, fica segurando, fica abraçando por um tempo, enquanto a profissional diz, muito bem garoto. Nesse momento ele faz perguntas sobre a trilha, onde nós estamos, se o lago ao lado é um rio. É um ambiente bem bonito, de fato parece um rio. O praticante pegou uma folha da árvore e pergunta se o cavalo pode comer isso ou não. Com a chuva aumentando, a profissional pede que o outro membro da equipe dê uma apressada, o praticante se anima e fala: “corre com o cavalo”. Quando o cavalo começa a correr, ele começa a dar muita risada. A chuva aumenta. A profissional que fica...

.....> bem-estar

A profissional ao lado pede que o profissional desvie com o cavalo dos galhos. O praticante fala, ai meu Deus, entre gargalhadas enquanto voltamos para o lugar de partida na chuva. Eu sorrio também e me percebo sorrindo junto com o praticante, é divertido estar aqui.

.....> Medo

.....> bem-estar

O cavalo desacelera e o praticante fica gritando, corre cavalo, corre, acelera. E grita de novo, de novo. Porém, o ritmo de corrida do cavalo é ditado pelo profissional, que segura a rédea perto da boca do animal, controlando a sua velocidade. Entramos no picadeiro de areia, que é coberto, saímos da chuva e começamos a fazer exercícios de zigue-zague, com o praticante segurando a bola e arremessando

no cone. Em certo momento, o cavalo relincha, me leva a pensar: "*será que ele não está cansado depois de tanta correria?*"

.....> Reflexão

Ainda assim ele continua andando, da mesma forma do início do atendimento. Orelhas inclinadas, olhar para frente, a cabeça segue o profissional que guia, a mão do profissional para baixo. É solicitado ao praticante que solete as letras na parede para encerrar a atividade e ele então indaga: "Mas a aula de equoterapia já acabou? Poxa, mas tudo bem. Próxima sexta tem mais."

Sinto que ele gostou da atividade. Ele passou a maior parte do tempo sorrindo.

.....> bem-estar

Quando ele diz tchau para o cavalo, fala: "*nos vemos na próxima semana, te darei um lanche.*"

E aí ele pega uma cenoura que a mãe trouxe para dar ao cavalo. E ele chamou o pai para ver ele alimentando o cavalo e gravar um vídeo.

ATENDIMENTO 6

(o mesmo da semana passada.)

Em todos, até agora, eu senti: bem-estar, alegria e/ou admiração e medo. Angústia nem todos. So em alguns que não pareciam confortáveis. Estranhamento?

O praticante se aproxima do cavalo e passa a mão nele, no rosto do cavalo, com o auxílio das mãos dos pais. Em um momento ele se afasta, depois ele é convidado a se aproximar. Ele é puxado pela mão e ele se aproxima novamente do cavalo. Passa a mãozinha no cavalo com o pai, com a mão dele por cima. Depois, a profissional dá uma cenoura para o praticante dar para o cavalo. Ele dá a comida e o cavalo come tranquilamente a cenoura. O praticante observa e dá mais uma cenoura, sempre com a mão do pai por cima.

Agora, a profissional convida o praticante a dar a cenoura junto com ela. Ela puxa ele para perto dela, pega na mãozinha dele, abre a mão dele, bota a cenoura em cima da mão dele e rapidamente o cavalo pega a cenoura da mão dele.

O que eu sinto nesse momento é que o praticante está mais a vontade do que eu vi na semana passada, está bem mais tranquilo em relação a se aproximar do cavalo agora do que na vez passada. Isso me dá uma tranquilidade.> bem-estar

Ao ser oferecido a rédea para o praticante conduzir o cavalo, ele pega rapidamente a rédea e puxa o cavalo. O cavalo começa a andar, sendo conduzido pelo praticante. O praticante olha para trás, olha para o rabo do cavalo. Sempre olhando para trás, andando e olhando para trás. Em dado momento, o cavalo empaca no meio do caminho, quando o praticante o leva para andar. E aí os profissionais precisam puxar com força a rédea para andar.

Ele encosta o queixo no cavalo, sorri, e começa a deslizar o seu queixo por varias partes do cavalo.

Achamos que o modo de se relacionar era como esperávamos, mas o praticante mostrou o modo dele de se aproximar do cavalo, ele (o animal) por sua vez, fica quietinho, apenas recebendo os toques do praticante, não esboça em nenhum momento querer sair ou estar incomodada.

surpresa

bem-estar

Me sinto feliz ao ver essa cena. Penso na minha cama, a sensação tátil que deve ser, tão agradável, de tão bom que parece ser, gostaria de estar sentindo o mesmo. Sozinho o praticante molha o cavalo em vários sentidos. Parece se divertir com isso. Em alguns momentos, após a cenoura o cavalo beliscava para trás seu próprio corpo. Eu olho para o seu corpo e percebo que quando parado, duas moscas estão nela, e ele franze a pele várias vezes no local onde estão as moscas.

imaginação

Fico incomodada e antes de chegar lá para espantar as moscas do corpo do cavalo, elas vão embora.

incômodo

Durante o banho que o praticante está dando, o cavalo fez cocô. E parece que aqui em cima e parada o cavalo fica mais a vontade. Após o banho o cavalo se sacudiu. E agora o praticante está conduzindo o cavalo para levá-lo para a baia dele. O cavalo mais uma vez para o caminhar, o profissional dá duas batidas na traseira dele e ele volta a andar ao passo, lentamente, com todas as pessoas ao lado.

* Diante de tudo que presencio, reflito

O praticante que está no controle com as rédeas. Dessa vez, somente ele segura a rédea, os profissionais seguram no pescoço do animal, diretamente no corpo do animal. Como é necessário permitir que o praticante explore o animal à sua maneira... Só assim poderemos descobrir de que forma ele se sente afetado por um animal e pode estabelecer uma relação de cuidado, de afeto, de carinho. A profissional entrou no lugar de sair com o cavalo e convidou o praticante para sentar com ela. Rapidamente ele sentou no animal, junto com a profissional, ela atrás e ele na frente. O praticante está com mão enroscada na profissional, como quem tem medo.

Reflexão

Medo

Ao final ele desce e a profissional que montou com ele deu tapinhas leves no pescoço do cavalo dizendo "obrigada!". Dá pra perceber quando o profissional acredita e é grato ao papel que o cavalo realiza.

admiração => bem estar

ATENDIMENTO 7

O praticante parece tranquilo com o cavalo, o profissional estimula a coluna do praticante com as mãos dele para que ele cresça e ele corresponde. Tenho uma certa admiração pelo comprometimento tanto do profissional quanto do praticante em fazer os exercícios pedidos.

admiração

Me sinto bem e tranquila.

bem-estar

Nesse momento, os três profissionais que estão atendendo, eles fazem um debate sobre a altura dos pés do estribo, se é 45 graus ou não. Nesse momento, eu presto bastante atenção para que eu possa aprender um pouco mais.

atenção

Nesse caso, o profissional de outra área que está sendo o principal mediador. Então também temos que pensar sobre o atendimento.

reflexão

Eu fico bastante atenciosa com as orientações do profissional, as interações entre o praticante e o cavalo. É uma área diferente da psicologia, portanto, eu não tenho tanto conhecimento. Nesse momento eu tento entender o propósito, a técnica e refletir sobre isso. O profissional pede que o praticante estique as mãos espalmadas na traseira do cavalo por alguns segundos, depois que estique os braços para cima, depois para o lado.

atenção

Isso me desperta atenção e curiosidade para ver se ele vai conseguir ou não. E ele consegue fazer tudo, isso é muito legal.

atenção

bem-estar

Fico atenta, parada fixamente com um olhar e os ouvidos atentos para os pedidos do profissional, a execução do praticante. O cavalo fica parado, com uma reação contínua, parece estar confortável. Isso me dá a sensação de que esses exercícios não estão causando algum mal-estar ao animal.

atenção

reflexão

No momento em que o profissional pede para o praticante ficar em pé nos estribos, sustentar todo o corpo em pé nos estribos, o cavalo levanta o pescoço, as orelhas também, muda a posição que estava anteriormente, em que parecia estar confortável.

medo

E agora me dá a sensação que nessa atitude do praticante, nessa posição, ele sentiu algum incômodo. E agora me dá a sensação que nessa atitude do praticante, nessa posição, ele sentiu algum incômodo. Apesar da mudança de expressão, ele continua parado.

preocupação

De repente, o praticante para de fazer o exercício, abaixa a postura, abaixa o rosto, com um semblante de tristeza. Os profissionais também percebem essa mudança. Perguntam se está tudo bem. E ele não verbaliza. Em um momento, ele fala apenas que está tudo bem. Os profissionais chegam à conclusão de que talvez ele tenha cansado e dão uma parada no pedido da realização dos exercícios.

Em dado momento, o praticante fala que está triste e o profissional me chama, que estou um pouco distante, e fala “*essa é para a psicóloga, a Rayana, ele fala que está triste.*” E aí eu falo, “*ele ficou agora ou ele já estava?*” E aí ele fala que ele já estava. E o profissional fala, “*não, ele chegou sorridente e agora que ele está triste.*” E aí prosseguem andando com o cavalo mais à frente, eu estou mais atrás.

Eu reflito agora que, um saber sozinho não daria conta de um atendimento, de fato existe a importância de várias profissões conversando, é necessário.

.....> Reflexão

Nesse momento também eu sinto uma angústia, porque eu não estou fazendo o atendimento em si. Eu estou numa observação um pouco mais distante, o que não me impede de interagir. Mas não estou em um contexto de realizar alguma intervenção ou manejo.

.....> angústia

Vão retirar o praticante do cavalo, ele tem movimentos limitados, alguns movimentos limitados e para conseguir sair nesse momento, eu sinto um pouco de medo. Primeiro vai um profissional sozinho tirar ele do cavalo e ele chama a ajuda de um outro profissional.

.....> medo

ATENDIMENTO 8

Logo que o praticante chega, ele demonstra alegria ao cumprimentar o profissional. Boa parte do atendimento é realizado em silêncio e isso me gera angústia e expectativa no silêncio. Fico me perguntando se está tudo bem, se o praticante está confortável, se devo fazer ou dizer algo.

→ bem-estar

Reflexão

O cavalo ficou bastante agitado com o carrinho de lixo que passou ao nosso lado, o profissional o acalma e ele retorna ao passo normal. Ao fim deste atendimento me sinto cansada, ofegante e com as pernas pesadas. No momento que o praticante vira na sela, porque os profissionais pediram para ele montar na posição investida de costas. Penso que essa atividade provavelmente está alinhada com objetivos traçados pela equipe para o praticante. O cavalo nesse momento ergue a cabeça, os olhos ficam maiores, como se estivesse arregalando os olhos, o pescoço alonga, as orelhas ficam para trás.

→ medo

→ cansaço

Reflexão

→ medo

Nesse momento eu fico mais atenta. Fico atenta. Gera uma expectativa do que pode acontecer.

→ atenção/expectativa

ATENDIMENTO 9

→ surpresa

Levei um susto com um praticante que gritou de felicidade, em risos. Sinto um bem estar ao encontrar os praticantes no quiosque de espera para os atendimentos, são crianças, uma delas disse: "bora lá", muito sorridente.

→ bem-estar

Iniciado o atendimento, o cavalo parou no meio do caminho com o praticante em cima, para botar a carinha dentro do saco de brinquedo que uma das profissionais está carregando, e aí os profissionais falam: "isso não é comida não" e o profissional puxa a rédea e ele continua esfomeado atrás de comida no saco.

susto – surpresa, bem estar, penso que ele deve estar com fome, inferências sobre o animal.

O praticante está muito à vontade conversando e passando a mão no cavalo, pela sua crina e garupa. Agora, o praticante segura a rédea do cavalo e pouco interage com o animal, enquanto está montado. Ele conversa mais com a profissional que está conduzindo a sessão, e o cavalo anda ao passo.

Penso que em alguns atendimentos, por muito tempo, além da montaria, não há uma interação com o animal diretamente, mas somente com os profissionais. O que há dessa interação, é toda a sensação que vem dela, dessa montaria.

reflexão

Como agora, em que o profissional faz zigue-zague, conduz o cavalo em zigue-zague, o praticante sente nesse movimento, como a sensação de liberdade e todo esse bem estar que o contato com a natureza e montar a cavalo me proporciona. Percebo que, diferente de alguns outros atendimentos, ele tem só um profissional ao lado, não dois. É como se tivesse um grau maior de independência com o cavalo.

Um dos praticantes pede que não o chamem pelo seu nome de fato, mas que chamem ele de “blanca”. Sempre que alguém passa por trás do cavalo fico atenta e com medo, por vezes imagino o cavalo cocear a pessoa. Já no fim do atendimento, eu sinto que esse medo vai cessando, à medida que os cavalos não fazem nada. Acontece uma atividade com bola, em que os dois praticantes jogam a bola um para o outro. E a bola acaba batendo em diversas partes do corpo do cavalo, como na cabeça, como na garupa, no pescoço. A equipe solicitou a minha assistência em alguns momentos. Ao final do atendimento, sinto admiração por todo o trabalho realizado, bem estar porém cansada, bastante suada.

medo/imaginação

admiração

cansaço

bem estar

ATENDIMENTO 10

Começo o atendimento e eu estou com a atenção direcionada ao praticante na relação com o cavalo. O praticante tá aéreo, não tá olhando pro cavalo, tá olhando pra paisagem, enquanto o cavalo tá perto dele, mas ainda sem interesse. Fico numa expectativa de como será que ele vai ser atraído por esse cavalo. Fico nessa... nesse suspense. Me sinto um pouco angustiada, porque o praticante não quer pegar no cavalo, não quer interagir com o cavalo, ele só quer sentar, ele fica repetindo, sentar... sentar, mas não quer ter uma interação com o cavalo, não olha para o cavalo.

reflexão

angústia

Hoje o praticante não poderá montar no cavalo, porque não trouxe o capacete e a única coisa que ele gosta é de montar, pelo que eu entendi. E os profissionais conversam que é inadmissível ele estar montando dessa forma, sem interagir com os profissionais, com medo do cavalo, averso ao cavalo. E a profissional que está conduzindo o atendimento afirma que, se não tem nenhum tipo de interação com o cavalo tem que continuar a fase de aproximação ou dar alta para o praticante. Primeira vez que não me sinto confortável e bem na equoterapia.

Desconforto/ mal estar

Fico pensando em como se deu esse processo de um praticante estar há seis meses e só pensar em montar e ter medo do cavalo. Os profissionais discutem, um profissional cobra o outro: como esse praticante chegou nesse nível. O certo era "*continuar a aproximação ou dar alta*".

reflexão

Nesse momento eu imagino a cena do praticante subindo a rampa e vendo o cavalo do alto, passando a perna sobre o seu dorso sem nenhuma interação prévia com o cavalo.

imaginação

Fico tensa quando as orelhas do cavalo mudam, ficam pontudas, receio dele reagir a toda essa situação que também é tensa. Tentam fazer com o praticante leve o cavalo para passear segurando a rédea e ele grita: *estou com medo*.

medo

Me sinto um pouco desconfortável a medida que há uma discursão entre a membros da equipe. Um deles diz: "*se for só pra montar leve ele em um haras, pois aqui não há vínculo nenhum*".

desconforto/mal-estar

Nesse momento, eu penso em situações de quando eu trabalhava na equoterapia todos os dias e reflexão me vem à cabeça: *que é preciso ter muito cuidado ao estreitar a montaria de um praticante, é necessário pensar sobre isso em todos os atendimentos.*

.....> Reflexão

Todos começam a andar pela trilha, o cavalo não está mais próximo ao praticante e o praticante conversa com os membros da equipe. Ele recebe uma flor do profissional e ele sorri, agradece. Sinto que o clima melhorou, agora está tranquilo e leve, e voltamos para a rampa. Apesar de não se direcionar mais ao cavalo, o praticante se despede com um sorriso e abraçando à todos da equipe. Logo depois é direcionado por um profissional ao seu responsável.

.....> Bem-estar

ATENDIMENTO 11

O praticante tem dificuldade motora, não consegue levantar a perna, fica tenso, os profissionais precisam carregar ele, fazer com força e ajudá-lo a subir. Ele tem alguns espasmos na mão, nas pernas, consequência de um AVC. Momentos de tensão

quando o terapeuta balança o praticante em cima do cavalo de um lado pro outro, ele dá a risada e a tensão é quebrada, as coisas ficam... Eu me sinto mais leve agora, com o sorriso praticante também.

.....> medo

.....> bem estar

Quando o profissional aperta a cilha do cavalo, ele tenta morder o profissional, e eu fico curiosa para entender. Pergunto se ele tem esse comportamento, e eles falam que sempre que apertam a cilha, ele tenta morder. A experiência que eu tenho é de entender o quão desagradável isso deve ser para o cavalo.

.....> Reflexão

Neste ponto, o que percebo é o esforço que faço para compreender essa situação

O profissional fez carinho logo após em sua cabeça e crina... senti tranquilidade. O cavalo está puxando a orelha pra trás, o tempo todo. Parece que ele está incomodado com alguma coisa no atendimento. Porque isso não é um comportamento natural dele. Talvez seja porque o praticante esteja torto, penso isso à medida que o profissional tenta arrumar ele.

.....> Bem-estar

O profissional afirma que a cela está muito pra trás. Fico bem mais atenciosa ao cavalo em virtude do andar dele estar diferente, da posição das orelhas, e com receio dele se alterar a qualquer momento. Olhos arregalados do cavalo para o lado quando um portão se abre. Em algum momento o cavalo volta as orelhas ao normal, e o atendimento fica mais tranquilo.

.....> medo

Medo na hora de descer pois o cavalo deu uns pequenos coices. O pé do praticante engatou no meio do movimento, mas no fim deu tudo certo.

.....> medo

Hoje me senti cansada no final, mais pesada, diferente dos outros em que me senti leve.

.....> cansaço

ATENDIMENTO 12

Quando aperta a cilha, o cavalo reage, dando uns soquinhos no ar com o rosto, como se não estivesse gostando.

Me sinto tranquila, um bem-estar. A gente tá na trilha, parece uma floresta. O cavalo tá tranquilo agora. A praticante também. Me parece que está bastante familiarizada. Sinto bem-estar. Não só pela interação, que parece estar tranquila, mas sinto essa sensação na percepção de todo o ambiente do atendimento: vento, árvores, açude, vislumbro belíssimas paisagens. A praticante observa o cavalo, observa o contexto ao redor. Ela vai desviando dos galhinhos que tem nas árvores e podem pegar na cabeça dela. Mas com um semblante muito sereno. Sinto uma calma nesse ambiente, a partir dessa observação. A cena que eu vejo é muito bonita, a natureza, o animal, a interação. Me sinto bem. Eu me percebo percebendo essa interação, esse ambiente, com uma respiração, acredito que calma, sem nenhum tipo de aceleração na frequência cardíaca, uma sensação de relaxamento e estou focada nessa sensação. Não pensando em outras coisas, mas em cada detalhe, nos pneus que estou vendo aqui, coloridos: vermelho, amarelo, azul; nas folhas no chão... muitas árvores, árvores grandes, no cavalo, como ele é bonito, sua cor dourada, tudo.

→ bem-estar

Ao fazer os exercícios que o profissional pede, a praticante executa lentamente, ao observá-la, pela expressão do seu rosto, pela lentidão com que faz os comandos, é de que talvez ela esteja com preguiça. Isso é o que de imediato me perpassa. Será que ela tá com preguiça?

→ Reflexão

A praticante realiza um exercício que ela vira de costas para a cabeça do cavalo e pega na garupa dele. Nesse momento eu fico com a atenção redobrada em como o cavalo pode se comportar nessa hora. Ele dá uma leve levantada de orelhas, mas continua ao passo da mesma forma que já estava.

→ Medo

Nesse atendimento em dupla, onde um praticante tem que passar a bola para o outro, eu percebo que todos os humanos estão rindo, inclusive eu me divirto.

→ bem-estar

ATENDIMENTO 13

O atendimento inicia. Tenho atenção com o cavalo que se assusta com o barulho do andador. Expectativa nesse momento. O praticante tem dificuldade motoras, mas ele me parece não ter medo de estar em cima do cavalo, apesar das limitações. Eu olho pro cavalo, verifico sua pele, rosto. Parece estar saudável.

medo

Eu me percebo percebendo o atendimento, vejo com atenção para a posição dos profissionais, para o modo como o cavalo anda, para o praticante, a expressão dele, a sensação que eu tenho é de segurança, tranquilidade, que está sendo um atendimento confortável para o cavalo e para a pessoa em atendimento.

bem-estar

À medida que o profissional pede para o praticante fazer o exercício com o bastão, esticando o bastão para frente, com os braços para cima, para os lados, me surgem curiosidades de *qual a importância e relevância desses exercícios para esse praticante?*

reflexão

O praticante tá bastante sorridente e eu acabo sorrindo ao vê-lo sorrir, porque eu sinto alegria.

bem-estar

O praticante sempre que me vê sorrindo e eu sorrio de volta. Ele está sentado de modo invertido em cima do cavalo. Os profissionais estão bem próximo a ele nesse movimento. O que me dá a sensação de segurança, apesar de me parecer um movimento mais complexo. É diferente para esse praticante. À medida que caminhamos, o profissional relata que passou um final de semana com uma equipe de profissionais arrancando os tocos da trilha onde há atendimento para que os cavalos não tropecem da maneira que estavam tropeçando.

bem-estar

Há um momento que o profissional fica muito atrás da traseira do cavalo e eu fiquei com medo. Minha vontade era de falar pra ele se afastar.

Medo

ATENDIMENTO 14

Penso, ao observar o atendimento, há um cuidado da profissional que está de mãos dadas com a praticante. Cuidado e proteção. A praticante tem medo do cavalo. Momento que sinto ansiedade, expectativa. Ela senta distante do cavalo e a profissional vai sentando cada vez mais perto do cavalo e chamando ela para sentar perto dela. E a praticante está indo. Enquanto isso, conversa com os outros profissionais. A profissional deu um cavalinho de pelúcia para ela segurar e o cavalo tá ali só olhando paradinho.

→ Bem-estar

→ Medo

→ Bem-estar

À medida que ela ri com o nome do cavalo, que ela chama de *tapioca*. Eu também me sinto bem nesse momento.

→ Bem-estar

Existe uma expectativa em mim de...

→ Reflexão

O que será? Será que ela vai conseguir se aproximar hoje?

Talvez uma ansiedade.]

→ Expectativa

Sinto que estamos todos seguros aqui. Inclusive a praticante e o cavalo. Percebendo a praticante, reflito sobre como é difícil estar perto de algo desconhecido.

→ Reflexão

À medida que o cavalo se mexe um pouco e vai um pouco para frente, a praticante se assusta e levanta e sobe para o andar de cima da escadaria e fica um pouco mais alta, mais distante. Me dá um certo medo agora, dela querer correr ou de cair da escadaria. Mais uma vez ela fica numa posição de que vai correr para outra, para mais um degrau e o medo dela subir, mas ela desiste no meio do caminho e continua sentada no mesmo degrau.

→ Medo